

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS**

SAMIR DOMINGUES COSTA

**VOLUNTARIADO RELIGIOSO:
UMA ANÁLISE DA *REVISTA ADVENTISTA*
(1982-2018)**

CAMPINAS

2019

SAMIR DOMINGUES COSTA

**VOLUNTARIADO RELIGIOSO:
UMA ANÁLISE DA *REVISTA ADVENTISTA*
(1982-2018)**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Breno Martins Campos

PUC-CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica elaborada por Talita Andrade Rodrigues CRB 8/9675
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

306.6
C837v

Costa, Samir Domingues

Voluntariado Religioso: Uma análise da Revista Adventista (1982-2018) / Samir Domingues Costa. - Campinas: PUC-Campinas, 2019.

104 f.: il.

Orientador: Breno Martins Campos.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Religiosidade. 2. Desenvolvimento de fé. 3. Religião - Estudo e Ensino. I. Campos, Breno Martins. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDD - 22. ed. 306.6

SAMIR DOMINGUES COSTA

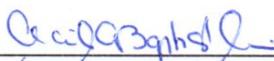
**VOLUNTARIADO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DA REVISTA
ADVENTISTA (1982-2018)**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 18 de Dezembro de 2019.



DR RODRIGO FOLLIS (UNASP)



DR CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI (PUC-CAMPINAS)



DRA. BRENO MARTINS CAMPOS – Presidente (PUC-CAMPINAS)

Às minhas mulheres, Islana, Beatriz e Camila,
sentido da minha disposição de ser melhor
e tentativa de amar e servir incondicionalmente.
Love you, girls!

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador e Mantenedor da minha existência.

A Islana, minha querida esposa. Sempre me incentivando a não desistir e ser melhor. Obrigado por tanta disposição e paciência.

Às minhas filhas, Beatriz e Camila. Sempre me trazendo alegria em momentos de desafios.

Aos familiares e amigos, que sempre estão ao meu lado com palavras de encorajamento.

Ao Prof. Dr. Breno Martins Campos, que com muita paciência sempre teve disposição para me orientar em todo este processo. Levarei para sempre seu exemplo e amizade. Muito obrigado!

Aos professores que trouxeram orientação de alto nível nestes dois anos. Orgulho-me de ter feito parte dessa história. Somente o tempo poderá confirmar esses grandes benefícios.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Follis, amigo e apoiador. Tenha certeza de que seu mentoreamento fez e faz grande diferença.

À Adventist Frontier Missions, organização internacional na qual trabalho e que ofertou todo o suporte financeiro e de tempo para a realização desta pesquisa. Sem esse apoio seria impossível. Thank you very much guys!

•

“Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo.”

Colossenses 3:23-24, NVI

RESUMO

O presente estudo descreve o desenvolvimento histórico da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), assim como aborda as tendências em relação ao voluntariado religioso adventista brasileiro. Mais especificamente, analisa as tendências apresentadas na Revista Adventista (RA) sobre voluntariado religioso (1982-2018), em busca de citações correlativas sobre o tema, visando mensurar, identificar e avaliar o desenvolvimento dos voluntários religiosos adventistas brasileiros. A discussão ocorreu a partir de uma análise documental, com abordagens quantitativa, qualitativa e bibliográfica, buscando-se discutir como está registrado esse e os demais descritores correlativos na RA. A pesquisa apresentou esse contexto histórico de diferenças, entre fraquezas e oportunidades, e assim buscou clarificar a importância do uso do termo “voluntariado” e o seu papel necessário para a história do desenvolvimento da IASD nas últimas décadas. Com base na análise desenvolvida, são levantadas algumas inquietações em relação aos desafios do voluntariado religioso adventista brasileiro, entre as quais destacam-se necessidades de envolvimento pessoal, busca de atuação em alcance global, estruturas flexíveis, parcerias ativas e comunicação transcultural intencional, assim como reflexão acadêmica mais aprofundada sobre o assunto.

Palavras-chave: Igreja Adventista do Sétimo Dia. Voluntariado Religioso. *Revista Adventista*.

ABSTRACT

This study describes the historical development of the Seventh-day Adventist (SDA) Church, as well as addresses trends in Brazilian Adventist religious volunteering. More specifically, it analyzes the trends presented in *Revista Adventista* (RA), the official Adventist magazine in Brazil, about religious volunteering (1982-2018), looking for correlative quotes on the subject, aiming to measure, identify and evaluate the development of Brazilian Adventist religious volunteers. The discussion is undertaken from a documentary analysis, with quantitative, qualitative, and bibliographical approaches, seeking to discuss how this and other correlative descriptors in RA are recorded. The research presents the historical context of differences, weaknesses, and opportunities, and thus sought to clarify the importance of using the term “volunteering” and its necessary role in the history of the development of the SDA Church in recent decades. Based on the analysis developed, some concerns are raised regarding the challenges of Brazilian Adventist religious volunteering, including the need for personal involvement, the pursuit of global outreach, flexible structures, active partnerships, and intentional cross-cultural communication, as well as further academic reflection on the subject.

Keywords: Seventh-day Adventist Church. Religious Volunteering. *Revista Adventista* (Brazil).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Principais transições nos modelos de capa da RA (1906-2018).	13
Figura 2. Alguns editores da RA.	14
Figura 3. Pioneiros mileritas que formaram a IASD a partir de 1844.....	28
Figura 4. Dados estatísticos da IASD.	38
Figura 5. Primeira IASD organizada no Brasil.....	40
Figura 6. Algumas informações do perfil do voluntario atual.	51
Figura 7. Voluntários da Adra-Brasil trazendo auxílio para moradores de Rolante-RS, vítimas de uma enchente em 2017.	57
Figura 8. Logotipo oficial do Serviço Voluntário Adventista.	61
Figura 9. Imagem comemorativa da editora adventista sobre o Impacto Esperança 10 anos e a quantidade distribuída voluntariamente pelos membros.	66
Figura 10. RA ilustra desproporção do voluntariado intercultural adventista no continente americano (nov. 2014, p. 29).....	67
Figura 11. Reportagem apresentada pela RA de uma grande frente do voluntariado religioso adventista brasileiro.	71
Figura 12. Voluntários adventistas auxiliando no maior acidente aéreo da TAM em 2007.	74
Figura 13. Quadro de testemunho para o voluntariado na RA.....	80
Figura 14. Edições comparativas (1982 e 2018) do termo “voluntário” na RA.	83
Figura 15. Edições comparativas (1994 e 2010) do descritor “serviço voluntário” na RA.	85
Figura 16. Edições comparativas (1993 e 2018) do descritivo “missionário voluntário” na RA.....	86
Figura 17. Edições comparativas (1995 e 2015) do termo “projetos comunitários” na RA.	88
Figura 18. Edições comparativas (1998 e 2013) do descritivo “trabalho social” na RA.	89
Figura 19. Edições comparativas (1983 e 2018) do termo “solidariedade” na RA.	91
Figura 20. Capa da RA (jun. 2015)	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Menções ao termo “voluntariado” na RA (1982-2018).	69
Tabela 2. Categorização da expressão “voluntariado” na RA (1982-2018)	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADRA = Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais

AFM = *Adventist Frontier Missions*

IASD = Igreja Adventista do Sétimo Dia

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MV = Movimento Voluntário

OMS = Organização Mundial da Saúde

ONU = Organização das Nações Unidas

RA = Revista Adventista

SVA = Serviço Voluntário Adventista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA: BREVE HISTÓRICO RELIGIOSO-DENOMINACIONAL	21
2.1 Origem histórica da IASD	21
2.2 William Miller.....	23
2.3 Ellen Gould Harmon-White	26
2.4 Perfil histórico e social do adventismo.....	29
2.5 IASD no Brasil	39
2.5.1 Expansão inicial da IASD no Brasil.....	39
3 VOLUNTARIADO E IASD	43
3.1 História do voluntariado	44
3.2 Voluntariado internacional	47
3.3 Voluntariado no Brasil.....	50
3.4 Voluntariado religioso	54
3.5 Voluntariado religioso adventista.....	58
3.5.1 Antecedentes históricos (1890-1982)	58
3.5.2 Serviço Voluntário Adventista (SVA) (1982-2000).....	61
3.5.3 Desenvolvimento do Serviço Voluntário Adventista (2000-2010)	63
3.5.4 Expansão do voluntariado religioso adventista brasileiro (2010-2018). 66	
3.6 Voluntariado na <i>Revista Adventista</i>	68
3.6.1 Voluntariado religioso adventista nacional na <i>Revista Adventista</i>	69
3.6.2 Voluntariado religioso adventista internacional na <i>Revista Adventista</i>	77
3.6.3 Categorização da expressão “voluntariado”	82
3.6.3.1 Voluntário	83
3.6.3.2 Serviço voluntário.....	84
3.6.3.3 Missionário voluntário	85
3.6.3.4 Projetos comunitários.....	87
3.6.3.5 Trabalho social.....	88
3.6.3.6 Solidariedade	90
3.6.4 Análise do voluntariado adventista	92
4. CONCLUSÃO.....	96
5 REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

No final do século 18, observa-se claramente o desenvolvimento do voluntariado entre o movimento religioso protestante nos Estados Unidos da América¹. A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem como origem a América do Norte e se cruza com esse movimento do voluntariado, que se fortalecia. As sociedades missionárias já existiam nos principais países protestantes da Europa, mas na década de 1880, nos EUA, houve um grande destaque em relação a esse movimento (BOSCH, 2002).

Esses grupos podem ser observados em detalhes na descrição da obra clássica de David Bosch² (2002, p. 396):

Mas um número crescente dessas novas sociedades engajou-se na causa das missões no exterior. Fundamentalmente, as sociedades se estruturavam todas com base no princípio do voluntariado e dependiam da contribuição, em termos de tempo, dedicação, e dinheiro, de seus membros.

Já no fim do século 19, houve novamente uma grande ênfase nessas sociedades com o princípio do voluntariado religioso, ilustrando o moderno estado do espírito ocidental de ativismo e sempre disposto a servir em atividades sociais a todas as nações (BOSCH, 2002, p. 401).

Na reunião de artigos apresentados pelos editores da obra *Perspectivas no movimento cristão mundial*, é possível observar também uma descrição maior do histórico desse movimento do voluntariado dentro da religião cristã. Os autores desse compêndio compartilham esse longo trajeto histórico da humanidade em seu envolvimento com o ato de servir, até a história recente dos últimos séculos, descrevendo o comportamento desses voluntários e seus objetivos alcançados (WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009).

Bosch (2002) resume esse conceito, afirmando que “o princípio do voluntariado aparenta ter uma predisposição inerente ou para a tolerância em relação a outros ou para a absolutização de seus próprios pontos de vista”. É

¹ Entende-se por voluntário, naquele momento histórico do protestantismo, todo membro regular da denominação que, sem fins lucrativos, se dispõe voluntariamente a dedicar horas semanais em diversas necessidades (interesse religioso e/ou humanitário) que a instituição eclesiástica tem como desafios ao redor do mundo.

² David Jacobus Bosch (1929-1992) foi um dos mais influentes missiólogos da teologia protestante. Sua contribuição maior se encontra no livro *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission* (1991).

dentro desse contexto do final do século 19 que a IASD inicia suas atividades, fazendo parte desse desenvolvimento protestante que estava acontecendo em diferentes movimentos cristãos.

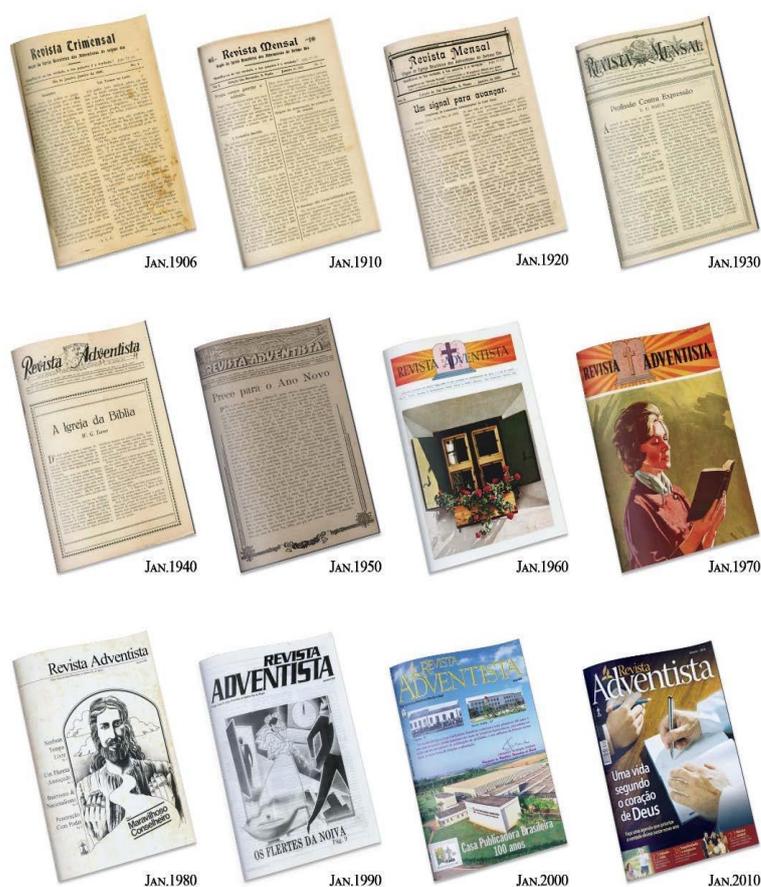
A presente pesquisa buscou, em primeiro lugar, um esclarecimento desse histórico religioso-denominacional da IASD, devido ao critério de que a análise do termo em estudo ocorreu em boa parte de fontes primárias ligadas à IASD. Em segundo lugar, o conceito de voluntariado foi explorado em uma revisão bibliográfica, tendo por objetivo fortalecer o objeto de estudo, assim como termos ligados ao tema principal, sempre com o objetivo de fortalecer o conhecimento, antes da realização da análise e busca de fraquezas e oportunidades. Após uma visão geral desses tópicos, levantaram-se as referências no *corpus* do estudo, a Revista Adventista (RA) e sua devida análise.

O periódico pesquisado, que tem mais de um século de existência, se constitui no principal veículo de comunicação mensal interna da IASD. Na edição da RA de janeiro de 2006, a edição comemora sua história de 100 anos. No artigo de capa, intitulado “Um século de história” (janeiro, 2006, p. 8-13), encontramos detalhes históricos relevantes para melhor compreender o *corpus* deste estudo.

Em 1906, com o objetivo de promover uma autoconsciência, além de apresentar o crescimento da IASD no Brasil e os planos da denominação, foi criado esse periódico. Como será visto mais adiante, a realidade populacional mundial e brasileira, no início do século passado, era bem diferente da realidade de hoje. Assim também era o número de membros da IASD no Brasil, que não passava de 1.212. Atualmente, esse periódico continua a ter sua relevância de maior órgão de comunicação para os membros da denominação.

Seu nome inicialmente era *Revista Trimensal* (embora o correto fosse *Revista Trimestral*), com o objetivo de ser publicada trimestralmente. Mas já em 1908, ela começou a ser mensal, mudando assim seu nome para *Revista Mensal*. Apenas em 1931 surgiu o nome atual, *Revista Adventista*. Em janeiro de 1906, sua edição tinha apenas 12 páginas; já em 1908, ao se tornar mensal, diminuiu para 8 páginas, duplicando em 1918 e alcançando o número de 32 páginas em 1931. Na década de 1970, chegou a 40 páginas e se mantém em torno dessa quantidade, tornando-se colorida em 1997 (Fig. 1).

Figura 1. Principais transições nos modelos de capa da RA (1906-2018).



Devido à limitação de recursos humanos à época, esse periódico era produzido por adventistas estrangeiros ou filhos de estrangeiros, sendo sua totalidade concentrada no sul do país. Tal realidade, somada ao baixo número de adventistas no país, aparenta uma atitude inovadora e até mesmo audaciosa por parte daqueles que deram origem a essa revista. Durante esse período de um século o periódico publicou várias seções, sendo a de notícias a de maior interesse para o presente estudo.

Desde o início da RA, os editores (Fig. 2) tiveram o objetivo de informar eventos relevantes dentro da IASD. O crescimento e avanço da denominação no país sempre estiveram evidenciados nas edições mensais. A partir da década de 70 foi criada uma seção especial para esses relatos, a qual se tornou uma espécie de “jornal” dentro da revista. No início esses relatos eram compartilhados em estilo de carta. Já nos anos 40 as notícias eram apresentadas no estilo do

jornalismo norte-americano e na década de 70 surgiu um padrão mais profissional, que se busca até os dias de hoje.

Figura 2. Alguns editores da RA.



Inovações, como matérias mais interpretativas, com análise e contextualização, começaram a se tornar realidade a partir do final do século 20 e início do século 21. Entre os benefícios da seção de notícias da RA, destaca-se o esforço dos membros da igreja em identificar as ações realizadas e noticiadas e, assim, buscar adaptar, com as devidas contextualizações, implementando-as em sua comunidade local. Por outro lado, a tiragem da publicação ainda é baixa, diante dos números atuais de membros (mais de 1 milhão). No entanto, a busca constante por uma revista cada vez mais conectada com a realidade continua sendo o objetivo desse periódico, que é o corpo de estudo desta pesquisa.

A origem histórica da IASD em seus registros se identifica com características apresentadas por movimentos exclusivos e voluntários (NIEBUHR, 1992). Dessa maneira, esses fatores classificam a IASD como parte do produto do funcionamento dos fenômenos religiosos (OLIVEIRA FILHO, 2004). Assim como a percepção da classificação de uma instituição religiosa nos dias atuais, como Peter Berger (2017) argumenta em sua obra *Os múltiplos altares da modernidade*.

O voluntariado está intimamente ligado à história das organizações cristãs, e a IASD reflete esse pensamento, como se pode ver na obra organizada por Cheryl Doss (2011). A autora apresenta J. N. Andrews e seus dois filhos partindo para a Europa como os primeiros missionários adventistas oficialmente enviados, assim como os Westphal e os Davis à América Central e do Sul, respectivamente. Essa herança missionária é refletida no século 21 através da busca pelo

voluntariado intercultural, sendo a RA o instrumento de identificação desse processo no presente estudo.

A IASD teve uma alta fase de expansão após sua assembleia mundial de 1901, que teve por ênfase a promoção de sua atuação em outros continentes através de voluntários. Vários adeptos surgiram na Escandinávia, Dinamarca, Inglaterra, Rússia e Austrália, assim como no Pacífico Sul, na África, na Ásia e na América Latina. A partir de então houve a formação de várias sedes administrativas nacionais e regionais da IASD, denominadas assim no jargão eclesiástico: Divisões, Uniões, Associações e Missões, além de hospitais, editoras e uma rede de ensino escolar. Esse crescimento gerou proporcionalmente um aumento do voluntariado, levando ao surgimento de um departamento da juventude, chamado Missionários Voluntários (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 168-169).

O recorte estabelecido no *corpus* da RA (1982-2018) se determina por identificar que o movimento de receber missionários e voluntários começa a se inverter do ato de receber para o início de enviar. Assim, essa outra etapa que se desenvolve será o recorte de estudo desta pesquisa, que está ligado ao último meio século da RA.

A partir dos pontos levantados até aqui, formam-se os seguintes problemas: Quais tendências apresentadas na RA sobre voluntariado religioso podem ser inferidas nesse período (1982-2018)? A RA, dentro desse recorte, apresenta informações que demonstram o desenvolvimento do voluntariado religioso da comunidade adventista brasileira?

O presente estudo descreve o desenvolvimento histórico da IASD, assim como aborda as tendências sobre o voluntariado religioso adventista brasileiro. Além disso, analisa as tendências apresentadas na RA sobre voluntariado religioso (1982-2018), em busca de citações correlativas sobre voluntariado, visando mensurar, identificar e avaliar o desenvolvimento dos voluntários religiosos adventistas brasileiros.

A construção do método realizado nesta pesquisa foi uma junção de metodologias. Na primeira etapa, foi usada a metodologia bibliográfica e documental, como Antônio Carlos Gil (2010, p. 45-69) define e orienta em seus estudos. De acordo com Eva Lakatos (1991, p. 151), “a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de

importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes, relacionados com o tema”.

Várias etapas definem a pesquisa bibliográfica, tais como fatores, natureza do problema, nível do conhecimento que o pesquisador tem sobre o assunto, a precisão da pesquisa e assim por diante. De maneira geral, as etapas que envolvem essa metodologia são a escolha do tema, o levantamento bibliográfico preliminar, a formulação do problema, a elaboração do plano provisório do assunto, a busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do texto e a redação do mesmo (GIL, 2010, p. 45).

A pesquisa documental apresenta muitos pontos de semelhança com a pesquisa bibliográfica. Revistas podem ser consideradas como um tipo de documento, e, assim, para esta pesquisa, o *corpus* citado (RA) será o objeto de estudo.

De maneira geral, resume-se também uma pesquisa documental em: formulação do problema, elaboração do plano de trabalho, identificação das fontes, localização das fontes e obtenção do material, análise e interpretação dos dados e redação do relatório (GIL, 2010, 65).

Um critério relevante é que as referências do estudo de revistas oferecem elementos para a compreensão de determinada época, devido ao seu caráter documental, já que essas visam um determinado tipo de leitor e criam uma nova concepção de mundo, gerando credibilidade para se realizar um estudo metodológico (DAVID, 2000).

A proposta da pesquisa se localiza em uma fonte bem delimitada, assim caracterizada como documental, ou seja, possui um suporte com “informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova” (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67).

Como processo de construção dos resultados, buscou-se o pensamento de Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008) quanto a uma metodologia que consiga trazer o melhor da teoria quantitativa para a análise qualitativa. Os autores argumentam que a criação de códigos e categorias para enquadrar o *corpus*, antes mesmo de se entrar em contato com ele, acaba por conduzir a um vício. Sendo melhor criar as categorias no decorrer da análise do *corpus* e depois aglutinar em categorias menores. Inverte-se a lógica, então, obtendo-se as

categorias depois da análise dos materiais e não antes. Essa foi a tentativa esperada, seguindo-se a análise das categorias encontradas (FLICK, 2008).

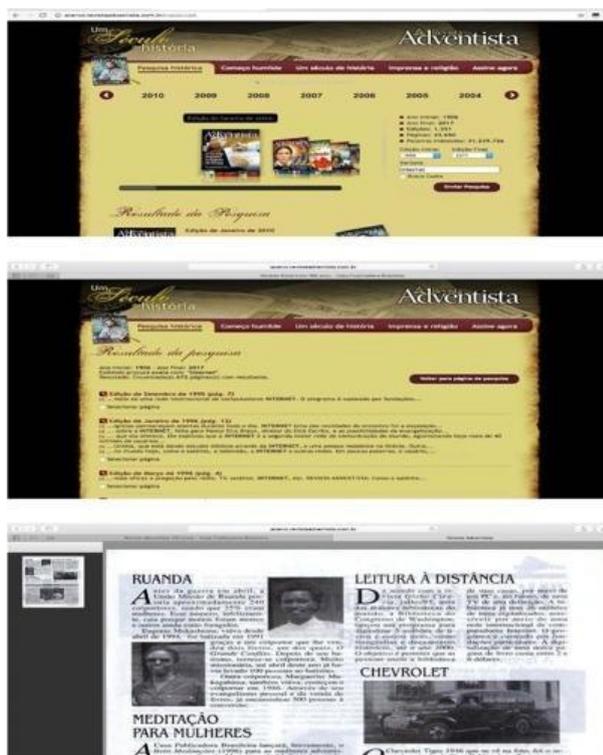
Outra etapa relevante é a categorização, que é definida por Bardin (1977, p. 117) como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero”. Dentro de todas as fases gerais dificilmente se encontrarão fórmulas mágicas que irão trazer ao pesquisador a orientação ideal nessa categorização, e Franco (1986) diz que nem é aconselhável o estabelecimento desses passos como guias. Muito mais relevante será o próprio caminho desenvolvido pelo pesquisador, baseado nos seus conhecimentos teóricos, ligados à sua competência, sensibilidade, intuição e experiência.

A codificação das unidades das categorias também é uma recomendação dentro da análise de conteúdo desenvolvida, para que não exista uma perda no grande volume de material analisado. Codificar pode ser definido como o processo através do qual os dados brutos são sistematicamente transformados em categorias e que permitam posteriormente a discussão precisa das características relevantes do conteúdo (FRANCO, 1986).

Dessa maneira, a segunda etapa da pesquisa buscou extrair esses e outros conceitos e orientações, tendo como espelho o estudo realizado por Rodrigo Follis³ (2017) em sua pesquisa sobre o desenvolvimento da comunicação na RA, em sua tese doutoral. Segue abaixo o procedimento dessa junção metodológica, para a pesquisa em estudo.

Os passos que se desenvolveram tiveram como início acessar o *site* www.revistaadventista.com.br e explorar o termo e relativos. A maior parte da pesquisa se limitou a essa busca geral. Essa plataforma *on-line* é mantida pela Casa Publicadora Brasileira, editora oficial da IASD no Brasil e responsável pela publicação do periódico. Através do *site* se pode encontrar de maneira fácil e livre todo o acervo da revista durante seus mais de 100 anos de publicação. Essa busca é automatizada e resulta em um arquivo em formato PDF com a página original do período de maneira digitalizada (FOLLIS, 2017).

³ Doutor em Ciências da Religião e mestre em Comunicação. O pesquisador desenvolve contato pessoal com o autor, sendo orientador em estudo semelhante metodológico, com datas divergentes, de semelhante corpus (RA), no Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho.



Em um segundo momento, os descritores foram catalogados. Se em uma mesma matéria foram encontradas três citações, o objetivo consistiu em explorar cada uma a partir de sua lógica do conteúdo, pois interessa ver todas as tendências e não apenas a quantidade de citações em si. Dentro desse processo de variações encontradas, com ênfases diferentes nos períodos históricos, os dados foram analisados qualitativamente, segundo orientação de Arilda Godoy (1995). Os textos, de notícias ou demais seções do periódico, foram considerados de igual modo dentro da análise empreendida, importando o histórico durante o tempo e não o gênero apenas. Como a quantidade de informação é grande, devido ao longo período pesquisado e também à frequente atenção que os assuntos abordados encontram na revista, após a análise dos textos, foi desenvolvido o fazer tabelas quantitativas para traçar as tendências encontradas (FOLLIS 2017).

As tabelas de análises foram comparadas dentro do desenvolvimento histórico em que as citações se encontram, através do ano de publicação da revista. A análise foi disposta em décadas, devido à quantidade de material que se pode encontrar, ficando mais simples de ser visualizado e de se perceber tendências globais. O período pesquisado foi da primeira edição de 1982, ano em que está registrada a fundação do Serviço Voluntário Adventista (SVA) e o

fortalecimento do pensamento dessa discussão. Chegando então até a última edição mensal de 2018, contemplando um tempo histórico de mais de três décadas de análise. O objetivo foi incluir um grande período para se perceber tendências mais consolidadas sobre o uso da descrição e dos tópicos ligados, em que se identifica um desenvolvimento popular do voluntariado dentro da instituição religiosa adventista brasileira⁴.

Dentro das citações, se tem por objetivo seguir o mesmo processo metodológico usado por Follis (2017) em sua tese doutoral:

É importante salientar que optamos, em toda a presente pesquisa, por não referenciar, no final do texto, citações de artigos e reportagens encontradas na *Revista Adventista*. Essa opção se deu por não considerarmos esse material primariamente como referência, mas como objeto/fonte do presente estudo. Evitando-se um desnecessário aumento das referências ao final do texto. Porém, todas as informações (mês, ano e página) para se encontrar as citações foram disponibilizadas diretamente no texto. Além disso, sempre que foi necessário usar uma reportagem, notícia ou artigo retirado da *Revista Adventista*, se ocultou qualquer menção ao autor responsável pelo texto. Essa informação aparece na maioria das vezes na revista, mas não foi utilizada na presente tese. Tal escolha se deu para evitar-se qualquer problema com os autores ainda vivos, ao se analisar criticamente seus textos. Como o autor da presente tese é adventista e conhece vários dos editores da revista, cremos ser prudente esse procedimento. O que em nada inviabiliza a pesquisa, pois o que importa é o conteúdo e a tendência do grupo e não os indivíduos-autores. Também se manteve a grafia original da revista, respeitando o documento tal como ele foi escrito em seu momento histórico e linguístico.

Com as tabelas definidas, foram retiradas citações da revista para serem analisadas. Devido ao número de possibilidades, se escolheu as mais representativas das tendências e dos pensamentos encontrados, não se pretendendo mencionar todas as citações localizadas, tal como se fez nas tabelas, que contemplou o total de citações de cada descritor ou categoria (FOLLIS, 2017). Esta pesquisa, em seu capítulo final, se limitou a desenvolver um diálogo das citações escolhidas com seu parecer crítico sobre o descritor analisado. Logo, não foi trazido nenhum autor externo para esse diálogo. Em uma pesquisa mais complexa, em momento posterior, isso poderia ser necessário, enriquecendo mais o estudo, seguramente.

⁴ Esse desenvolvimento se identifica facilmente em instituições internas e departamentos dentro da IASD, como: Agência de Desenvolvimentos e Recursos Assistenciais (adra.org.br), Serviço Voluntário Adventista (<https://www.adventistas.org/pt/voluntarios/quem-somos/>), Maranatha Brasil (maranathabrasil.com.br), Adventist Frontier Missions Brasil (afmbrasil.org).

A IASD é uma denominação cristã surgida em meados do século XIX – tendo, portanto, pouco tempo de existência em comparação com outras denominações cristãs, especialmente protestantes. Entende-se que seu processo de amadurecimento é constante em seu breve histórico de menos de dois séculos de existência. A descrição histórica da IASD no próximo capítulo teve por objetivo aproximar o leitor externo para a denominação. Uma melhor compreensão do desenvolvimento da IASD proporciona seguramente a oportunidade de entender o voluntariado religioso adventista brasileiro.

Buscou-se, na construção dos capítulos desta pesquisa, desenvolver o tema em três partes. O primeiro capítulo, como introdução, lança os pilares da pesquisa, assim como seus objetivos e processo de desenvolvimento. Já o capítulo 2 apresenta um breve panorama da história da IASD, a denominação cujo voluntariado está sendo avaliado. Esse conhecimento se faz necessário para o leitor externo da denominação, assim como para o pesquisador extrair informações prévias da história e de como ela influenciou de forma específica o voluntariado. O capítulo 3 é o âmago da contribuição da presente pesquisa, analisando as tendências históricas apresentadas na RA sobre voluntariado religioso (1982-2018), em busca de citações correlativas sobre o tema, visando mensurar, identificar e avaliar o desenvolvimento dos voluntários religiosos adventistas brasileiros. Finalmente o capítulo 4, que constitui a conclusão, retoma a proposta mencionada na introdução e traz uma síntese do estudo desenvolvido ao longo do trabalho.

2 ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA: BREVE HISTÓRICO RELIGIOSO-DENOMINACIONAL ⁵

O voluntariado intercultural é desenvolvido atualmente por diversas organizações, inclusive em círculos religiosos. Entre estes, encontra-se dentro da religião cristã a denominação adventista do sétimo dia. Um breve histórico dessa igreja se faz necessário para melhor compreensão do estudo da RA, periódico publicado pela IASD no Brasil e que se constitui o *corpus* da presente pesquisa. A origem dessa denominação cristã, ocorrida no século XIX, bem como sua expansão para o Brasil e suas principais doutrinas, são elementos que contribuem para uma melhor compreensão do desenvolvimento do voluntariado praticado pelo grupo religioso nas últimas décadas.

2.1 Origem histórica da IASD

A análise histórica da denominação cristã adventista neste estudo terá início no século XIX, período em que a denominação foi organizada (1863). Uma das principais características do movimento adventista, já indicada pelo próprio nome da igreja, é a expectativa da segunda vinda (ou “advento”) de Cristo. A doutrina da segunda vinda está ligada à interpretação profética do “milênio” relacionado ao conteúdo bíblico apresentado no livro de Apocalipse, capítulo 20. O tema do milênio se torna presente na história americana no século XIX, levando a diferentes interpretações teológicas. O referido texto bíblico descreve:

Vi descer do céu um anjo que trazia na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo. Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos (Ap 20:1-4, NVI).

⁵ As impressões compartilhadas desse movimento histórico e religioso se iniciam com algumas especificidades: o autor é membro regular da denominação e, assim, seu olhar irá sempre ter uma tendência, ainda que a busca da imparcialidade devida será seu compromisso e exercício constante. Em contrapartida, seu olhar deverá ser profundo, já que é conhecedor do pensamento social e teológico da denominação.

Na verdade, esses elementos bíblicos começaram a fazer parte da linguagem bíblica no início do cristianismo, com a promessa de Jesus aos seus discípulos, no momento em que ascendeu ao Céu, de que Ele retornaria. Observam-se claramente diálogos sobre esse fato nas cartas do Novo Testamento⁶. Essa promessa, na verdade, se tornou um dos principais fatores de sucesso do novo grupo religioso que estava se formando.

Dentre as linhas de interpretação profética sobre o milênio⁷, uma delas defendia que o desenvolvimento e progresso dos Estados Unidos no Novo Mundo eram o cumprimento desse milênio, que seria seguido pelo retorno de Cristo. Então, no final do século XVIII, a sociedade religiosa americana teve um comportamento nunca visto até aquele momento. Um clamor a população para viver um padrão de conduta moral como nunca antes experimentado (KNIGHT, 2005).

Esse quadro do novo comportamento americano começou a mudar com as consequências sociais de 1830, tendo a Revolução Industrial como o centro dessas mudanças em seu segundo momento de mudanças de processos. No meio religioso americano algumas pessoas passaram a viver um conflito diante dessa compreensão a respeito do milênio, começando a pensar que talvez a interpretação mantida não estivesse correta. Dentro desse quadro se inicia a história da IASD com seus pioneiros (KNIGHT, 2010a).

Surge nesse período o pioneiro do movimento adventista, William Miller (1782-1849), um leigo batista, de origem agrícola, natural do norte dos Estados Unidos. Seu discurso estava na direção contrária à do pensamento inicial da interpretação profética sobre o milênio, pois ele defendia que Jesus Cristo voltaria antes do milênio. Logo, sua interpretação das profecias bíblicas não via os Estados Unidos como protagonista diante do mundo, mas sim a segunda volta de Cristo como o elemento que deveria trazer paz e prosperidade para a humanidade (KNIGHT, 2010a).

⁶ Ver exemplos em Mt 16:27; 24:3-14, 42; Jo 14:1-3; 1Ts 4:13-18.

⁷ Apesar da semelhança de sonoridade entre os termos, faz-se necessário destacar a diferença entre *milénarismo*, a doutrina a respeito do milênio (e milénaristas, seguidores dessa doutrina), e *milerismo*, movimento originado por William Miller, que abordava, entre vários outros ensinamentos, o milênio.

2.2 William Miller

William⁸ Miller nasceu em 15 de fevereiro de 1782, na cidade de Pittsfield, no estado americano de Massachusetts. Sua família era formada por 16 irmãos, sendo ele o mais velho. Como era o caso de inúmeras outras famílias da época, Miller viveu uma infância de pobreza, trabalhando na agricultura. Mas já na infância se destacava com um grande desejo pela leitura e o aprendizado. Seu pai havia sido soldado durante as lutas de independência dos Estados Unidos, casando-se posteriormente com a filha de um pastor batista. Buscando terras mais acessíveis e novas oportunidades, a família se mudou para a cidade de Low Hampton, no estado de Nova York. Ali, a família Miller teve a oportunidade de progredir economicamente. William morava com seus pais em uma casa ampla, tendo seu próprio quarto, características da época que classificavam sua família como pertencente à classe média. Os anos se passaram e Miller se casou, indo morar na cidade de Poultney, em Vermont (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Naquela comunidade ele chegou a se envolver com a política, mas optou pela carreira militar, tornando-se capitão do exército e participante da guerra de 1812 pela independência americana. Nessa época, Miller vivenciou alguns fatos que marcariam sua vida para sempre. O primeiro deles foi a surpreendente vitória dos Estados Unidos sobre a Inglaterra, mesmo tendo um número de soldados bem menor. A segunda foi uma bomba que explodiu ao seu lado e, apesar disso, ele saiu ileso. Esses fatos em especial levaram Miller a refletir mais profundamente sobre temas como a vida após a morte e o próprio significado da vida em si. Ao retornar para casa com o fim da guerra, ele toma a decisão de voltar para Low Hampton, devido ao falecimento do pai, especialmente pelo fato de ser o filho mais velho da família. Ali começa a receber influências religiosas de seu avô e seu tio, ambos pastores batistas. Certa noite, o pregador havia faltado ao culto e solicitou-se então que William lesse um sermão, como era costume na época em tais ocasiões. Depois dessa experiência, Miller toma a decisão de iniciar um estudo detalhado da Bíblia, visando solucionar suas dúvidas originadas pelo deísmo, corrente filosófica à qual ele havia se inclinado na juventude. Após dois anos de intensa dedicação ao estudo, chega à conclusão de

⁸ A literatura publicada no Brasil pela IASD costuma traduzir o nome William por seu equivalente Guilherme.

que as profecias bíblicas eram sempre cumpridas rigorosamente e de que existiam regras a serem seguidas para essas interpretações (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Por meio de uma experiência que refletia seu racionalismo, Miller busca mostrar que todos aqueles que se dedicarem ao estudo da Bíblia podem comprovar por si mesmos a veracidade e autenticidade desse livro. Assim, ele desenvolve um estudo de regras a seguir no estudo da Bíblia, com o propósito de alcançar o homem com seu pensamento lógico e bom senso. Dessa maneira, Miller se harmoniza com o pensamento da sua época, centrado no pragmatismo. Suas conclusões são pessoais, porém cercadas pela mentalidade de sua época (SCHÜNEMANN, 2002).

Em suma, Miller começou a pregar o iminente retorno de Cristo, chegando até mesmo a estabelecer um período de tempo provável para esse acontecimento⁹. Sua persuasão ao apresentar as interpretações bíblicas chegou a mobilizar dezenas de milhares de pessoas em diversos lugares dos Estados Unidos (KNIGHT, 2005). Ao longo de dois anos (1816-1818), Miller examinou verso por verso da Bíblia, de maneira exaustiva:

“Comecei com Gênesis”, escreveu Miller, “e li verso por verso, não me acelerando muito para que o significado das diversas passagens se tornasse bastante claro, de modo que me poupasse constrangimentos. Sempre que eu encontrava algo obscuro, minha atitude era compará-la com todas as passagens colaterais; [...] eu examinava todos os textos da Escritura nos quais encontrava palavras importantes presentes em qualquer trecho obscuro. Depois, deixando que cada palavra tivesse seu devido significado no assunto do texto, se meu ponto de vista sobre ele se harmonizasse com as passagens colaterais na Bíblia, ele deixava de ser uma dificuldade” (KNIGHT, 2000, p. 10).

Com essa metodologia de estudo, Miller, através da análise das profecias bíblicas, especialmente do livro de Daniel, concluiu que em “aproximadamente 25 anos”, por volta de 1843, Jesus viria pela segunda vez. O historiador adventista Knight descreve:

Miller chegou a essa conclusão pelo estudo das profecias do livro de Daniel, especialmente de Daniel 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Tomando por base a compreensão comumente aceita de Números 14:34 e Ezequiel 4:5 e 6 de que um dia em profecia equivale a um ano, Miller calculou que a

⁹ A marcação de datas não era algo incomum aos reavivamentos americanos (KNIGHT, 2005).

profecia dos 2.300 dias chegaria a seu termo em 1843. Ao interpretar o santuário de Daniel 8:14 como sendo a Terra e a purificação deste como a purgação final da Terra pelo fogo, Miller raciocinou que Cristo voltaria à Terra no fim dos 2.300 dias, a saber, por volta de 1843 (KNIGHT, 2000, p. 11).

Miller nunca se sentiu à vontade com uma data específica para o retorno de Cristo, relutando em ser estritamente específico com relação ao tempo exato. Ele se limitava a dizer que o evento ocorreria em torno do ano de 1843. Até janeiro desse ano, Miller tinha chegado à conclusão, por meio do estudo da profecia dos 2.300 dias de Daniel 8:14 e do calendário judaico, de que Jesus voltaria entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Foi assim que os mileritas sofreram seu primeiro desapontamento” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

O milerismo ganhou novo fôlego numa reunião campal em Exeter, New Hampshire, em meados de agosto de 1844. Durante o evento, o pastor milerita Samuel S. Snow apresentou, de maneira convincente aos membros do movimento, por meio de cálculos matemáticos, que a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 se cumpriria no outono de 1844. Ao estudar amplamente as cerimônias religiosas do ano judaico, Snow concluiu que a profecia da purificação do santuário, apresentada no livro de Daniel, se executaria no Dia da Expição judaico, isto é, no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico. Snow dizia ter encontrado o dia exato da purificação, tido, pelos mileritas, como a segunda vinda de Cristo. Esse dia, em 1844, segundo o cálculo dos judeus caraitas, estava marcado para 22 de outubro. Assim sendo, afirmou Snow que Cristo voltaria em 22 de outubro de 1844 (KNIGHT, 2000).

Após um período de proclamação dessa interpretação profética, chegou o dia esperado de 22 de outubro de 1844. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 49) narram aquele dia dizendo que:

Na maior parte dos Estados Unidos, a manhã de 22 de outubro apareceu brilhante e clara. Grupos adventistas se reuniram calmamente em lares ou templos religiosos para aguardar as últimas horas da história terrestre. Talvez nada menos do que 100 mil esperavam em calma expectativa de que Jesus logo apareceria em uma nuvem luminosa. [...] Mas o grande dia passou. Muitos dos crentes continuaram aguardando esperançosamente até que os relógios soaram meia-noite. Então eles foram forçados a encarar o fato de que algo estava errado. Cristo não veio. Eles estavam devastados, inconsoláveis.

Quase a totalidade daquele movimento milerita, liderado por Miller, desapareceu. Grande parte dos participantes retornou para suas denominações de origem, enquanto outros perderam o interesse em assuntos religiosos. No entanto, um outro grupo se ramificou em diversas interpretações do que realmente poderia ter ocorrido naquele dia. Dentre esses, os que acreditaram que em 22 de outubro de 1844 não ocorreria o retorno de Cristo, mas o cumprimento do Dia da Expição do santuário terrestre (TIMM, 2002). O relato bíblico assim descreve essa solenidade:

Disse o Senhor a Moisés: "O décimo dia deste sétimo mês é o Dia da Expição. Façam uma reunião sagrada e humilhem-se, e apresentem ao Senhor uma oferta preparada no fogo. Não realizem trabalho algum nesse dia, porque é o Dia da Expição, quando se faz propiciação por vocês perante o Senhor, o Deus de vocês. Quem não se humilhar nesse dia será eliminado do seu povo. Eu destruirei do meio do seu povo todo aquele que realizar algum trabalho nesse dia. Vocês não realizarão trabalho algum. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que vocês morarem. É um sábado de descanso para vocês, e vocês se humilharão. Desde o entardecer do nono dia do mês até ao entardecer do dia seguinte vocês guardarão esse sábado" (Lv 23:26-32, NVI).

2.3 Ellen Gould Harmon-White¹⁰

Ellen G. White (1827-1915), foi uma das fundadoras da IASD. De formação metodista, ela havia se convertido à mensagem do segundo advento em uma das séries evangelísticas de William Miller. Ellen ainda jovem começou a ter sonhos, que foram considerados como visões. Suas primeiras visões estavam diretamente ligadas com o desapontamento, e, poucos meses depois do fato ocorrido em 22 de outubro de 1844, ela afirmou ter recebido uma visão apresentando os equívocos da interpretação sobre o retorno de Cristo e indicando que os estudos sobre o santuário eram a chave que levaria à compreensão correta desse tema, o desapontamento. É interessante notar que nesse momento sua fala ainda não tinha nenhuma autoridade, basicamente por ser uma garota de 17 anos e ninguém ter conhecimento de algum histórico relevante de sua pessoa. Assim, o estudo sistemático da Bíblia nesse período de formação continuava sendo o único método teológico para aquele grupo (KNIGHT, 2005).

¹⁰ Em 30 de agosto de 1846, Ellen se casa com James (em português, Tiago) Springer White, em Portland, Maine (EUA). Assumindo então seu nome de casada, Ellen Gould White e sendo conhecida apenas por Ellen White nos dias atuais.

Com o passar dos anos, Ellen White se tornou o personagem mais influente da história da IASD. No período de formação e solidificação dessa denominação cristã, ela foi considerada como tendo o dom profético. Claro que isso trouxe a ela um papel de liderança nesse processo de construção da identidade adventista (SCHÜNEMANN, 2002).

Nascida no estado americano do Maine, Ellen aceitou, juntamente com seus familiares, as mensagens pregadas por Miller. Esse processo demorou um pouco, mas finalmente toda a família aceitou e se tornou ativa no movimento milerita. Sua história na infância é marcada por um acidente que trouxe limitações severas em sua saúde física. Uma pedrada no rosto, ao ir para a escola, tirou alguns anos de sua saúde na fase juvenil da vida. Ela então fez parte do Grande Desapontamento de 1844, entre aqueles que eram seguidores de Miller. Mesmo estando doente naquele período, ela descreve que havia tido uma “visão” do povo de Deus que ali estava, e que todos eles estavam chegando ao Céu. Esse foi o início de muitas outras “visões” que ela teve no período de sua carreira profética¹¹ (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Afirmando receber orientação divina, ela descreve a necessidade de compartilhar essas informações que estaria recebendo e assim começa a viajar. Dentre essas viagens, visita seu estado natal e conhece James White, com quem se casa após um ano de namoro. James se torna um dos fundadores da IASD e ela se consolida como líder na formação dessa igreja, por ser esposa dele, unindo forças administrativas na construção dessa nova denominação. Muitos anos depois, quando se torna viúva, sua influência permanece e se solidifica mais ainda no processo de desenvolvimento da denominação. Em seu histórico, pode-se encontrar registros de importantes períodos de sua vida, como sua viagem à Europa de 1885 a 1887, onde ajudou grandemente o estabelecimento da igreja, que estava nascendo naquele continente. Logo depois, também se deslocou para a Austrália e ali esteve presente por quase uma década (1891-1900), liderando a construção de uma relevante instituição educacional, tornando-se assim uma referência para aquela região do mundo adventista e fortalecendo a expansão da

¹¹ Para maior conhecimento do conteúdo dessas “visões” no período inicial, verificar seu livro (WHITE, 2007) e o documento oficial que se encontra no *site* da IASD, trazendo assim esclarecimento do profeta e sua profecia em seu conceito teológico: “Inspiração/revelação: o que é isso e como funciona”, disponível em: <www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/o-dom-profetico-em-operacao/>. Acesso em: 22 mai. 2019.

IASD naquela região do planeta. Ao retornar para os Estados Unidos, inicia uma campanha de expansão para o sul do país, dando atenção especial aos negros. Depois disso, vai ao sul da Califórnia, onde faz parte da construção do maior polo hospitalar da denominação, com escola médica, instituição que hoje é uma referência nacional¹² (SCHÜNEMANN, 2002).

Se pudéssemos fazer um resumo sobre esse início, podemos dizer que a formação inicial desse processo se concentra desde 1844, logo após o desapontamento relativo à volta de Cristo, até 1863, quando oficialmente a IASD se registra como denominação. Nesse período, um corpo de líderes (Fig. 3) foi se tornando realidade para essa nova denominação. Já entre os principais tópicos que envolvem esse momento consistem desde a primeira visão de Ellen G. White, seu chamado ao ministério profético, esforços públicos de reconhecimento do seu ministério, integração das crenças fundamentais dos adventistas, o movimento das “conferências sabáticas”, a obra de publicações, o horário de início do sábado, a visão do “grande conflito”, o plano de doação sistemática e, finalizando esse período, a organização das Associações locais e da Associação Geral, assim como a definição do registro do nome IASD (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Figura 3. Pioneiros mileritas que formaram a IASD a partir de 1844.



Esse é apenas um breve resumo das contribuições de Ellen White, que

¹² Para maior conhecimento dessa instituição médica, consultar o *site* oficial de *Loma Linda University Health*, <www.lluh.org>. Acesso em: 22 mai. 2019.

visa a demonstrar sua influência na origem, consolidação e expansão da IASD. É importante frisar que ela foi uma das últimas pioneiras da denominação a falecer (1915)¹³, tornando-se naturalmente a pessoa que ofertou suas contribuições por um período mais longo de tempo. Lembrando que suas frequentes “visões” traziam autoridade para suas orientações, mesmo nunca tendo recebido nenhum cargo oficial ou ordenação ministerial. Seus escritos ainda permanecem como referências para tomadas de decisão e conduta dos membros da IASD.

2.4 Perfil histórico e social do adventismo

Historiadores e sociólogos, ao comparar outros movimentos milenaristas do mesmo período, como os mórmons e as testemunhas de Jeová, consideram o início dos adventistas como um processo rápido de transição da instabilidade pós-milerita para a sua formação, consolidando-se como um movimento pequeno, porém estável. O teólogo Herbert Douglass (2002) apresenta, em sua pesquisa como historiador da denominação, alguns motivos para esse fenômeno na expansão da IASD:

(1) eles se separam dos outros pós-mileritas e milenaristas após a reformulação de ideias; (2) eles pregavam não apenas o advento, mas as condições para ele; (3) essas condições eram validadas pela inspiração divina, por cujo meio o grupo adquiria uma fonte independente de inspiração, à parte das Escrituras; (4) eles estabeleceram um ministério profissional, o que abriu caminho para outras agências especializadas; (5) eles desenvolveram interesse adicional pela educação, regime alimentar, cuidado médico, liberdade religiosa e rigorosa observância do sábado, [o que] promoveu o avanço da denominação tanto do ponto de vista ideológico quanto institucional (DOUGLASS, 2002, p. 183).

Observa-se que há características de um movimento separatista e exclusivista no desenvolvimento inicial do adventismo. Entretanto, esse perfil estava intimamente ligado com a origem puritana dos Estados Unidos, que tinha rompido com o anglicanismo europeu. O restauracionismo também contribuiu para que esse isolamento acontecesse, já que ajudou a formar o pensamento milerita do século XIX, do qual os fundadores da IASD fizeram parte (NOVAES, 2016, p. 84).

O exclusivismo inicial dos adventistas estava ligado diretamente com a

¹³ John Loughborough seria o último pioneiro adventista, vindo a falecer em 1924.

evolução da compreensão missiológica do movimento. O pensamento inicial era de que os Estados Unidos tinham uma representação mundial, devido a sua riqueza de etnias no país; logo, a profecia de compartilhar a mensagem do retorno de Cristo a todas as nações estava se cumprindo, através de uma amostragem da população mundial. Esse raciocínio foi perpetuado por muitos anos no período de formação do pensamento adventista (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

Contudo, isso mudou na década de 1870, com o envio oficial (em 1874) do primeiro missionário intercontinental da denominação: John Nevins Andrews (1829-1883). Esse fato registra o marco da IASD como uma igreja de alcance mundial, mais inclusiva¹⁴, mesmo tendo sua origem com características de um movimento exclusivista. Os historiadores da IASD buscam compreender e dividir a história da denominação dentro desse fator de envio. Quatro períodos básicos se destacam: “(1) missão restrita à América do Norte (1844-1874); (2) missão a todos os continentes (1874-1901); (3) missão a todos os países (1901-1990); e (4) missão a todos os povos (1990-)” (TIMM, 2011).

Desse período histórico da denominação, temos os estudos de José J. Oliveira Filho (2004), autor brasileiro, que compartilha também essa evolução da IASD. O autor afirma que, em 1848, Ellen G. White afirmou ter recebido uma visão sobre a necessidade de iniciar a modesta impressão de um periódico, que foi denominado inicialmente *Presenth Truth*. Ellen, seu esposo James White¹⁵ e, posteriormente, os demais pioneiros iniciaram, a partir daquela publicação, a impressão de outros panfletos, revistas e livros, que se concretizaram posteriormente na primeira editora da denominação adventista, a Review and Herald Publishing Association (RHPA). Depois, outras casas publicadoras começaram a surgir, como a Pacific Publishing Association, em Oakland, Califórnia e, em 1901, a Southern Publishing Association, no sul do país. Aqui no Brasil, a editora adventista tem por nome Casa Publicadora Brasileira (CPB) e iniciou suas atividades em 1900.

¹⁴ Para melhor compreensão desse período de exclusão e inclusão da IASD, ver Neufeld (1996, p. 249-252).

¹⁵ James White (na língua portuguesa apresentado como Tiago) foi cofundador e líder da IASD. Se tornou o primeiro presidente e também foi editor da primeira editora da denominação. Para melhor compreensão de sua bibliografia, ver a obra *Enciclopédia Ellen G. White*, organizada por Denis Fortin e Jerry Moon (2018, p. 611-615).

A filosofia de educação adventista surge alguns anos depois, a partir de 1874, na cidade de Battle Creek, Michigan. A primeira escola primária foi fundada nesse ano, nascendo então uma rede educacional nos Estados Unidos, e posteriormente se tornando presente em todos os continentes¹⁶. O pensamento da liderança educacional desde o começo foi orientado pelos escritos de Ellen G. White. Seus livros como *Educação e Conselhos aos professores, pais e estudantes* se tornaram a base dessa filosofia, abrangendo orientações que envolviam decisões administrativas e pedagógicas a serem seguidas. O objetivo maior dessa estrutura educacional sempre teve como intuito a oferta da salvação para a vida eterna e o preparo de crianças e jovens para servirem como missionários nas diversas necessidades de atuação da igreja (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 165).

O panorama social desse perfil do adventismo pode ser relacionado às contribuições de Niebuhr (1992), enquadrando o adventismo dentro de grupos minoritários, devido ao afastamento dessa comunidade do poder político e econômico. A história religiosa está repleta desses exemplos meritórios, que são analisados pelo autor. Os diferentes grupos que se enquadram nesse perfil têm por característica a revolução ou a tendência de uma religião para a salvação, sendo esse também o caso da IASD.

Dentro dessa classificação de não privilegiados se encontra a característica de uma igualdade maior da mulher. Logo, a figura de Ellen White, como profetisa, fortalece esse papel e traz para o histórico da denominação esse espaço eclesiástico da mulher. Funções ativas como diaconisas e outras foram espaços criados e que promoveram uma liderança feminina. Ellen White, mesmo não sendo ministra ordenada, acaba exercendo um papel muito superior a essas funções tradicionais. Com seu carisma e sendo uma das últimas pioneiras vivas, sua autoridade como liderança feminina leva sua fala a estar acima de qualquer outra autoridade (SCHÜNEMANN, 2002).

Ao definir o denominacionalismo, Niebuhr (1992) compartilha que o comportamento social de uma época define a denominação cristã muito mais do que fatores religiosos. Ao buscar a origem da IASD, é possível observar que,

¹⁶ Atualmente a Educação Adventista se faz presente em 165 países, sendo 7.842 o número de instituições, com 94 mil professores e 2 milhões de alunos, constituído assim uma rede educacional de alcance mundial. Ver: <<https://www.educacaoadventista.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

entre seus fundadores, apenas um estava ligado diretamente à liderança do movimento milerita. Toda a influência social desse movimento acaba não se tornando seu grande referencial. Na verdade, a formação pioneira da IASD vem daqueles que participaram do movimento milerita sem maior expressão.

Outro item de comportamento social dessa nova denominação é a origem econômica do grupo. Em seus escritos, Ellen White apresenta claramente as limitações financeiras que o casal White enfrentava, por exemplo. E a análise histórica da IASD mostra que um grupo urbano que fazia parte do movimento milerita, concentrado em Michigan, tinha dificuldades financeiras. Com o desenvolvimento da IASD, um novo grupo social começa a fazer parte da denominação: os fazendeiros do estado. Esse grupo pode ser identificado diretamente com a análise de Niebuhr (1992), que faz uma ligação direta do caráter puritano com a classe média.

Assim, é possível relacionar o desenvolvimento da IASD em seus primórdios com uma classe média puritana, como também com uma classe média pobre, composta por profissionais liberais. Michigan se tornou um ambiente bem mais produtivo do que a Nova Inglaterra e, assim, muitos dos novos membros da IASD começaram a ter maior poder aquisitivo, devido à boa produção de suas terras. Essa característica dos membros fortaleceu ainda mais a construção dessa classe média dentro da denominação. Desse modo, a classe média se definiu como a classe social típica do adventismo, diferindo-a dos grupos mais pobres que o movimento milerita construiu (SCHÜNEMANN, 2002).

Dentro do comportamento social adventista, os princípios de uma vida saudável têm grande destaque. Esse elemento se torna inferior apenas para doutrinas como o sábado e o dom profético. A medicina dos Estados Unidos no século XIX tinha claras limitações, trazendo uma imagem de um sistema de saúde precário. Isso acabou criando um espaço para movimentos de práticas alternativas. Ellen White dedicou centenas de páginas escritas sobre o assunto, motivando uma forte rede de saúde em nível mundial para essa nova instituição que estava se formando a IASD (FORTIN, 2018).

Durante a história social da IASD, sua classificação dentro do cristianismo sempre foi tema de debates. Alguns a classificam na categoria de seita, em sentido teológico, especialmente devido à sua compreensão escatológica e ao papel de Ellen White. Mas, ao se realizar uma avaliação geral

do uso regular da Bíblia, de suas crenças doutrinárias, da liturgia, da adoração e de outros itens, vê-se claramente semelhanças com o movimento protestante regular. Como a IASD tem sua formação no século XIX, nos Estados Unidos, um certo grupo de estudiosos classificam o movimento adventista como parte do protestantismo. Pode-se notar também que a IASD busca constantemente se afastar dos movimentos milenaristas, não tendo, por exemplo, nenhuma data que defina a segunda volta de Cristo. Por outro lado, a igreja ainda tem uma ligação muito forte com seu país de origem, os Estados Unidos da América. O americanismo ainda é um elemento distintivo de uma igreja mundial e diversa. Posição de conciliação e ideias pacifistas também sempre permearam a comunidade adventista americana e, posteriormente, a IASD mundial (SCHÜNEMANN, 2002).

Décadas depois de seu início, alguns temas começaram a tomar espaço na liderança da denominação, que visavam ao fortalecimento dela. Inicialmente, a preocupação do movimento consistia em responder à pergunta: “O que é adventista no adventismo?” Contudo, no período de 1886 até 1919, o adventismo procurou responder à pergunta: “O que é cristão no adventismo?”, admitindo que a ênfase nas doutrinas distintivas tinha acarretado um distanciamento do cristianismo protestante. Já no período de 1919 a 1950, a IASD assistiu à luta do adventismo para responder à pergunta: “O que é fundamentalista no adventismo?”, por causa das tentativas do adventismo de se aproximar do mundo evangélico conservador, ao mesmo tempo em que intencionava se afastar do universo modernista e liberal¹⁷. E, finalmente, no período de 1950 até os dias atuais, Knight (2005, p. 202) começa a analisar que essas três perguntas, que nortearam o debate e a autocompreensão do movimento desde sua origem, agora estão “sendo propagadas ao mesmo tempo”.

Essas questões ainda permanecem com o passar das décadas. Estudos adventistas recentes, e que levam em consideração temas como secularização, pós-modernidade, nova configuração demográfica e vida nos grandes centros urbanos, implicam, direta ou indiretamente, na revisão de várias das normas restritivas eclesiais estabelecidas por ocasião dos textos fundadores do adventismo e também na rediscussão a respeito da identidade

¹⁷ Para melhor compreensão sobre o tema fundamentalismo cristão e o adventismo, verificar a pesquisa de Malheiros (2016, p. 223-247).

denominacional originalmente sectária. Dentre os teólogos adventistas que discutem essas divergências e necessidades, destacam-se as obras¹⁸ de Malcon Allen (1995), George Knight (2005; 2011), Gary Land (1998b), Alberto Timm (2001; 2002; 2004; 2011) e Fernando Canale (2010; 2011) como os principais colaboradores (NOVAES, 2016).

Visando uma melhor compreensão, o Manual da IASD descreve detalhes de sua organização, assim como o conjunto de crenças principais. Ele descreve que:

De acordo com o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (2015), a organização administrativa da denominação divide-se em:

1. Igreja local (a face pública da igreja).
2. Associação ou Missão (organizações de igrejas de um estado ou parte dele).
3. União ou União-Missão (composta por várias associações de uma área geográfica).
4. Divisão (sede administrativa que engloba várias Uniões de um determinado continente).
5. Associação Geral (órgão administrativo máximo da IASD).

Ainda segundo o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (2015), a hierarquia eclesiástica adventista é composta por:

1. Pastor/ministro (chefiar a igreja ou grupo de igrejas).
2. Ancião (administrar, conquistar fiéis e fornecer liderança religiosa, especialmente nos momentos de ausência do pastor).
3. Secretário (realizar tarefas administrativas operacionais).
4. Tesoureiro (realizar tarefas administrativas/financeiras de caráter operacional).
5. Diáconos (contribuir para o bom funcionamento da igreja local e manter a propriedade da igreja).
6. Membros dos ministérios (zelar pela interação da igreja com a população, a partir de orientações relacionadas a determinados ministérios).

A IASD desenvolveu também uma obra específica para o seu conjunto

¹⁸ Vale destacar que a ordenação de mulheres ao ministério pastoral ainda não é uma realidade na denominação, logo o número de interlocutoras também não o é, como se observa em questões acima e na lista de autores do gênero masculino. Mesmo tendo uma mulher como profetisa, o círculo pastoral e teológico é, em sua quase totalidade, de homens.

de crenças. Ela se chama *Nisto cremos* (2003). Os adventistas sustentam a Bíblia como “única regra de fé e prática” e expressam os ensinamentos bíblicos em 28 Crenças Fundamentais. Logo abaixo elas estão resumidas, porém na obra completa maior compreensão se faz de cada doutrina defendida. Eles acreditam:

- 1 – nas Escrituras Sagradas;
- 2 – na Trindade, ou seja, a existência de um só Deus em três pessoas coeternas, Pai, Filho e Espírito Santo;
- 3 – em Deus, o Pai, justo e santo, compassivo e clemente;
- 4 – em Deus, o Filho, que morreu na cruz pelos pecados humanos e no lugar destes, tendo ressuscitado dentre os mortos, e que em breve voltará;
- 5 – em Deus, o Espírito Santo, que atrai e convence os seres humanos, inspirando-os;
- 6 – no Deus Criador, que criou todas as coisas e revelou através das Escrituras sua atividade criadora;
- 7 – na natureza do ser humano, ou seja, homem e mulher formados à imagem de Deus com individualidade e com poder e liberdade de pensar e agir;
- 8 – no grande conflito entre Cristo e Satanás originado no Céu e que trouxe uma rebelião à Terra;
- 9 – na vida, morte e ressurreição de Cristo como único meio de salvação;
- 10 – na experiência da salvação, que é dom da graça, tornada efetiva pelo arrependimento humano, o qual o faz nascer de novo;
- 11 – no crescimento em Cristo por meio da oração, ou seja, na capacidade do fiel de se salvar dos males do mundo por meio de uma providência divina que transforma cada tarefa em uma experiência espiritual;
- 12 – na igreja, enquanto comunidade de crentes que confessam a Jesus Cristo como único Senhor e Salvador;
- 13 – no remanescente e sua missão, formado por aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus e anunciam a chegada da hora do juízo, proclamando a salvação por meio de Cristo;
- 14 – na unidade no corpo de Cristo, através da noção de comunidade, tendo em vista a igreja ser um corpo com muitos membros;
- 15 – no batismo por imersão na água na fase adulta;
- 16 – na ceia do Senhor, com a prática da cerimônia de lava-pés, que

representa renovada purificação e disposição de servir um ao outro em humildade semelhante à de Cristo;

17 – nos dons e ministérios espirituais para exercer funções reconhecidas pela igreja em ministérios pastorais, evangelísticos, apostólicos e de ensino;

18 – no dom de profecia concedido a Ellen White, que proporciona conforto, orientação, instrução e correção à igreja, cujos escritos se baseiam nas Escrituras Sagradas e foram inspirados por Cristo;

19 – na lei de Deus, incorporada nos Dez Mandamentos e exemplificada na vida de Cristo;

20 – no sábado como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e prática de Jesus;

21 – na mordomia cristã, reconhecendo a importância do uso do tempo, das oportunidades, capacidades, posses, bênçãos da terra e seus recursos, e, em contrapartida, devolvendo em dízimos, dando ofertas para proclamação do evangelho e manutenção/crescimento da igreja;

22 – na conduta cristã semelhante à de Cristo, ou seja, envolvendo os crentes em atividades que produzirão pureza, saúde e alegria;

23 – no matrimônio e na família;

24 – no ministério de Cristo no santuário celestial, ou seja, na existência de um santuário no Céu;

25 – na segunda vinda de Cristo;

26 – na morte como um estado inconsciente para todas as pessoas, pois Deus é o único imortal e a imortalidade será concedida apenas àqueles que aceitam a morte e ressurreição de Cristo;

27 – no milênio¹⁹ e o fim do pecado, isto é, no julgamento que tornará o Universo livre eternamente do pecado e dos pecadores;

28 – na nova Terra, ou seja, num lugar considerado como lar para aqueles que já foram julgados como justos.

Observa-se, conforme análise dos fundamentos da doutrina da IASD, que os adventistas acreditam que devem manter uma conduta compatível com as

¹⁹ Para melhor compreensão doutrinária adventista sobre o milênio ver “O milênio e o fim do pecado”. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/crencas/>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

instruções bíblicas reservadas para os fiéis que estão se preparando para o segundo retorno de Jesus Cristo (DUARTE, 2013). Além disso, os adventistas apresentam, em todos os seus órgãos de comunicação oficial, sua missão e visão, definindo quem são:

Missão

Fazer discípulos de todas as nações, comunicando o evangelho eterno no contexto da tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12, convidando-as a aceitar a Jesus como seu salvador pessoal e unir-se a Sua igreja remanescente, instruindo-as para servi-Lo como Senhor e preparando-as para Sua breve volta.

Visão

Em harmonia com as grandes profecias das Escrituras, entendemos que o clímax do plano de Deus é restaurar toda a Sua criação à completa harmonia com Sua perfeita vontade e justiça.²⁰

A IASD em seus mais de 150 anos de existência, e, apesar das características históricas acima citadas, hoje já se observar um dinamismo em suas atividades, como hospitais, fábricas de alimentos saudáveis, rede de ensino, canais de rádio e televisão, agências assistenciais, entre outras atividades. Todas essas frentes gerou um desenvolvimento desse retrato inicial lá no final do século 19. Atualmente, apesar de um número restrito de membros a nível mundial em comparação com a população geral, ela pode ser considerada uma igreja global, presente na maioria dos países reconhecidos pela ONU (Fig. 4).

²⁰ Ver “Quem são os adventistas?” Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

Figura 4. Dados estatísticos da IASD.



Fonte: “Adventistas no mundo”. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/adventistas-no-mundo/>>. Acesso em: 23 maio 2019.

A Figura 4 descreve um pouco dessa realidade institucional da IASD, em suas diversas áreas de atuação. Podemos resumir que os adventistas do sétimo dia, com aproximadamente 20 milhões de membros no mundo, se tornaram uma igreja cristã protestante organizada em 1863, nos Estados Unidos. Sua origem ocorre logo depois do movimento liderado por William Miller, que ressaltou a necessidade de maior ênfase na pregação sobre a breve volta de Jesus Cristo a este mundo. Que a sede sul-americana da IASD, responsável pela coordenação administrativa em oito países, registra mais de dois milhões desses membros. E a expansão da IASD para além do território norte-americano se inicia no final do século XIX, sendo que o primeiro contato da denominação chega ao Brasil através da distribuição de literatura cristã.

Uma descrição parcial do desenvolvimento da IASD no Brasil, país que hoje tem a maior população de membros da denominação, dentre os 215 países em que ela está presente, se faz necessária para uma melhor compreensão e contextualização do presente estudo.

Se faz necessário também descrever que a origem histórica e doutrinária da IASD, segundo registros, se identifica com características apresentadas por movimentos exclusivos e voluntários (NIEBUHR, 1992). Esses

fatores mencionados acima, e outros que serão explorados posteriormente, classificam a IASD como parte do produto do funcionamento dos fenômenos religiosos²¹, segundo estudos de Oliveira Filho (2004). Recorrendo também aos estudos de Peter Berger (2017) a IASD também se enquadra como uma instituição.

2.5 IASD no Brasil

Existem atualmente registros históricos que descrevem toda essa relação com riqueza de detalhes. Eles afirmam que a expansão latino-americana do adventismo ocorreu a partir da segunda metade do século XIX, inicialmente através de publicações enviadas à Argentina por alguns parentes de imigrantes alemães, e posteriormente com a vinda de “colportores” (vendedores de literatura cristã), pastores e médicos que estabeleceram missões, como, por exemplo, a do pastor Stahl, na Bolívia, entre as populações incas do lago Titicaca. Com a criação de uma escola na Argentina, poucos anos após o pastor F. H. Westphal²² ter criado a primeira igreja entre pequenos agricultores, difundiu-se o adventismo pelo Uruguai e pelo Brasil (GREENLEAF, F., 2011).

2.5.1 Expansão inicial da IASD no Brasil

Do final do Império à Primeira República, estabeleceram-se núcleos adventistas em várias regiões do Brasil. Inicialmente, com a chegada de exemplares de *Stimme der Wahrheit* (A voz da verdade) através do porto de Itajaí para alemães de Brusque, no final do século XIX; assim, os periódicos editados em Battle Creek, Michigan, tornaram inúmeras famílias “interessadas” nas doutrinas adventistas.

O colportor Albert B. Stauffer chegou ao Brasil em 1893, vindo da Argentina e do Uruguai, dedicando-se à venda de literatura denominacional entre alemães de Indaiatuba, Rio Claro, Piracicaba e outras localidades, resultando nos primeiros “interessados”. Apesar de sofrer perseguição nesse processo, a nova constituição trouxe a ele e os demais o direito a liberdade de culto.

²¹ Para melhor compreensão do termo “fenômenos religiosos”, consultar o artigo “Fenomenologia da Religião” de Nicola Maria Gasbarro, na obra *Compendio da Ciência da Religião* (2013, pp. 75-99).

²² O pastor Frank H. Westphal é presente com maiores detalhes de sua trajetória na obra “A Chegada do Adventismo ao Brasil” de Michelson Borges (2000).

A primeira congregação foi organizada em 1896 (Fig. 5), em Gaspar Alto, Santa Catarina. Nesse ano existiam, no país, cinco grupos adventistas efetuando reuniões periódicas, as Escolas Sabatinas: em Campo dos Quevedos e Taquari, no Rio Grande do Sul; em Joinville, Santa Catarina; e em Rio Claro, São Paulo. Por volta de 1900, aproximadamente, cem membros pertenciam à congregação formada em Gaspar Alto, onde surgira uma escola paroquial.

Figura 5. Primeira IASD organizada no Brasil.



Quando chegou o primeiro obreiro oficial da igreja no Brasil, Frank Westphal, em 1895, encontrou vários núcleos do adventismo formados por famílias. Alguns já tinham sido batizados e outros já guardavam o sábado. Esses eram frutos especialmente do trabalho dos colportores que vieram para o Brasil, como Albert Stauffer (o primeiro a vir, em 1893), trazendo livros em alemão e começaram trabalhando nas colônias alemãs de Santa Catarina. Assim como levavam a mensagem adventista, também encontravam aqueles que haviam aceitado o adventismo através das revistas. Um bom exemplo é o do colportor Albert Bachmeyer, que descobriu famílias que guardavam o sábado em Brusque e Gaspar Alto e que formariam posteriormente o primeiro núcleo adventista no Brasil. Mas, apesar da motivação e do relativo sucesso com que os colportores vinham vendendo livros em alemão, Stauffer percebeu que, para espalhar a mensagem adventista por todo o Brasil, eram necessários livros em português.

Então, ele solicitou à Associação Geral da IASD, nos Estados Unidos, que passasse a editar livros no Brasil e em português. Em 1894, W. H. Thurston chega ao Brasil para apoiar Stauffer e publicar livros em português. Com o desenvolvimento da colportagem no Brasil e o crescimento de membros, houve a necessidade da vinda de pastores para o Brasil. Entretanto, nos Estados Unidos, sede mundial da igreja, o número de pastores era pequeno, o que dificultava o envio destes para o Brasil. Ainda assim, a Comissão de Missões Estrangeiras fez vários chamados, mas inicialmente apenas um ministro veio para o Brasil. O primeiro ministro a chegar ao Brasil, como já foi dito antes, foi F. H. Westphal, em 1895. Em um mês de trabalho batizou mais de vinte pessoas, sendo Guilherme Stein Jr. o primeiro brasileiro a ser batizado (GREENLEAF, 2011).

Após a chegada dos pastores, outro meio de estabelecer o adventismo no Brasil foi através de instituições como as escolas e a editora. Uma das primeiras escolas foi a de Curitiba, inaugurada em 1º de julho de 1896. Essa escola tinha aulas de segunda-feira a sábado, sendo que no sábado acontecia apenas a aula de religião (na verdade, um culto), com a presença de alunos e pais. Em 1901, já eram cinco as escolas adventistas no Brasil. O desenvolvimento das escolas foi acompanhado pelo das publicações. Em 1900, foi impressa no Brasil a primeira publicação adventista em português, *O Arauto da Verdade*, um jornal missionário. Guilherme Stein Jr. foi escolhido para ser o editor da nova publicação (GREENLEAF, 2011).

Desde o início, a expansão adventista foi estabelecida por meio do maior acesso às suas publicações, alcançando grande destaque entre 1900 e 1905, com a fundação da Gráfica Adventista, que, posteriormente, veio a se chamar Casa Publicadora Brasileira. Localizada atualmente na cidade de Tatuí, interior do estado de São Paulo, a Casa Publicadora Brasileira é uma das 61 editoras pertencentes à IASD e tem sob sua responsabilidade a publicação e venda, dentre outros produtos, da RA, conhecida mundialmente, dentre outras publicações destinadas aos fiéis adventistas. Essas publicações têm por objetivo disseminar a manutenção do estilo de vida conservador dos fiéis e prestar esclarecimentos sobre as realizações das igrejas (CASA PUBLICADORA BRASILEIRA, 2012).

Para Schünemann (2002), no Brasil e em alguns países da América Latina, a expansão dessa igreja se justifica pelo oferecimento de escolas,

colégios, clínicas e hospitais. Em relação as instituições de saúde, ancoradas na doutrina adventista e nos escritos proféticos de Ellen White, elas apresentam a ênfase nos cuidados com a saúde, por meio do estímulo à manutenção de hábitos de vida mais saudáveis, incluindo a ingestão de determinados alimentos e a importância da prática de atividades físicas.

Podemos destacar também a rede de rádio e televisão adventista, a Novo Tempo, que, além de disseminar o evangelho, concede oportunidade de trabalho aos adventistas que se interessam por atuarem na área de jornalismo. Outra frente de atuação relevante é a Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (Adra), uma organização humanitária de amplitude global responsável por projetos assistenciais relacionados às áreas de segurança alimentar, desenvolvimento econômico, educação básica, saúde primária e gestão de emergências.

Compreender o voluntariado em seu contexto geral, de maneira nacional e internacional, assim como seu desenvolvimento na IASD, também se faz necessário para uma melhor compreensão e posteriormente uma análise mais adequada a devida pesquisa no *corpus* do objeto, a RA. Assim, o próximo capítulo tem por objetivo compartilhar essas informações, através de devida pesquisa bibliográfica, assim como uma análise de conteúdo da RA em relação ao tema do voluntariado.

3 VOLUNTARIADO E IASD

O presente capítulo tem por objetivo descrever o voluntariado por meio de uma revisão bibliográfica, a fim de fortalecer o objeto de estudo, assim como os termos ligados ao tema principal, sempre buscando consolidar o conhecimento, antes da realização da análise e busca de paradigmas, através de devidas reflexões. Neste capítulo, o histórico do voluntariado da IASD também será descrito, dando-se ênfase às atividades realizadas na sede regional que engloba o Brasil como território de atuação.

Além disso, o capítulo apresenta um levantamento dos principais termos relacionados ao voluntariado no *corpus* do estudo, a RA. Tendo por objetivo estabelecer um diálogo direto entre o periódico e as descrições definidas, buscou-se relacionar o conteúdo de notícias com a visão crítica do autor. Por meio de uma análise direta e exclusiva, o estudo tem o propósito final de visualizar fraquezas e oportunidades para o desenvolvimento do voluntariado religioso adventista brasileiro.

Segundo os últimos dados do Programa de Voluntários da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, mais de um bilhão de pessoas no mundo estão envolvidas com o voluntariado. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) declarou que, em 2018, cerca de 7,2 milhões²³ de pessoas faziam parte de ações desse tipo. A necessidade do voluntariado está diretamente ligada às limitações do governo brasileiro e de outros países, que não conseguem suprir todas as demandas sociais de uma comunidade, a qual acaba se tornando carente de apoio externo. Atividades na área de bem-estar, qualidade de vida, educação, entre outras, fazem a diferença diante de comportamentos muitas vezes sistêmicos, como a corrupção e os movimentos migratórios, que naturalmente geram a necessidade de respostas às suas consequências (BRAGA; LOPES, 2018).

Entre as definições de voluntariado, está a clássica em que o cidadão oferta como doação seu tempo pessoal para um determinado grupo ou entidade do terceiro setor. John Wilson (2000), Mark Snyder e Allen Omoto (2008) expandem esse conceito ao dizerem que voluntários são aqueles que

²³ Para mais informações, ver reportagem oficial do IBGE no *link*: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24268-pais-tem-7-2-milhoes-de-pessoas-que-fazem-trabalho-voluntario>.

compartilham suas habilidades através da doação do seu tempo, em vez de fazerem apenas doações passivas. Eles fazem atividades planejadas e se tornam instrumentos de transformação na comunidade em que estão inseridos. O voluntariado se torna, assim, uma atividade de ajuda, que é escolhida livremente pelo voluntário, e que tem sido estudada no meio acadêmico.

3.1 História do voluntariado

A linha do tempo do voluntariado pode se caracterizar desde os primeiros registros em que o ser humano realiza ações em prol de seu semelhante. Entre os autores que compartilham esse pensamento, destacam-se Maíke Hudson (1999) e Natálio Kisnerman (1983). Ambos associam o ser humano como aquele que desenvolve suas causas sociais, e hoje o terceiro setor acaba sendo o espelho formal para essas ações. Já na história do voluntariado, o cristianismo se destaca como sendo uma entidade que prioriza tais atividades.

O desejo sincero do ser humano em ajudar o próximo nos leva aos primórdios da construção familiar, em que avós cuidavam dos netos quando pequenos e familiares doentes recebiam cuidados voluntários (dentro da concepção ocidental de como entendemos ser a construção de uma família, com seus valores tradicionais). Assim, idosos, viúvas e órfãos fazem parte dessas iniciativas primárias de voluntariado. Porém, com o crescimento natural da humanidade, pessoas isoladas dos seus familiares pela migração começaram a fazer parte de um cuidado social por parte dos governantes, quando necessário (HUDSON, 1999).

Alguns dos primeiros relatos vêm da civilização egípcia, na qual a arqueologia encontrou dentro do código moral itens de justiça social. Incluem exemplos simples como transportar uma pessoa sem condições para o outro lado do rio. Um pouco mais à frente encontramos imperadores asiáticos, alguns séculos antes da Era Cristã, que ordenaram a construção de instalações médicas. Posteriormente, o Império Grego orientava a hospitalidade, por parte dos mais favorecidos, aos agricultores em visitas à cidade. Já no período bíblico judaico, o Antigo Testamento deixa clara a preocupação da nação com a justiça social (HUDSON, 1999).

Já durante o Império Romano, pode-se encontrar o imperador manifestando o devido cuidado e orientação aos seus cidadãos.

Os cidadãos notáveis, os bem-nascidos, também devem alimentar sua cidade. Espera-se deles que gastem largas somas para manter o sentimento de contínua alegria e prestígio dos cidadãos. O fato de aliviar alguma aflição dos cidadãos pobres, era visto como acidental, pois o importante consistia em, de alguma forma, beneficiar o corpo cívico no conjunto (VEYNE, 1990, p. 251).

Além disso, com o estabelecimento do cristianismo como instituição através da Igreja Católica Romana, observa-se o desenvolvimento em grande escala da filantropia e do voluntariado. Esse pensamento foi disseminado pelo Império Romano, e toda essa estrutura política, econômica, jurídica e social serviu de base para a construção do que, segundo alguns autores, constitui a fundação do voluntariado.

Esperava-se que os fiéis levassem donativos, voluntariamente, que eram colocados na mesa do Senhor para que os necessitados pudessem recebê-lo das mãos de Deus. Os primeiros legados foram autorizados pelo imperador Constantino I, no ano 231 d. C., possibilitando a doação de recursos para caridade (HUDSON, 1999, p. 2).

Dentro dessa linha do tempo de evolução do conceito, temos o período dos séculos XVI a XIX, em que o Brasil, após sua descoberta, já se inclui na história do voluntariado. Essa nação tem como exemplo as iniciativas desenvolvidas na Europa. Essas primeiras iniciativas desenvolvidas no Brasil estavam vinculadas ao cuidado de crianças, destacando-se o papel da Igreja Católica (cristianismo). Campanhas morais contra a miséria foram então criadas, e aos que recebiam benefícios se esperava um comprometimento e mudanças de conduta (PILOTTI; RIZZINI, 1995).

Esse início histórico evidencia o reflexo do voluntariado, que permanece até os nossos dias. Com o decorrer dos séculos, fica claro que o indivíduo que diverge do restante da sociedade na qual está inserido traz uma disposição para tomar iniciativas humanitárias. É importante notar que essas iniciativas contribuíram posteriormente para mudanças em decisões eclesiais e políticas da sociedade. E atualmente esse é o mesmo sentimento de responsabilidade social de corporações. Um país que se destaca nesse aspecto é a Grã-Bretanha. “A história da política social na Grã-Bretanha é em grande parte

formada por realizações reivindicadas por corpos de voluntariados que transformam situações até então toleradas em problemas e reivindicações para a ação” (HUDSON, 1999, p. 13).

Já o autor Natálio Kisnerman (1983) aborda o surgimento de uma nova orientação de ações voluntárias. Sua citação vem ao encontro do presente estudo com o fortalecimento dessas iniciativas dentro do cristianismo pelo protestantismo. Sua visão busca valorizar e contrastar as diferenças entre essas forças históricas, para aquele período histórico, realidade que hoje talvez não seja mais considerada dessa maneira. Dentro desse valor histórico ele descreve que:

A ação da Igreja Católica, baseada na caridade e orientada para ações individuais, contrasta com a do protestantismo, baseada na filantropia, quer dizer, na boa vontade para com os semelhantes, na fraternidade humana, e expressa em ações visando melhorar a situação dos indigentes, mediante medidas de alcance geral por meio de instituições beneficentes que atendessem maior número de pessoas (KISNERMAN, 1983, p. 5-6).

A pesquisa desse autor tem por objetivo demonstrar a presença do protestantismo nos primórdios do Brasil, considerando até mesmo estratégias mais relevantes que as atuais naquele momento. Um exemplo foi o sistema de Hamburgo, em 1765, no qual os indigentes eram assistidos de maneira sistematizada. A cidade foi devidamente dividida e supervisionada por voluntários, que ficaram com a responsabilidade de ajudar os pobres daquela área geográfica. Esse processo evoluiu e os protestantes criaram uma escola de treinamento profissional e, por fim, houve uma disposição dos pastores em estruturar uma linha de estudo científica para uma pesquisa de campo daquilo que estava acontecendo no local. Assim, elementos como prevenção e reabilitação se tornaram destaques para a comunidade local (KISNERMAN, 1983).

Na evolução histórica do voluntariado, podemos mencionar também o exemplo da *Charity Organization Society* (Sociedade para a Organização da Caridade), uma organização civil, com início na Inglaterra em 1869. Ela se destacou no cuidado não apenas de dar esmolas aos moradores de rua, mas incentivar os voluntários a adotar esses necessitados, visitando-os e se relacionando com eles como amigos. O termo usado para esses voluntários era “visitadores amigos”. O projeto se tornou tão relevante que, em 1870, os Estados Unidos abriram uma extensão de tal sociedade. Outro aspecto significativo do

projeto é que dos quatro pioneiros da sociedade, três eram mulheres. Esse fato mostra como o movimento feminino tem uma ligação especial em participação com a história do voluntariado (KISNERMAN, 1983).

Dentro dessa linha cronológica de evolução, a *Family Welfare Association* é relevante pela construção de uma entidade que já estava usufruindo das contribuições científicas para ter uma atuação melhor.

Este é um exemplo de como muitas das grandes inovações do bem-estar humano tornaram-se depois organizações do terceiro setor e parte de uma forma aceita de trabalho. A entidade foi fundada depois que Henry Solly apresentou uma monografia à *Society of Arts*, visando incentivar gastos responsáveis com os pobres, evitando a dependência na assistência social. Essa organização, hoje denominada *Family Welfare Association*, foi uma das primeiras a disciplinar o que hoje seria chamada de uma abordagem estratégica para suprir as necessidades das pessoas. Seu objetivo era: evitar a distribuição indiscriminada de auxílio; promover cuidadosa investigação nos casos individuais; descobrir as causas do sofrimento do indivíduo; remover as causas do sofrimento; coordenar atividades de caridade para evitar excesso de ajuda para um determinado indivíduo (HUDSON, 1999, p. 3).

No início do século XX, as organizações de voluntários da Europa eram essencialmente ligadas ao Estado, com forte legislação social. Nos Estados Unidos, por outro lado, difundia-se o domínio privado, e na América Latina, um Estado intervencionista, sendo um processo híbrido da Igreja Católica em colaboração com o apoio do governo (KISNERMAN, 1983, p. 10).

3.2 Voluntariado internacional

O conceito de voluntariado internacional se torna mais relevante historicamente a partir da Primeira Guerra Mundial, quando, em 1920, o *Work-Camp Movement* demonstrou a capacidade de expressar cooperação e empatia mesmo estando em lados conflituosos, visando iniciar espaços de coletividade humanitária. A seguir, são mencionados exemplos de iniciativas privadas ou governamentais que construíram para a história do desenvolvimento do voluntariado internacional no último século (MULLER, 2018):

1920 – *The Workcamp Movement* surge logo após a Primeira Guerra Mundial. Trata-se de um movimento voluntário que começou na França, na divisa com a Alemanha, países inimigos na guerra, mas que levou cidadãos de ambos

os lados a ajudarem a reconstruir as fazendas destruídas. Essa atitude veio a motivar a muitos a se envolverem com o voluntariado em prol da paz. Assim, essa iniciativa foi considerada o início histórico do voluntário internacional contemporâneo.

1941 – Fundação da *United Service Organization*, uma organização não governamental que tem por objetivo ofertar cultura e lazer aos soldados americanos e seus familiares. Estabeleceu parceria com o Departamento de Guerra e com o Departamento de Defesa, assim como apoio de pessoas físicas e instituições privadas. O trabalho voluntário era parte ativa dessa organização. Em um período turbulento, essa iniciativa chamou a atenção para a triste realidade das nações em guerra.

1945 – As primeiras vítimas mais jovens do Holocausto que receberam apoio através de voluntários vieram da administração das Nações Unidas de Assistência e Reabilitação (UNRRA), que foi fundada em 1945. Sua atuação foi na região da Bavária, na Alemanha. As Nações Unidas, exercendo seu papel ativo e contando diretamente com o apoio de voluntários, fortaleceu e aplicou seu pensamento de conciliação e restauração.

1951 – Herb Feith foi o primeiro australiano voluntário internacional. Foi tradutor e, com seu ativismo e experiência, motivou muitos jovens da Austrália a seguirem o caminho do voluntariado internacional. Em consequência, naquele mesmo ano a agência *Volunteer Graduate Scheme* foi fundada. Ainda nesse ano, iniciou-se o *Volunteer Graduate Scheme*, um projeto mundial com o propósito de ajudar a comunidade australiana a se desenvolver, após sua libertação do colonialismo. Iniciativa tão relevante que hoje se observa como essa nação ultrapassou essas limitações e anualmente destaca-se como um dos países com maior qualidade de vida no mundo.

1954 – Atividades em torno de segurança humana, eficácia, eficiência e velocidade levaram à criação, em 1954, de uma agência governamental independente que atualmente tem por nome Agência de Cooperação Internacional do Japão. O Japão, que foi devastado nesse período em várias regiões, também usufruiu do voluntariado para se reerguer. A história do voluntariado deixou suas marcas de sucesso e mostra às novas gerações o melhor caminho a se seguir.

1958 – A *Voluntary Service Overseas*, fundada nesse ano, é organização que em 2015 passou a atuar em 23 países em desenvolvimento, em diversos continentes. Já enviou mais de 50 mil voluntários para esses lugares com o intuito de combater a pobreza.

1961 – *The Peace Corps* foi fundada pelo presidente John Kennedy em 1961, com o propósito de levar incentivo de paz e ajuda ao mundo. O programa é um sucesso, mobilizando ações voluntárias em mais de 60 países, em todos os continentes do globo. Tornou-se uma referência de voluntariado internacional. Em 1961, se destaca também a fundação do *Canadian University Services Overseas*, um grupo de universitários que, unidos e com o ideal de trazer igualdade social a todos, serve até os dias de hoje, através de ações na África, sudeste asiático, América Latina e Caribe.

1970 – O *National Center for Voluntary Action* é uma agência para iniciativas de voluntariado, visando um impulso dessas ações por parte de agências de voluntariado regulares. Independente, privada e sem fins lucrativos, conseguiu promover um esforço nacional, e vários centros de ações voluntárias foram abertos, gerando um fomento ainda maior no voluntariado.

1981 – Com o nome de *Volonteuropa*, a Europa criou uma rede internacional de apoio ao voluntariado e às iniciativas privadas e governamentais, nacionais e internacionais, promovendo troca de informações, melhores práticas, cooperação e capacitação.

1985 – A ONU estabelece 5 de dezembro como o Dia Internacional do Voluntariado, com o intuito de promover ações voluntárias em todas as esferas da sociedade e ao redor do mundo.

2013 – Em consequência da guerra na Síria, foi fundada a agência *White Helmets*. O consultor de segurança britânico James Le Mesurier, em resposta aos bombardeios, declarou essa organização neutra, imparcial e sem filiação política ou militar, com o compromisso de prestar serviços a qualquer necessitado, independente do credo ou filiação política. Atualmente, 3 mil voluntários trabalham no salvamento de vidas na Síria, através da *White Helmets*.

2014 – Criação da Bolsa Sergio Vieira de Melo. Em parceria com a ONU, o Itamaraty lançou esse projeto, que incentiva recém-formados a serem voluntários no Paquistão. Áreas de formação como Segurança Alimentar, Agricultura, Economia, Ciências Sérias, Relações Internacionais e outras devem

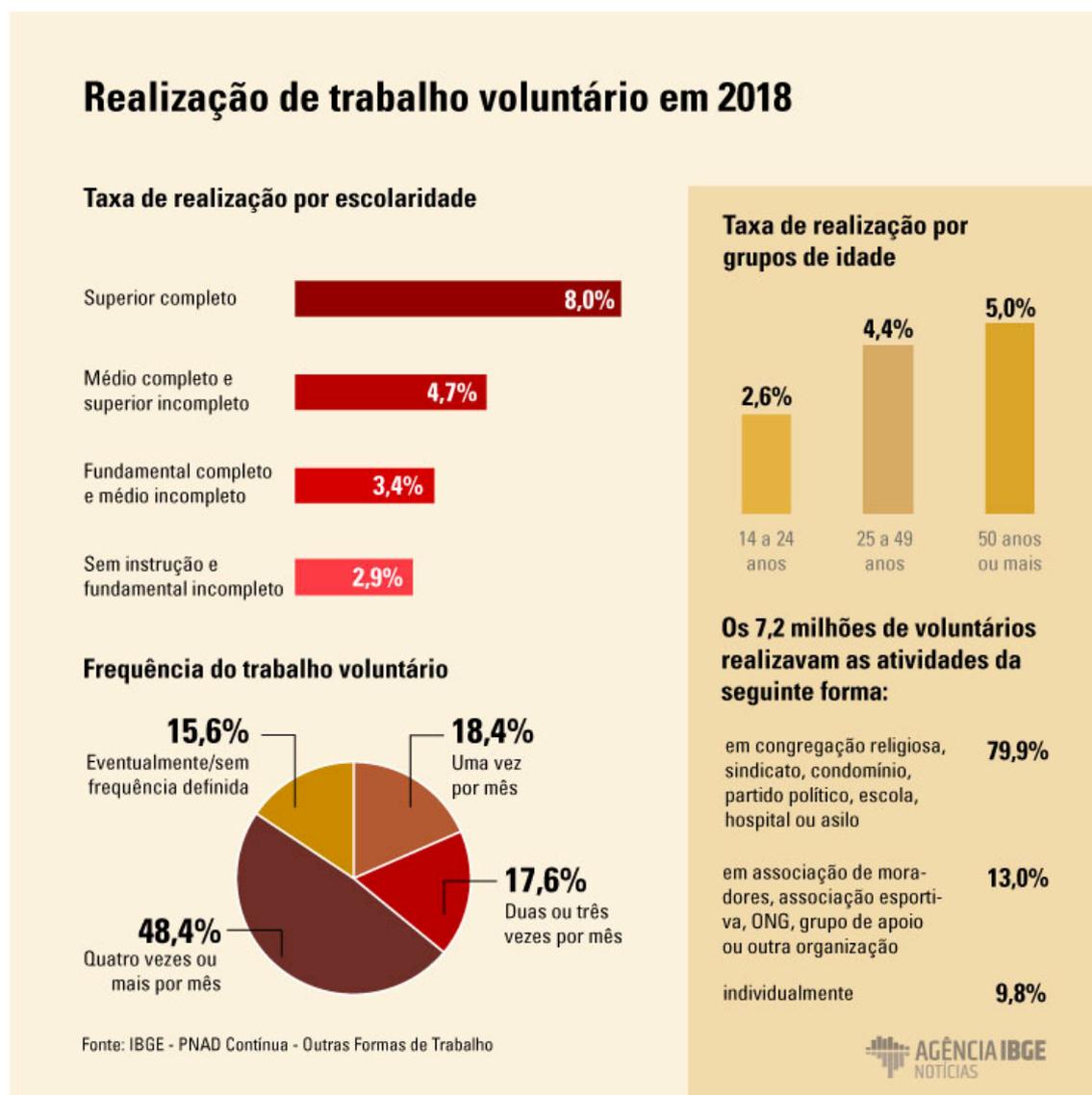
fazer parte do Programa Mundial de Alimentos, que visa apoiar políticas de segurança alimentar e nutricional naquele país.

3.3 Voluntariado no Brasil

Em 2014, foi realizada uma pesquisa sobre o voluntariado no Brasil e identificou-se que existia uma atividade (11%) proporcionalmente bem abaixo de países como a China (55%) e o Canadá (50%), por exemplo. Essa pesquisa ainda descobriu, como resposta a essa baixa porcentagem, que 40% dos entrevistados alegaram não ter tempo para tais atividades, 29% nunca haviam sido convidados, 18% nunca pensaram nisso e 12% não sabiam onde encontrar informação para se tornar um voluntário. Em relação à faixa etária (16 a 24 anos), os jovens ainda são a minoria. Apenas duas de cada dez pessoas nessa idade prestavam algum tipo de serviço voluntário. Outro dado relevante da pesquisa é 50% daqueles que são ou já foram voluntários têm nível superior completo. Além disso, dois de cada cinco participantes pertencem às classes A e B. E aqueles que permanecem como voluntários de longo prazo estão na faixa de 35 a 50 anos (TEIXEIRA, 2018).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fornece e atualiza esses dados relevantes anualmente sobre o perfil dos 7,2 milhões de pessoas que declararam já ter sido voluntários em algum momento, conforme se observa na Figura 6, abaixo.

Figura 6. Algumas informações do perfil do voluntário atual.



Fonte – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Os antecedentes de atividade voluntária no Brasil têm seu vínculo desde o início, com a Igreja Católica, naturalmente de cunho religioso. A autora Esther M. M. Arantes (1995) descreve em sua pesquisa que apenas no Rio de Janeiro, entre 1738 a 1930, existiram 22 associações e estabelecimentos de assistência, sendo a minoria iniciativa do Estado. Essa parceria construída com o Estado remota aos séculos XVI e XVII, em que crianças abandonadas eram assumidas pelas Câmaras Municipais e Casas de Misericórdia. Porém, essa responsabilidade sempre gerava conflitos financeiros.

Na primeira década do século XVIII houve um agravamento das tensões entre o governo colonial e as Misericórdias, referente às despesas e financiamento da assistência a crianças expostas (como também à assistência hospitalar prestada por estas a presos e soldados), ocasionando desentendimento entre as autoridades da Coroa e a Câmara Municipal da Bahia e tornando tensas as relações no interior do governo (FALEIROS, 1995, p. 228).

Diante desse desafio, as irmandades dependiam das doações voluntárias de famílias ricas, que apoiavam essa assistência ofertada especialmente às crianças abandonadas. Tanto no Brasil Colônia como no Império esse era o quadro geral daquela época. Nos autores pesquisados se destaca um exemplo próximo da família real, que naturalmente trouxe maior relevância. Maria Graham, escritora, desenhista inglesa e governanta dos filhos de D. Pedro, em 1821, ao visitar esses lugares de abandono infantil, encontrou um lugar sem nenhuma infraestrutura mínima, como berços e roupas. Ela se deparou com duas amas amamentando sete bebês. Logo pediu o livro-relatório e teve a tristeza de contabilizar que, em treze anos, ao redor de 12 mil crianças tinham passado por aquele local e apenas mil tinham sobrevivido (FALEIROS, 1995).

Esses fatos históricos trazem contribuições significativas para a compreensão dos desafios atuais e evidenciam como o Estado tem sua responsabilidade direta, assim como voluntários em ações diretas, visando minimizar essa desigualdade e ausência de oportunidade para sobreviver e viver com maior dignidade. Nesse período, foram criadas diversas entidades sociais (ARANTES, 1995, p. 196):

Asilo Agrícola Santa Isabel (fundado em 1886): “É destinado a meninos vagabundos ou destituídos de amparo da família, que aí receberão educação moral e religiosa, instrução primária, elementos de instrução profissional, ensino agrícola de caráter prático.”

Asilo Bom Pastor (fundado em 1891): “Promover a regeneração das mulheres que se desviaram do caminho do bem e da virtude.”

Asilo Nossa Sra. do Amparo (fundado em 1914): “Educar as meninas em misteres domésticos, preparando mães de famílias cristãs.”

Asilo de São Cornélio (fundado em 1900): “Às internas são ministrados cursos de lavagem, engomagem e trabalhos manuais.”

Orfanato Santa Maria (fundado em 1872): “Formação de empregadas domésticas e semelhantes para meninas de cor.”

Orfanato Santo Antônio (fundado em 1905): “Asilar e dar instrução primária e ensino doméstico às meninas órfãs, desvalidas, visando formar futuras criadas e esposas de operários.”

Recolhimento das Órfãs (fundado em 1740): “Recolher e educar órfãs filhas de legítimo matrimônio; [...] não só amparar meninas pobres, mas também criar para a sociedade mulheres estimáveis por suas virtudes domésticas.”

Já no século XIX a assistência social toma uma outra roupagem. A Revolução Industrial proporciona uma produção científica social, estabelecendo assim, pela primeira vez, uma real proposta científica de trabalho social. Isso foi realizado através da investigação do ser humano, com o objetivo de trazer diagnósticos e ofertar um tratamento mais próximo do ideal (KISNERMAN, 1983). O Estado proporcionou essa abordagem mais estratégica, e nos últimos 150 anos se observa esse controle e aprendizado, gerando consequências positivas em outras áreas do governo global, como seguro-desemprego, saúde, refeições escolares, entre outros. O Estado, tal como conhecemos hoje no Ocidente, diante das atividades voluntárias mais ativas e um setor paralelo que se tinha criado, diminuiu significativamente com o passar do tempo. Logo o voluntariado em alguns países começou a exercer um papel suplementar (HUDSON, 1999).

Na Segunda Guerra Mundial, entretanto, ocorre um despertar no papel do setor voluntário. Os governantes dos países, visando ofertar um cuidado de maior qualidade, assumem hospitais e outras instituições de saúde e estabelecem um profissional que representa essa assistência social. Já na década de 1960 existe uma explosão nesse setor, criando-se organizações para dar suporte a mais de 2 mil organizações voluntárias, como, por exemplo, o diretório do *National Council for Voluntary Organizations*. Hudson (1999, p. 7) descreve:

Essas novas oportunidades, juntamente com o desdobramento dos grandes fornecedores de serviços de saúde, educação e bem-estar social em organizações menores e mais independentes, estão contribuindo para o crescimento do setor. Muitas instituições que até alguns anos faziam parte do setor público estão se

tornando mais próximas das organizações voluntárias financiadas pelo Estado. Colégios, escolas mantidas por doações e trustes de hospitais estão começando a se ver mais como organizações semi-independentes do terceiro setor do que parte do setor público.

Na década de 1990, a consolidação das agências de terceiro setor no Brasil teve um avanço muito positivo. Pode-se mencionar medidas como abertura da economia, privatização de estatais, crises políticas e econômicas, a sociedade civil se fortalecendo e as ONGs fazendo parte dessas mudanças, melhorando sua qualidade nos processos de gestão. O Estado recuou na sua atuação social voluntária e as empresas privadas cresceram nas ações sociais. Durante esse período surgiu a campanha Ação Cidadania contra a Fome, Miséria e pela Vida, promovendo o sentimento de solidariedade por todo o Brasil. O presidente do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), Herbert de Souza, o Betinho, promoveu uma ampla campanha nacional no sentido de combate à miséria, trazendo as empresas privadas e a população para um engajamento maior (PELIANO, 2001).

Nos últimos anos temos a atuação mais direta das ONGs. Estas desejam realizar mudanças sociais e não apenas campanhas assistenciais, como naturalmente é feito por algumas instituições religiosas. Houve um desligamento e um enfoque em ações de longo prazo, com repercussões de multiplicação desses agentes sociais. A compreensão da relação com o Estado amadurece nesses últimos anos, não se envolvendo de maneira direta, porém sendo um contraponto dos modelos que o mercado e o Estado ofertam (TENORIO, 2001).

3.4 Voluntariado religioso

As Santas Casas de Misericórdia iniciaram o voluntariado religioso no Brasil e, nos séculos XVII e XVIII, a maioria dessas instituições filantrópicas estavam ligadas à Igreja Católica, sendo que apenas em 1930 o Estado começa a ocupar seu espaço. Mesmo após essa transição do século XX entre a atuação do Estado e do âmbito religioso, mais da metade (58%) desses voluntários estavam ligados a instituições religiosas na virada do milênio (BARROS, 2000).

Para melhor compreensão do voluntariado religioso, é válido reforçar que serviço voluntário é a atividade não remunerada prestada por pessoa física a uma entidade pública ou privada, sem fins lucrativos, com objetivos culturais,

educacionais e de assistência social (LOPES; BRAGA, 2018). O serviço realizado deve estar ligado a atividades de proteção a família, maternidade, infância, adolescência e velhice. As ações devem ter como objetivos a prevenção, habilitação e reabilitação das pessoas. Esse serviço voluntário não gera vínculo empregatício, tampouco de natureza trabalhista ou previdenciária ou afim. Além disso, o ressarcimento de despesas com as atividades do voluntário pode ocorrer pela entidade a que ele for prestar o voluntariado. Essa atividade pode e deve ser assegurada quando necessária, já que isso não gera nenhum vínculo previdenciário. Toda essa descrição do que é ser um voluntário tem como essência o sentimento de amor ao próximo como o gerador do trabalho voluntário, e não outro motivo (BARROS, 2000).

Em estudos sobre a relação e diferenciação do trabalho voluntário e religioso, se encontra uma citação judicial que apresenta essa diferença e cita a IASD como exemplo. O texto diz que:

A jurisprudência tem afastado a relação de emprego com a pessoa que, de forma voluntária e sem salário, presta serviços à comunidade religiosa local, como se infere desta ementa: TRABALHO VOLUNTÁRIO À COMUNIDADE RELIGIOSA. Não é empregada a pessoa que, de forma espontânea e voluntária, presta serviços à comunidade religiosa local. O fato de trabalhar sem remuneração durante o período já constitui fator relevante para se rejeitar a pretensão de ver reconhecido um vínculo empregatício. TRT – 3a Reg. 3a T. RO 786/91. Rel.: Juíza Ana Etelvina Lacerda Barbató. MT 7.2.92. Revista TRT 3a Reg., v. 22, n. 51, julho 91/92, p. 342. [...] O engajamento no missionismo da Igreja Adventista é feito com a finalidade de propagar seus ideais filantrópicos e religiosos [...] (BARROS, 2000, p. 111-112).

Diante dessa citação se inicia a descrição oportuna também da IASD como instituição religiosa e que atualmente desenvolve suas atividades com seus voluntários. Especialmente nas áreas cívica, educacional, recreativa e de assistência social. Englobando assim grande parte do que a lei 9.608, de 1998, regulamentou e definiu como voluntariado. O autor Victor H. S. Teixeira (2018) descreve esses setores do voluntariado:

Voluntariado cívico: Tem por objetivo integrar a comunidade. Inclui auxílio a refugiados, imigrantes, assessoria à população em diversos assuntos, como código do consumidor, imposto de renda, empreendedorismo, montar currículo e outras necessidades. Hoje através de suas universidades, como o

Centro Universitário Adventista de São Paulo, a IASD tem a oportunidade de atuar diretamente nesse setor do voluntariado.

Voluntariado educacional: Essa área engloba praticamente todas as atividades, já que a educação faz parte do voluntário que oferta toda a sua bagagem acadêmica. Envolve desde os problemas deducionais até a promoção dos valores que são compartilhados para a educação familiar, religiosa e de saúde. Um novo perfil de voluntário cresce de maneira muito positiva nesse setor, que é prestar assistência a distância como voluntário. A lista é grande, e entre essas necessidades podemos citar o apoio para aprender um novo idioma, saúde mental, em que o anonimato faz grande diferença, e diversos outros. Novamente a IASD se destaca nesse envolvimento através dos seus alunos nas universidades. O curso de psicologia já desenvolve com seus voluntários apoio nesse sentido.

Voluntariado recreativo: Aquele que no período de férias as pessoas têm a oportunidade de conciliar em conhecer um novo lugar no seu país ou no exterior e realizar atividades diversas em apoio ao próximo. Essas prestações de serviços são úteis e, independentemente do tamanho, fazem a diferença para a comunidade beneficiada. Centenas de jovens em férias escolares, além de pessoas de diferentes faixas etárias, se envolvem com atividades de voluntariado recreativo através dos projetos da IASD. Posteriormente na história do voluntariado adventista brasileiro, ainda neste capítulo, será descrito em mais detalhes.

Voluntariado de assistência social: Demandas de urgência que está na maioria das vezes ligada a desastres naturais. Grande número de voluntários se faz necessário para arrecadação de alimentos, limpeza de residências, apoio de transporte e resgate aos necessitados. A Adra (Fig. 7) consegue atuar diretamente nessa área de assistência social, em que o voluntário pode fazer parte com o seu tempo e doações.

Figura 7. Voluntários da Adra-Brasil trazendo auxílio para moradores de Rolante-RS, vítimas de uma enchente em 2017.



Ao descrever essas áreas de atuação classificadas pela lei do voluntariado, ela tem por objetivo criar a conexão que o voluntariado religioso se encontra de acordo com a legislação brasileira em sua classificação do ideal do que é ou deve ser um voluntário brasileiro.

A seguir se encontra a lei promulgada pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Observa-se claramente como o perfil do voluntariado adventista se enquadra dentro desses requisitos. O voluntariado religioso hoje faz parte da maior porcentagem em atuação atualmente no Brasil e daqueles que buscam uma experiência voluntária intercultural como brasileiros.

Lei do Voluntariado²⁴, nº 9.608, de 18/02/98

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

²⁴ Essa lei se encontra para maior compreensão e pesquisa em: http://www.iyv.org/infobase/legal/BRA_law.htm. Acesso em: 07 nov. 2019.

Art. 1º - Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. Parágrafo único: O serviço voluntário não gera vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art. 2º - O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições do seu serviço.

Art. 3º - O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias. Parágrafo único: As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 18 de fevereiro de 1998; 176 da Independência e 110 da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

3.5 Voluntariado religioso adventista

A história do voluntariado adventista engloba algumas etapas, destacando-se quatro períodos: os antecedentes históricos (1890-1982), o início do voluntariado adventista como um departamento da igreja (1982-2000), o desenvolvimento do Serviço Voluntário Adventista (2000-2010) e a expansão do voluntariado (2010-2018). Abaixo essas categorias serão exploradas em seu contexto histórico, para melhor compreensão e análise de dados posterior (BORBA, 2017).

3.5.1 Antecedentes históricos (1890-1982)

Nessa fase inicial se destaca a entrega de voluntários missionários para construir a identidade da IASD no Brasil. A América do Sul era considerada pela administração adventista norte-americana como um continente pobre, com grandes desafios sociais, como alto índice de enfermidades, condições de

trabalho irregular para a população e alto índice de intolerância religiosa (WESTPHAL, 1927).

Ellen G. White (1883, p. 433) orienta membros da IASD a se envolverem em voluntariar-se a ir em terras distantes como era a América do Sul naquele momento histórico: “A verdadeira religião é livre do egoísmo. O espírito missionário é um espírito de sacrifício pessoal. Devemos trabalhar em todo e qualquer lugar, com o melhor de nossas habilidades, para a causa do nosso Mestre.” Em resposta, são enviados missionários voluntários a esses lugares: primeiramente a Argentina foi alcançada com a mensagem adventista e posteriormente o Brasil.²⁵

Em 1918, no encontro de outono da sede regional para a América do Sul, foi formada a primeira sociedade de Missionários Voluntários. Os jovens Luther Warren e Harry Fenner foram os primeiros a fazerem parte. O objetivo era desenvolver na juventude adventista um espírito de missionário voluntário com uma visão intercultural. Essa sociedade se tornou um centro de preparo para esses jovens comprometidos. O versículo usado como referência para esse movimento que se formava era Salmos 110:3 – “Quando convocares as tuas tropas, o teu povo se apresentará voluntariamente.”²⁶. A primeira resposta constituiu em doações financeiras para regiões pioneiras em que ainda não existia presença da IASD. Entre essas regiões se destaca a campanha de 1922 para o início das atividades voluntárias na Amazônia (BORBA, 2017). Lembrando que como o Brasil é um país continental, as iniciativas estavam ligadas diretamente com projetos internos: Amazônia, região central, com linhas de atuação em educação, saúde, literatura e evangelismo público e pessoal (RA, jan. 1966, p. 12-13).

No encontro anual administrativo da denominação em 1968, o programa *Adventist Volunteer Service Corps* se tornou o início do que posteriormente seria o Serviço Voluntário Adventista na sede mundial da igreja. O propósito era enviar voluntários para experiências interculturais em outros continentes, devendo ser missionários de sustento próprio. Quando esse voto chegou à administração regional da América do Sul, ele ganhou o nome de Missionário Estudante (YOST, 1968).

²⁵ Para mais detalhes históricos, ver o capítulo 1 desta dissertação.

²⁶ A versão usada para esse texto bíblico é a Nova Versão Internacional – NVI.

Dentro desse projeto, o voto, entre outros itens, apresentava as características de um voluntário. Os escritórios administrativos da igreja poderiam fornecer a comida, hospedagem e o transporte local, porém nenhum salário deveria ser pago ao estudante. E, além de não receber salários, o voluntário não poderia ser auxiliado por uma igreja local. Ele deveria ser responsável por todo o processo inicial, que envolvia o passaporte, vistos, vacinas e as passagens de ida e volta ao país em que estaria servindo.²⁷ Ainda nesse período todo esse processo na década de 1960 se destinava a receber esses voluntários ao Brasil de outros países, especialmente os Estados Unidos. Mas o desejo já era presente e forte entre a juventude adventista brasileira para ir servir a outros continentes.

As necessidades por voluntários adventistas na década de 1970 na América do Sul ainda eram grandes nesse período. Alguns países tinham posição em aberto. A IASD estava celebrando 100 anos do primeiro missionário que cruzou as fronteiras para um outro continente, em 1874 – J. N. Andrews, servindo na Europa. Esse encontro mundial, que ocorreu em Viena, se tornou uma oportunidade para renovação de propósito e regulamentação. Entre esses aspectos, se destaca o cuidado no processo seletivo para esse candidato por parte da instituição educacional que envia.

Serviço ao exterior. Quando forem eleitos os estudantes missionários para prestarem serviço no exterior as organizações devem ter os seguintes cuidados: Nenhum estudante missionário deverá iniciar suas atividades no exterior sem que tenha realizado e aprovado seu curso de orientação para estudantes missionários na sua instituição de ensino. A comissão que aprovar esse estudante, tem a responsabilidade de determinar se esse candidato está apto ou não para esse serviço.²⁸

Apesar dessas orientações claras, o movimento de voluntariado ainda não fazia parte do conhecimento da maioria dos membros nessa grande região geográfica chamada Brasil. Em 1979, a igreja estava celebrando o centenário do Missionário Voluntário (MV), com ações por vários lugares do país, mas sem maior destaque para o voluntariado intercultural. Essas iniciativas mais uma vez confirmam que não havia uma conscientização sobre esse processo de ir a outras culturas. A essência do voluntariado nacional em diversos segmentos era

²⁷ Atas da Divisão Sul-Americana, Voto 92-403, “Votado registrar voto da AG 164-92 Gb Orientações para o Serviço Voluntário Interdivisão”.

²⁸ Atas da Comissão Diretiva da Divisão Sul-Americana, Voto 75-270.

presente e atuante, mas ainda faltava a experiência de ir além das fronteiras (RA, mai. 1980, p. 28).

3.5.2 Serviço Voluntário Adventista (SVA) (1982-2000)

Nessa segunda etapa na linha do tempo do voluntariado da IASD, destaca-se o evento que ocorreu em 7 de outubro de 1982, no Concílio Anual da IASD, em que comparece a representação da liderança de todos os continentes, e foi tomado a decisão em conjunto de se organizar oficialmente o Serviço Voluntário da denominação (Fig. 8). O objetivo era mobilizar jovens adventistas entre 18 e 30 anos para servirem à igreja mundial nas mais diversas atividades. O voto inicialmente apresenta esse perfil, destacando-se o requisito de que o voluntário seja membro da IASD. Mesmo o voluntariado estando presente na IASD desde sua fundação em 1863 e ser parte ativa da igreja, segundo histórico apresentado, o voto de 1982 torna-o um programa oficial a ser desenvolvido dentro da denominação (BORBA, 2017).

Figura 8. Logotipo oficial do Serviço Voluntário Adventista.



Essa mudança se mostrou relevante porque, um ano depois, o líder mundial dos jovens adventistas informou que mais de 800 voluntários já estariam servindo ao redor do mundo. Ele descreve que, por um período que varia de nove meses a dois anos, o voluntário desenvolve atividades em sua área de atuação

profissional. Naquele ano já havia jovens enfermeiros atuando, por exemplo, nas florestas de Papua-Nova Guiné e também no continente africano (RA, set. 1983, p. 7).

Em 1984, a RA publicou que desde o Concílio Anual de 1982, em que o programa voluntário de estudantes havia sido estabelecido, esses projetos estariam abertos a todos dentro da faixa etária determinada que estivessem dispostos a permanecer no campo de atuação por um período mínimo proposto e a deixar seu país de origem para servir em outra cultura. Os voluntários deveriam assumir o valor financeiro de algumas despesas, como o transporte de ida e volta para o lugar de destino – orientações semelhantes de algumas décadas passadas.

Então, em 1985, o primeiro voluntário missionário adventista brasileiro se envolve nesse projeto votado alguns anos antes, visando essa nova fase do Serviço Voluntário Adventista (SVA). Seu nome é Ronald Kunh, um estudante de Teologia que tranca seu curso e vai para o continente africano, servindo na Ruanda e no antigo Sudão. Após dois anos de serviço voluntário, ele volta com o objetivo de concluir seus estudos. Nessa década existe um registro de 12 voluntários que tiveram experiências semelhantes à de Ronald. Esse número baixo ainda era um reflexo de como o voluntariado intercultural ainda não tinha se dinamizado no Brasil (BORBA, 2017).

Surge então no Concílio Anual de 1986, sediado no Rio de Janeiro, uma estratégia global, que mais tarde ganhou o nome propaganda de “Missão Global”. O objetivo central era alcançar regiões geográficas ainda não alcançadas pela IASD. Esse projeto gerou indagações relevantes como: “Onde estão esses povos? Quem são? Onde deve estar a prioridade?” Logo o critério estabelecido foram cidades acima de um milhão de habitantes em relação à presença adventista naquele lugar. Diante da confirmação desse gigante desafio, os adultos e jovens da denominação receberam o questionamento: “Quem está disposto a se oferecer como voluntário para servir nesses lugares?” Esse lugares em sua maioria eram países em que predominam outras religiões, em que alguns métodos tradicionais não têm tampouco autorização do governo local. Além, claro, de inúmeras outras barreiras, como vistos, idiomas, choque cultural etc. (RA, out. 1995, p. 2-3).

O presidente mundial da IASD naquele momento descreve a relevância desse projeto em suas palavras na RA (1990, out., p. 4):

A beleza do programa da Estratégia Global está no fato de não se limitar à representação formal da igreja “institucional”. Na verdade, se se limitasse a isto, estaria condenado ao fracasso desde o início. Precisamos buscar inspiração dos exemplos da igreja primitiva, como aqueles crentes que abandonaram Jerusalém rumo aos confins da Terra; como Áquila e Priscila — missionários voluntários — e como inúmeros outros exemplos através dos séculos. Consideremos a possibilidade que existe hoje de centenas, sim, milhares de dedicadas famílias adventistas, técnicos e profissionais penetrarem em áreas nas quais a Igreja não pode entrar. Estes têm o poder de provocar um impacto pessoal que não pode ser conseguido pelas instituições.

Apesar de todas essas tentativas por parte da liderança mundial, o Brasil ainda permanecia como um país que não se comprometia devidamente com o voluntariado intercultural. Isso em nenhum momento deve gerar desconsideração pelas atividades voluntárias encontradas e analisadas posteriormente no país. Mas era uma realidade o registro de que na década de 1990 houve um crescimento modesto, não correspondendo ao convite de voluntariado da igreja em nível mundial (BORBA, 2017).

Para registro histórico dessa realidade, vale lembrar o projeto Prisma, ainda na década de 1990, visando a uma integração da juventude com foco no voluntariado. O escritório regional para o Brasil estava à frente desse projeto e, apesar de trazer oportunidade a voluntários, os problemas de desequilíbrio em missão nacional e internacional permaneciam. Ele perdurou por vários anos com o objetivo de não realizar apenas ações sociais diretas e específicas, mas também um processo contínuo nas regiões definidas. Mesmo não alcançando o objetivo direto de ser um canal para o voluntariado intercultural, seu sucesso nacional serviu para impulsionar a estatística positiva desse envolvimento equilibrado por parte dos voluntários da IASD brasileira (RA, dez. 1992, p. 47).

3.5.3 Desenvolvimento do Serviço Voluntário Adventista (2000-2010)

Na virada do século, houve um crescimento significativo dos voluntários na IASD brasileira, especialmente no âmbito intercultural. Como departamento da IASD foi nesse novo milênio que a Divisão Sul-Americana realizou uma reorganização, especialmente em relação a divulgação e promoção

do Serviço Voluntário Adventista. Esse setor existe atualmente em todos os continentes ao redor do mundo e os projetos envolvem alguns meses até dois anos. As áreas de atuação foram ampliadas e, além do histórico de voluntariado nas áreas de educação e saúde, os serviços se expandiram para tecnologia e administração (TIMM, 2011).

São três categorias básicas que existem nessa fase no voluntariado brasileiro. A primeira é a *Shared*, em que a liderança que recebe o voluntário divide com ele as despesas. Seria o exemplo tradicional já mencionado, em que o voluntário recebe o apoio após sua chegada ao local de atuação, como alimentação, hospedagem e até um pequeno auxílio para necessidades diretas como produtos de higiene pessoal. A contrapartida são os gastos que antecedem esse momento, como passaporte, visto, vacinas e passagens de ida e volta. O segundo, que trouxe certa inovação, tem por nome *Sponsored*, envolvendo o apoio de auxílio externo para suas necessidades financeiras primárias, um patrocinador. E, por último, mas não menos importante, a categoria em que o voluntário assume 100% de suas despesas (*His Hands*) (TIMM, 2011).

Além dessas categorias, outros critérios foram definidos, como a faixa etária ampla, de 18 a 79 anos; avaliação da saúde e ser membro regular da IASD, tendo pelo menos um ano de batismo. Assim como ter todos requisitos para atuar na posição requerida. O departamento de SVA da Divisão Sul-Americana nesse período de reformulação foi inicialmente coordenado pelo departamento de Jovens, posteriormente pela secretaria executiva, chegando a ir para a área de Lar e Família e finalmente voltando para a secretaria em 2007. As demais regiões administrativas da IASD, que são as Uniões e Associações, também têm como secretário a liderança desse ministério institucional. As secretarias da Divisão Sul-Americana têm por meta enviar, divulgar, assessorar e capacitar esses voluntários candidatos. Ela também deve receber voluntários de outros lugares e deve coordenar, treinar e dar assistência necessária para outras necessidades. Por último, organizar projetos de serviço e apoio para aqueles que têm por objetivo receber diretamente esses voluntários que chegam de outros lugares (BORBA, 2017).

O SVA criou também uma escola de missões, tendo por objetivo preparar uma nova geração de missionários voluntários comprometidos, através de um programa contínuo em parceria direta com o departamento do SVA na

sede mundial da IASD. Todos participam dessa escola antes de sua partida. Essas e outras inovações se devem pela eleição, em 2007, de um assistente da secretaria, a professora Marly Timm, que em avaliação posterior chegou finalmente a identificação de que havia mais voluntários sendo enviados para regiões interculturais do que recebendo voluntários para atividades nacionais. Um século foi o tempo necessário para isso (BORBA, 2017).

Antes dos 18 anos, no período da adolescência, foi construído um projeto chamado *Calebe*, que tem por objetivo proporcionar a oportunidade para essa faixa etária iniciar sua experiência com o voluntariado no período de férias, nas mais diversas cidades brasileiras. Suas atividades envolvem trabalho social durante o dia, como limpeza urbana, restauração de praças e diversas outras necessidades da comunidade em que se fazem presente. Esse aprendizado incentiva alguns desses participantes a prosseguirem na escola do voluntariado e após a maioridade ingressam em agências nacionais e internacionais da IASD (RA, jan. 2011, p. 5).

Outro projeto que também existe atualmente e tem um grande número de voluntários participantes é o *Impacto Esperança* (Fig. 9). Nessa linha de tempo, em 2007, se iniciou uma campanha anual de entrega gratuita de livros, sendo inicialmente já no primeiro ano alguns milhões, chegando em 2012 ao número de 30 milhões de exemplares. Em 2017, o projeto completou dez anos de existência e somou nesse período mais de 120 milhões de livros entregues por voluntários adventistas.²⁹ O conteúdo desses livros em cada ano mudava, abrangendo valores espirituais, familiares, assim como saúde mental e física (RA, abr. 2012).

²⁹Para mais informações, consultar o site: <https://www.adventistas.org/pt/evangelismo/projeto/impacto-esperanca/>. Acesso em: 07 nov. 2019.

Figura 9. Imagem comemorativa da editora adventista sobre o Impacto Esperança 10 anos e a quantidade distribuída voluntariamente pelos membros.



3.5.4 Expansão do voluntariado religioso adventista brasileiro (2010-2018)

Nesses últimos anos se observa uma clara expansão do voluntariado na IASD brasileira. O controle dos dados das últimas três décadas demonstra um crescimento de 100%, e nos últimos anos dessa década atual já temos um crescimento de voluntários em mais de 500% comparado com a última década, consequência de um trabalho administrativo intencional, com forte promoção e divulgação. Projetos dessa década atual que fortaleceram o voluntariado no Brasil podem-se resumir a Missão Calebe, já registrado anteriormente, *I Will Go* e Um Ano em Missão. Esses projetos somados criam a imagem de uma evolução na compreensão e aplicação do conceito voluntariado religioso adventista brasileiro.

Na década atual, vale ressaltar que a RA, objeto deste estudo, faz menção mensalmente do voluntariado e suas ações na comunidade adventista brasileira. Destaca-se nesses últimos anos a campanha *I Will Go*, projeto idealizado inicialmente entre a juventude adventista nos Estados Unidos. Assim como os calebes, mas em diferente faixa etária e de qualificações, jovens universitários doando suas férias e servindo como voluntários nos mais diversos lugares do país e do mundo. Anualmente se realiza uma celebração dessas atividades dos diferentes projetos ao redor do globo. O Brasil sediou esse encontro mundial no ano de 2015 com a participação de 1.100 universitários, sendo representantes esses de 24 países (RA, out. 2015).

Já o programa de voluntários “Um Ano em Missão” iniciou suas atividades em Nova York, com o título original *One Year in Mission* (OYIM). Foram 14 nacionalidades representadas nesse piloto, incluindo jovens da Ásia, Oceania, Europa, África e também da América do Sul (um brasileiro). O sucesso foi tão positivo que ele foi adaptado para a realidade brasileira e hoje jovens que em boa parte terminam sua atuação no Missão Calebe, em seguida trilham esse caminho (RA, mar. 2014, p. 21).

Em 2014, tínhamos apenas 30 voluntários servindo em projetos interculturais. Um número significativo se lembrarmos que em 100 anos da IASD no Brasil essa não era uma realidade. O voluntariado a nível nacional teve sua evolução e a IASD busca seguir esse caminho também através dos seus projetos. Existe um caminho longo ainda a percorrer, mas elementos como a ausência de língua inglesa para o voluntario intercultural acabam sendo um empecilho. Os dados estatísticos de 2013 (Fig. 10) apresentam que dos 100% de voluntários adventistas que serviram em outro país que não foi o seu, 51% foram da América do Norte, 2,5% da América Central e 12% da América do Sul. As diferenças entre essas regiões são desequilibradas e seguramente um dos fatores primordiais é a língua inglesa (BORBA, 2017).

Figura 10. RA ilustra desproporção do voluntariado intercultural adventista no continente americano (nov. 2014, p. 29).



O último gestor do departamento SVA da Divisão Sul-Americana (que engloba o Brasil) foi Elbert Kunh, no período definido nesta pesquisa. De larga

experiência transcultural, ele tem por objetivo potencializar o envio de jovens voluntários a regiões geográficas que mais necessitam de apoio social e religioso. Confirmando a relevância dessa história, a RA apresenta testemunhos desses voluntários. Déborah Calixto declara:

“Olhei para aquela bacia, sorri e a segurei meio confusa. É claro que tive que tomar um banho de gato. Foi engraçado”, recorda a brasileira que se aventurou durante um ano como monitora das alunas do Ensino Médio no Helderberg College, na África do Sul. Para poder servir como voluntária, Deborah trancou seu curso de Jornalismo no Unasp, em 2012. “Saciei minha vontade de passar um tempo fora do Brasil e o desejo de fazer diferença na vida das pessoas”, conta. Antes de ir para o Helderberg College, Deborah pesquisou na internet sobre a África do Sul e conversou com pessoas que já tinham ido lá, tudo para evitar ao máximo o choque cultural (RA, jan. 2014, p. 33).

Já o médico voluntário Carlos Frank disse: “Nossa mente se expande e começamos a enxergar o mundo como ele realmente é. Com certeza participarei de outras [...]” (RA, nov. 2014, p. 29).

Nessa história construída do voluntariado e sua origem, assim como uma descrição no voluntariado internacional e no Brasil, a relação entre o voluntariado religioso e a IASD com sua história em mais de um século, o próximo capítulo explorará a RA, corpo de estudo desta pesquisa, no período de 1982 a 2018, que corresponde à criação do Serviço Voluntário Adventista como departamento da igreja, até a atualidade.

3.6 Voluntariado na Revista Adventista

Após um estudo descritivo, o presente capítulo lança um olhar mais analítico, contemplando o recorte da pesquisa na RA (1982-2018), do principal termo, como se observa na Tabela 1. Nesse momento histórico começa a existir também uma cobertura maior do assunto relacionado ao voluntariado da IASD. Essa evolução pode ser observada claramente na tabela abaixo, nas diferentes décadas.

Tabela 1. Menções ao termo “voluntariado” na RA (1982-2018).

Termo	1982	1990	2000	2010	TOTAL
Voluntariado	0	0	20	79	99

3.6.1 Voluntariado religioso adventista nacional na *Revista Adventista*

O tema do voluntariado passou a ser enfatizado na *RA* nas últimas duas décadas. Na virada do milênio, a revista começa a relatar fatos históricos intimamente ligados com atividades sociais, especialmente da juventude da denominação. Na edição de junho de 2001 (p. 34), a primeira citação ocorre com brasileiros e está vinculado com a atitude de ser voluntário para doar sangue. São exibidas faixas com os dizeres: “Beba água e doe sangue” e “Doar não emagrece, não engorda, não vicia, não afina e nem engrossa o sangue”. Durante o evento noticiado, foram entregues mais de 5 mil copos plásticos com água mineral. Os testemunhos do impacto dessas ações foram notórios, como o coordenador da Defesa Civil B. M. Cardoso registrou em sua fala, ao mencionar a disposição da IASD em ser “voluntária”.

Pouco mais de um ano depois, na edição de novembro de 2002 (p. 27), observa-se uma extensa reportagem sobre o voluntariado religioso que confirma o perfil do engajamento e da combinação dos ideais de uma crença através de atividades sociais (Fig. 11). Na Região Sul, centenas de jovens adventistas, em diferentes estados, desenvolveram atividades solidárias como limpeza de praia, coleta de lixo em margens de rios, recolhimento de alimentos e brinquedos e aferição de pressão sanguínea. Mais de 800 quilos de alimentos e 500 brinquedos foram contabilizados em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul.

Em outra cidade do mesmo estado, um segundo grupo de jovens plantou mais de 600 mudas de árvores em locais públicos, além de doarem sangue para a comunidade local. Segundo Eliane Surim, enfermeira do banco de sangue, a doação veio em um momento de necessidade, devido à falta de sangue do tipo O Rh negativo. Em outro estado, voluntários reformaram uma casa de abrigo para mulheres, com a ajuda de 20 pedreiros voluntários que conseguiram realizar o projeto em apenas um dia. Simultaneamente, cerca de 200 voluntários como

cabelereiros, dentistas, psicólogos, médicos e advogados, prestaram assistência para mais de 1.500 pessoas no estado de Santa Catarina. Em síntese, uma ação regional que envolveu 1.500 voluntários religiosos adventistas da Região Sul do país, beneficiando diretamente 3 mil cidadãos brasileiros (novembro, 2002, p. 27).

Essa reportagem pode gerar algumas indagações. A primeira delas é a relevância e constância de eventos como esse. Sem dúvida, as informações descritas pela RA nos levam a entender que isso gerou um auxílio prático à comunidade local. Aparentemente, a reportagem apresenta o fato como uma frente única de atuação. Deveria ela ser constante e com um grupo capacitado cada vez mais para essas atividades? A habilidade e experiência adquirida por esse grupo de voluntários nessa região do país está sendo expandida para outras regiões e mesmo países? Os membros envolvidos nessas atividades conseguem discernir esses projetos sociais sem interesse secundário de proselitismo, visando atrair novos membros para a denominação? Esses são alguns questionamentos originados por uma reportagem como essa.

Figura 11. Reportagem apresentada pela RA de uma grande frente do voluntariado religioso adventista brasileiro.

Região Sul

Voluntariado missionário

Ações voluntárias da juventude adventista favorecem cidades no Rio Grande do Sul e Santa Catarina



Desfile no centro de São Lourenço do Sul, RS, marca a presença adventista

próximos sangüíneos, foram arrecadados 800 quilos de alimentos e mais de 300 brinquedos, destinados para os projetos sociais da prefeitura. Outro momento importante foram as visitas realizadas a famílias carentes. Em grupos, pastores distritais levaram música e mensagem de conforto aos familiares de cinco jovens que morreram em um tragico acidente de carro na madrugada do sábado anterior.

O tema "Unidos Pela Palavra" foi o foco espiritual do camporeio. A cada duas horas, avisões pelo estouro de fogos de artifício, os acampantes paravam para orar por consagração. Na sexta-feira à noite, após a investida dura de 11 líderes de jovens, todos participaram de uma fogueira montada à beira da lagoa. Através da oração e do louvor a céu aberto, os jovens foram incentivados a responder ao apelo de Deus para servir a Cristo com uma vida santificada. Nove deles foram batizados nessa noite.

Um desfile no centro da cidade e a inauguração de um monumento histórico na praça central também registraram a presença dos jovens adventistas. Na opinião do Pastor Odalison Fontes, líder de jovens do ASR, o objetivo alcançado nesse camporeio se concretiza com o convite da prefeitura para os jovens voltarem no próximo ano. Outro fator positivo foi o cancelamento oficial de um evento secular que aconteceria dias depois, no mesmo local. "São Lourenço do Sul passou a olhar com muito mais interesse para a igreja depois da marca deixada pela juventude", afirma o Pastor Odalison.

Missão Sul-Rio-Grandense – Em Itara, outros 700 jovens estiveram reunidos, sob a coordenação do Pastor Marcos Oliveira Júnior, líder de jovens da MÓSR. Foram realizados diversos projetos comunitários em parceria com a prefeitura local e de Santa Maria, cidade vizinha. Cerca de 600 mudas de árvores foram plantadas em Itara além da limpeza realizada em locais públicos. Em Santa Maria, os jovens limparam o Mirante do Ferrovário, um dos principais pontos turísticos da cidade. Além disso, 120 jovens se dispuseram a doar sangue para a Casa de Saúde de Santa Maria. Segundo Eliane Surim, enfermeira do banco de sangue, a doação veio em um momento de necessidade. "Já não tiramos sangue do tipo 'O Rh negativo'", afirmou.

O evento também teve a primeira investida de líderes de jovens na região: seis deles receberam essa nova responsabilidade. Mes o momento mais solene foi o batismo de 25 jovens. Oito pastores realizaram os batismos em um lago no local.

Associação Catarinense – No Grande Florianópolis, os voluntários se engajaram nas atividades comunitárias do Projeto Viver 2002. Iniciando os projetos, foram feitas três passeatas de combate ao tabagismo. Em uma delas, cerca de 600 pessoas se uniram para levantar a bandeira contra o fumo. No centro de Florianópolis, um cigarro gigante foi exposto. As pessoas podiam caminhar dentro dele e receber informações sobre os males do tabagismo. Em vários seminários, jovens carregaram faixas sobre o Projeto Viver e distribuíram suculinhas de limão e folhetos informativos sobre o uso da faixa de segurança, dengue e reciclagem de lixo.

Um projeto que se destacou foi a reforma de uma casa que serve de abrigo para mulheres do programa de Assistência Previdenciária de Apoio à Mulher. Cerca de 20 psíquicos voluntários trabalharam durante todo o dia para melhorar as condições da moradia. Enquanto a reforma era feita, cerca de 200 voluntários, entre eles cabeleireiros, dentistas, psicólogos, médicos e advogados prestaram atendimento a 1.500 pessoas, no Colégio Adventista de Florianópolis. Também foi servido um sopão e atividades recreativas alegraram as crianças. Nos bairros de Itorquillinas e Jardim Eldorado foram oferecidos mais serviços à comunidade, como corte de cabelo, massagem, limpeza de pele, curso de culinária, meditação de preceito, jogos esportivos, brincadeiras com as crianças e distribuição de suco. Reunindo todos os projetos, foi contabilizada a participação de 1.500 voluntários e cerca de 3 mil beneficiados diretos.

Após o trabalho social, nos dias 28 a 31 de agosto teve início a etapa espiritual do Projeto Viver. Três corais de jovens cantaram nos principais supermercados da cidade. Nessas quatro noites, o Pastor Neumael Steina e o quarteto Arautos do Rei prepararam no Illu Shopping, em Florianópolis, a música de liquidação durante as programações em de 4 mil pessoas por noite. Em decorrência do esforço missionário, 729 pessoas já haviam sido batizadas até o fechamento da edição. O evento foi coordenado pelo Pastor Elieser Vargas, diretor de jovens da Associação Catarinense. **✚**

Com reportagem de Almeida Mouton e Priscila Steina

Outro grupo ativo da comunidade adventista, que destaca o descritor de voluntariado, são os desbravadores. Tal grupo é formado por juvenis e adolescentes que se encontram semanalmente para atividades que visam desenvolver os aspectos físico, mental e espiritual da faixa etária de 10 a 15 anos. Em janeiro de 2003 (p. 26), a RA noticiou que 13 matérias televisivas e 31 reportagens em jornais não religiosos haviam sido produzidos a respeito desse grupo que se reunira em Foz do Iguaçu para um encontro regional e ali desenvolveu atividades sociais, impactando a comunidade.

O destaque dos projetos ficou com a doação recorde de alimentos ao Programa de Voluntariado Paranaense, que atende 650 famílias carentes, cadastradas no município. Foram doadas 16 toneladas de alimentos não-perecíveis, como arroz, feijão, macarrão e leite em pó. Foi a maior campanha voluntária já registrada em Foz do Iguaçu. Os

desbravadores ainda participaram de campanhas de plantio de árvores e conscientização ecológica. Eles distribuíram milhares de sacolinhas de lixo, nos semáforos. Também foram voluntários na campanha de doação de sangue para o banco de sangue municipal.

Observa-se nessa reportagem um grupo que busca ser relevante, ativo e promissor para o voluntariado regular. É fato bastante conhecido que nessa faixa etária importantes decisões são tomadas para um estilo de vida futuro. Por outro lado, observa-se que no período de um ano a palavra/termo voluntariado aparece na *RA* em atividades relacionadas com a mesma região geográfica do país. No início do século 20, fica evidente que os principais movimentos relacionados com o voluntariado adventista vêm da Região Sul, apesar de a presença adventista já ser uma realidade em todo o país.

Outros relatos ainda se registram nessa década, sendo sua maioria de cunho social nacional. A *RA* (outubro, 2003, p. 34) compartilha, por exemplo, a atitude seguida de jovens adventistas, agora já na Região Norte do país, que por mais de quatro anos atuam como Movimento Voluntário (MV). O grupo é formado por socorristas não combatentes, com formação na área da saúde, que têm por intuito salvar, socorrer, guardar e proteger. Na época, já haviam prestado mais de 1.378 atendimentos e também atuavam diretamente na área de campanhas para doação de sangue, vacinação e treinamentos sobre problemas de saúde pública. Os requisitos básicos são amor ao voluntariado e ser membro da IASD. O início da expansão e fortalecimento do voluntariado religioso adventista brasileiro começa a estar presente em outras regiões.

Quase três anos depois, a *RA* registra em suas notícias (fevereiro, 2006, p. 27) uma nova matéria sobre a Região Norte. Dessa vez é noticiado um certificado selo de iniciativas de voluntariado recebido por uma das escolas da rede adventista de ensino no estado do Amazonas. A relação das escolas foi divulgada em 2005 e uma cidade distante 880 quilômetros de Manaus, recebeu esse reconhecimento. Tratava-se da Escola Adventista de São Gabriel da Cachoeira, pelos serviços prestados à comunidade indígena, como distribuição de roupas, calçados, alimentos e brinquedos.

O projeto foi realizado em parceria com o Ministério da Educação (MEC), o Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e a Organização das

Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Esse fato indica que o voluntariado que se busca desenvolver na IASD brasileira está em sintonia com a proposta da educação brasileira. A reportagem descreve o sentimento de alguns voluntários em participar de algo tão relevante para uma comunidade do interior do país. A administração escolar afirma (fevereiro, 2006, p. 27):

Na opinião da diretora da Escola Adventista, Ana Paula Madalena, “o Selo de Escola Sol significa que a escola mostra a força transformadora que possui ao assumir uma educação de qualidade, fundamentada nos ideais e exemplos de Jesus, além de formar o caráter, o intelecto e prepará-los para a vida eterna, devemos desenvolver o sentimento de solidariedade nos educandos!” Para a secretária Marisa Manfré, que fez a inscrição da Escola Adventista no Faça Parte, o Selo é o “símbolo de um reconhecimento para a escola, seus alunos, funcionários e professores!”

Alguns pontos relevantes se observam nessa reportagem. Em primeiro lugar, destacam-se outras frentes da IASD envolvidas, como a escola adventista. Em segundo lugar, a região do país, estendendo-se além do Sul, confirmando a expansão do compromisso do voluntariado. Por último, fica mais uma vez claro que o fenômeno religioso é constante em todas as atividades do voluntariado adventista. Mesmo um projeto sendo avaliado diretamente pelo governo federal e um segmento que proporciona maior neutralidade, se desejassem, como a educação.

Outras regiões do país são contempladas pelo voluntariado religioso adventista ainda nesse ano, segundo registro da RA. Em especial o alcance aos mais necessitados em relação à saúde pública se tornam os beneficiados. Na Região Sudeste, um relato ocorrido em Minas Gerais se destaca (outubro, 2006, p. 37). A cidade de São Francisco recebeu o projeto Mais Vida, que, com o intuito de atender as comunidades de baixa renda, traz campanhas contra drogas e abuso sexual. Com esse propósito, foi levada uma clínica móvel para que dentistas atendessem a comunidade local, numa parceria com a Secretaria de Saúde e da Secretaria de Turismo e Cultura e Comércio da cidade.

Figura 12. Voluntários adventistas auxiliando no maior acidente aéreo da TAM em 2007.

SÃO PAULO - SP

Cristianismo em ação

Adventistas auxiliam na identificação dos corpos e no apoio às famílias das vítimas do acidente da TAM



Pastor Valtair ora com as equipes de resgate

Sinival Aragão *Colaborador*

O maior desastre aéreo da América Latina aconteceu no dia 17 de julho. Um avião Airbus da TAM, vindo de Porto Alegre, RS, chocou-se com um depósito de cargas localizado em frente ao aeroporto de Congonhas, numa das principais avenidas da cidade de São Paulo. Morreram no acidente 199 pessoas, incluindo as que estavam no prédio e os 187 passageiros. O difícil trabalho dos bombeiros, agentes da Defesa Civil e dos funcionários do Instituto Médico Legal (IML) contou com o apoio e as orações de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A queda do voo 3054 da TAM, como ficou conhecida a tragédia, chocou o Brasil. Mas uma coisa chamou a atenção de todos, apesar das cenas de horror, desespero e dor que se espalharam pelo País: a dedicação dos voluntários e profissionais especializados no momento e horas depois do ocorrido. Em três minutos, o Corpo de Bombeiros já estava no local (para o enfrentamento do incêndio desencadeado pela explosão da aeronave), seguido da Polícia Militar, ambulâncias, Companhia de Engenharia de Tráfego e Defesa Civil.

Água, alimento e oração – Assim que tomou conhecimento da tragédia, a diretoria da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (Adra) da Associação Paulistana (AP), responsável pela região central da capital paulista, entrou em contato com o coordenador de Ações de Apoio Operacional da Defesa Civil de São Paulo, coronel PM José Carlos Evangelista, para oferecer apoio às equipes que trabalharam no local do desastre.

"A equipe de profissionais envolvida era completa e de alto nível, ou seja, apoio humano ele já não precisavam, mas oferecemos água, alimento e oração", disse o pastor Valtair Aratão, diretor executivo da Adra da AP, ao lembrar que o pessoal da Defesa Civil almoçou no refeitório do escritório da Paulistana, além de terem recebido uma refeição à noite, no ponto de apoio montado próximo ao prédio atingido pelo avião, onde bombeiros, policiais militares e outros servidores também puderam se alimentar.

Parceria no voluntariado – O coordenador de Apoio Assistencial da Defesa Civil, Celso Carvalho de Souza, afirmou que a Adra mostrou um exemplo de cidadania e demonstrou interesse em efetivar a parceria com a entidade. "A Adra efetivamente é uma parceira da Defesa no enfrentamento de desastres, e cada vez mais esperamos contar com esse apoio, considerando que o poder público, sozinho, não tem condições de enfrentar as calamidades", disse.

Em uma das visitas feitas à base da Defesa, o pastor Valtair Aratão teve a oportunidade de orar com a equipe de plantão. O comandante do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo, coronel IM Manoel Antonio da Silva Aratão, expressou seu contentamento com o apoio da Adra: "Nosso muito obrigado a vocês pelas orações e por estarem ao nosso lado nesse momento. Isso é muito importante".

Compartilhando a fé e o amor – Além da equipe da Adra, outros irmãos adventistas estiveram presentes no momento da tragédia. "Foi um luto que os brasileiros vão guardar para sempre, e é bom ver que nossa igreja demonstrou na prática o amor de Cristo", disse Welton Parra, bombeiro, membro da Igreja Adventista da Vila Guarani.

Os doutores Nilton José Soares, membro da Igreja do Brooklyn, e José Jorge Fajura Jr., membro da Igreja de Moema, foram uns dos 46 médicos legistas envolvidos na força-tarefa do IML, responsável pela identificação dos 199 mortos. No dia do acidente, os dois auxiliaram na retirada dos cadáveres, depois colheram depoimentos de familiares para ajudar na identificação das vítimas.

"Mais de 75 pessoas estiveram conosco nessa ação. Com certeza, foi a experiência mais marcante dos meus 31 anos de profissão. Ao longo da minha carreira, presenciei cenas chocantes, porém, esse caso superou tudo o que eu imaginava já ter visto. Refleti muito e vi o quanto é importante estarmos preparados, santificados, pois o fechar da porta da graça, com certeza, não sabemos quando e como será", desabafou o Dr. Nilton.

O exemplo de Cristo – Sobre a ação da Adra, o Dr. Nilton afirmou que foi uma oportunidade de mostrar na prática o exemplo de Jesus, e incentivou ações e parcerias da igreja em momentos como esse. "Fiquei feliz em ver a igreja presente. A Adra age humanitariamente guiada pelo sentido cristão de servir. Com certeza, a presença dos adventistas não será esquecida pe-



Dr. Nilton participou da força-tarefa de médicos legistas

los heróis que lá serviram. Essa é nossa missão", disse.

Apoio pós-traumático – Além da ajuda direta no local, a Adra ofereceu apoio psicológico aos parentes e amigos das vítimas. A doutora em Psicologia Clínica e membro da Igreja do Riacho Grande, Cláudia Brucagin Schwantes, em nome da Adra disponibilizou a Defesa Civil uma equipe de psicólogos para o apoio pós-traumático.

"Essa iniciativa será um diferencial na parceria da Adra com o Poder Público no Estado de São Paulo. Temos que estar presentes na ação, mas não podemos nos esquecer de orar pelas famílias das vítimas. Acreditamos que nossa contribuição como cristãos adventistas pode ser muito mais marcante se nos unirmos e nos capacitarmos para aproveitar as oportunidades de ajudar nesses semelhantes", concluiu o pastor Valtair. **A**



Voluntários da Adra prontos para ajudar

22 Revista Adventista | SETEMBRO 2007

No ano de 2007, destacam-se dois eventos na RA sobre voluntariado. O primeiro deles é uma das mais bem-sucedidas iniciativas sociais desenvolvidas pela IASD no Brasil, o projeto de doação de sangue por voluntários. Ele se iniciou na Região Sul do país e atualmente é realizado em toda a América do Sul. Esse projeto tem envolvido milhares de voluntários e gerado repercussão bastante positiva. Tem sido elogiado por governantes e pela imprensa, e a Organização Mundial da Saúde (OMS) outorgou a esse projeto como o representante brasileiro dos estímulos ao voluntariado. Naquela época havia 66 mil doadores cadastrados no Brasil e 74 mil na América do Sul (maio, 2007, p. 11).

A figura acima, na edição de setembro (2007, p. 22) desse ano, reflete o cenário que está sendo solidificado para o voluntariado religioso adventista brasileiro. Observa-se a atividade direta de um grupo de membros em um dos maiores acidentes da história brasileira. Dezenas de pessoas que perderam suas vidas e uma ação enorme de resgate e apoio que foi construído, contando com a

participação desses voluntários. Nesses dois registros fica claro que existe uma evolução e expansão desse voluntariado. No entanto, esses atos parecem isolados e ocasionais. A linguagem triunfante da revista em relação a esses projetos sociais talvez seja um critério a se avaliar por e com outro olhar, visando vencer os desafios desse movimento.

Já em janeiro de 2008 (p. 30), a reportagem registra uma participação relevante de líderes religiosos da IASD para a América do Sul e logicamente para o Brasil, que saíram de sua rotina no escritório sede em Brasília, para participar diretamente de uma campanha na mesma cidade. Roupas, cestas básicas e brinquedos foram doados para mais de 53 famílias na periferia da cidade. A reportagem descreve:

Outras atividades foram realizadas pelos voluntários: corte de cabelo, orientações sobre saúde, atendimento na área de prevenção, avaliação de pressão arterial, massagem, lanche, atendimento jurídico, atividades para as crianças e a preparação do contrapiso da igreja que está em construção. Dentre os participantes da programação estavam cabeleireiras, enfermeiras e as advogadas da Defensoria Pública, Roberta e Juliana, que fizeram dezenas de encaminhamentos jurídicos.

Esse registro tem seu valor histórico por representar o envolvimento direto do presidente dessa região mundial e seus associados. A reportagem descreve:

Saindo do escritório e atuando na linha de frente das necessidades humanas, puderam desfrutar os benefícios do voluntariado. O líder de Publicações para a América do Sul, pastor Almir Marrom, que é o responsável pelo setor social interno da Divisão Sul-Americana, resumiu o sentimento de todos os participantes do escritório dizendo que “os maiores beneficiados com esse projeto fomos nós”.

Alguns anos mais tarde, na edição de novembro de 2011 (p. 32), a comissão de Reitores de Universidades Adventistas para a América do Sul teve seu encontro regular e entre os projetos apresentados e votados foi registrado o voluntariado na rede educacional. Pela primeira vez se observa o comprometimento dos líderes de educação das sedes administrativas da IASD. A evolução desses registros não apenas nas ações de solidariedade, mas também na descrição do envolvimento estratégico dessas ações, seguramente é uma característica relevante. E de maneira especial o comprometimento da academia com essa frente atual do voluntariado religioso, através dos seus reitores.

No ano seguinte, a RA em julho de 2012 (p. 23), registrou uma parceria de voluntariado com as vítimas de câncer do hospital de Barretos (SP). Juntamente com ADRA, foi criado o Centro de Apoio à Família (CAAF), com o objetivo de oferecer um centro de atendimento integral, que amenizasse o sofrimento das famílias. A reportagem relata que mais de 870 pessoas foram atendidas e 30 voluntários estão envolvidos com a rotina do centro. Os testemunhos de pessoas envolvidas com esse projeto declaram:

“Desde que comecei meu negócio, há 12 anos, procuro atuar de alguma forma no ramo social. Mas, infelizmente, o excesso de trabalho não me permite dedicar tanto tempo a essa atividade. Assim, quando o Caaf me procurou com essa proposta, aceitei prontamente”, lembra. “O pessoal aqui tem achado essa iniciativa muito proveitosa, os pacientes têm se alegrado e aprendido muito com as palestras. Imagine se mais gente pudesse ser atendida! Isso realmente faria a diferença na vida dos pacientes”, analisa.[...] “Queremos oferecer muito mais do que abrigo. O Caaf se propõe a ser um centro de apoio social, psicológico e espiritual.”

Essas ações credibilizam um processo de atividades isoladas para projetos contínuos assistenciais. Ambientes que conseguem qualificar familiares dessas vítimas de câncer costumam gerar um grupo de voluntários mais qualificados para missões em outros territórios, sendo nacionais ou internacionais. Novamente seria interessante indagar o quanto desse compromisso com a região nacional está promovendo voluntários religiosos adventistas brasileiros para o exterior.

Já na edição do mês seguinte, a RA (agosto, 2012, p. 32) registra uma outra notícia sobre a atuação do voluntariado, na Região Sudeste, e traz não apenas o ato social realizado, mas o contraste com a realidade brasileira da necessidade desse ato. Fica claro que existe um amadurecimento até mesmo na construção da informação dessas notícias vinculadas com o voluntariado na RA. O autor do texto descreve:

Também na Zona Sul de São Paulo, outra mobilização procurou amenizar o frio de quem está desprotegido no inverno. Jovens da Igreja da Alvorada entregaram 500 cobertores e 300 quilos de alimentos para moradores de rua, no dia 30 de junho, na Praça 14 Bis, na Zona Norte da cidade. [...] Segundo o último censo, mais de 14 mil pessoas vivem nas ruas da capital paulista. A iniciativa já existe há cinco anos.

A notícia é finalizada apresentando uma breve fala de um dos participantes, Ellen Ribeiro: “No início tinha medo. Não sabia como ia ser recebida

pelas pessoas. Mas minha visão realmente mudou depois que comecei a realizar esse tipo de trabalho.” O agente ativo compartilhando como sua perspectiva sobre aquele drama de rua tinha mudado sua visão daquele contexto.

Por último, e não menos importante, a *RA*, ainda nessa edição (agosto, 2012, p. 32), registra uma parceria com a fundação Adventist Stiftung, uma ONG da Suíça, sobre um projeto que a IASD, através de voluntários, se torna gestora de recursos, selecionando candidatos para serem beneficiários. Isso ocorre na Região Nordeste do país, na cidade de Salvador, Bahia. Microempreendedores foram beneficiados por doação e capacitação. Ficou ainda registrada a visão dessa parceria pelo diretor regional dessa ONG suíça, Giuseppe Carbone, que declarou: “É muito bom desenvolver esse trabalho. Podemos oferecer dignidade humana através da abertura de um pequeno negócio.”

Os registros dessa pesquisa para o voluntariado religioso adventista nacional iniciam com movimentos isolados, em regiões locais do Brasil. No decorrer dos relatos fica clara a expansão desse movimento para outras regiões do país, assim como uma constância maior dessas atividades, sendo algumas regulares. Finalmente, chegam ao nível de parcerias com organizações privadas e governamentais para atuar em diversas necessidades da realidade social brasileira.

3.6.2 Voluntariado religioso adventista internacional na *Revista Adventista*

Nesses registros iniciais do termo voluntariado na *RA*, identificam-se também relatos de ações voluntárias de cunho internacional. A primeira menção do descritor “voluntariado” dentro do contexto internacional ocorreu em maio de 2001 (p. 23). O relato compartilha o momento em que acontecia o primeiro encontro mundial de jovens da IASD e, entre as áreas abordadas nos seminários, estava o assunto voluntariado. Alguns dos tópicos estavam relacionados a como servir regiões do mundo isoladas por necessidades sociais.

Um testemunho que se destacou nessa primeira citação da *RA* foi a fala de um jovem do Quênia sobre a ação e importância do voluntariado. Ele relata da seguinte maneira (maio, 2001, p. 23):

Nossos jovens estão servindo como voluntários, trabalhando em áreas não conquistadas, especialmente em nossas fronteiras com Somália e

entres as tribos do Quênia. E embora nem sempre fiquemos sabendo do resultado aqui neste mundo, no reino eterno ouviremos acerca de quanto nossa pequena ajuda foi útil na salvação das pessoas.

Apesar de a citação acima não incluir brasileiros em seu relato, ela é de extrema relevância justamente por estar na revista aqui produzida, lida por brasileiros que, ao seguirem tal exemplo, poderiam começar sua própria história de voluntariado. Aqui estamos abordando um período histórico no qual o adventismo brasileiro está mais em rápida expansão e consolidação no desenvolvimento desse tipo de ação, mas não deixa de ser relevante notar que existe uma motivação entre o ocorrido ao redor do mundo e o que pode ocorrer ainda mais aqui no Brasil.

Já a segunda aparição desse descritor está relacionado com um grupo de estudantes americanos que vieram ao Brasil para a construção de um núcleo infantil em São Paulo, registrado na edição de setembro de 2004 (p. 32). A reportagem relata o compromisso financeiro e de tempo para essa atividade, assim como o nível de satisfação por parte dos voluntariados e da liderança que os recebeu. Na obra *O poder do voluntariado*, Costa e Follis (2018, p. 73) comentam essa reportagem e declaram:

Aqui se vê de maneira profunda a questão do sentimento da vida baseando o viver do voluntariado. A pergunta discutida anteriormente (“Quem somos nós e para que estamos aqui?”) volta aqui com uma resposta muito incisiva, é quase a reportagem dizendo “somos voluntários e isso nos dá sentido de vida”.

Na edição de janeiro de 2010 (p. 26-27), um artigo jornalístico é publicado para descrever as dificuldades de alguns países africanos e como o voluntariado de jovens brasileiros estavam minimizando esses desafios. Destaca-se, por exemplo, o estudante de medicina Fernando Rossi, que servia em Malawi, na cidade de Malamulo, e que reconheceu o voluntariado como uma grande oportunidade de crescimento profissional.

Em 2010, a então coordenadora do SVA, Marly Timm, declarou que “a maioria dos voluntários é de estudantes universitários de instituições adventistas, provenientes das mais diversas áreas acadêmicas. Outro grupo significativo é o de profissionais que decidem gastar um curto período de tempo em projetos relacionados a sua área de atuação” (janeiro, 2010, p. 26).

Essa declaração é relevante para registrar o perfil dos voluntários adventistas que desejavam servir como voluntários em solo internacional. Ainda nessa reportagem, que se tornou um marco para o voluntariado adventista brasileiro na revista, há o relato de professoras voluntárias brasileiras que, servindo em Moçambique, no continente africano, se depararam com uma realidade pedagógica que demonstrava o desafio e a necessidade do engajamento de voluntários em lugares do mundo como esse. Crisney, uma das professoras e diretoras em uma das duas escolas adventistas na capital, Maputo, afirma:

“Não existe um curso de formação adequado aqui, as professoras estudam por cerca de três meses para dar aulas para o ensino fundamental. Não é o suficiente para se ensinar uma criança. Por isso, acabamos treinando as professoras primeiro, para que elas aprendam a lecionar” (janeiro, 2010, p. 26).

Um das dessas professoras, ao retornar ao Brasil, testemunha sua experiência com o voluntariado. Ela diz que “ter que fazer tudo com tão pouco faz você repensar seus valores e prioridades. Sinto que isto aqui me fara muita falta, mas uma vez que você experimenta o campo missionário, é difícil parar num canto, quer ajudar mais e mais”. Stella foi a outra diretora da segunda escola da capital.

Essa edição de janeiro de 2010 dedica especial atenção ao voluntariado, chegando a sugerir um testemunho de vivência (Fig. 13) de uma participante que serviu como voluntária em outro país da América do Sul. Esse espaço, infelizmente, não foi mantido como regular, mas seguramente teria sido de grande contribuição para o histórico do voluntariado religioso adventista internacional.

Figura 13. Quadro de testemunho para o voluntariado na RA.



500 mil novos casos de câncer em 2010

Mais de cem doenças diferentes e um mesmo nome aterrador – câncer. De janeiro até o fim deste ano, pelo menos 499.770 pessoas desenvolverão esta doença, estima o Instituto Nacional de Câncer (Inca). Desde 2003, as neoplasias malignas são a segunda causa de morte da população.

O tumor mais comum certamente será o de pele não melanoma (11.850 casos), seguido pelos de próstata e mama femininas (69.240), câncer de reto (28.110) e pâncreo (2.760). A incidência de câncer não se uniformiza em todas as regiões. O câncer de próstata, por exemplo, ocupa a primeira posição nas estimativas entre os homens, em todo o País, com exceção da região Sul, onde se espera uma ocorrência três vezes maior (69,4%). No Sul, e no Sudeste, a taxa bruta do câncer de mama é quase o dobro de esperada para o Nordeste (30,1%) e o Centro-Oeste (37,7%).

Em números absolutos, mais mulheres (51,3%) do que homens (48,7%) desenvolverão câncer. O câncer é uma doença do envelhecimento. E, como a expectativa de vida entre as mulheres é mais alta, existem mais mulheres na terceira idade do que homens*, explica Cassia Noronha, coordenadora de Prevenção e Vigilância do Inca.

Estima-se que, em torno de 30 a 40 por cento dos casos poderiam ser evitados com a mudança de hábitos e comportamentos que inclui: a eliminação do tabagismo, redução na ingestão de bebidas alcoólicas, proteção contra a radiação solar, prática de atividade física e alimentação equilibrada, priorizando o consumo de frutas, legumes e verduras e redução de gorduras. *Diogo Cavalcanti*



Pelo prazer de servir

A sensação de estar se aproximando da linha que divide o Planeta se confunde com um misto de emoções que geraram aquecimento fraterno na barriga. Imaginar tudo o que poderia acontecer nos 30 dias seguintes fazia a minha mente pensar longe e voar alto – Itacaré. Dentro de mim, havia um coração ansioso e cheio de curiosidade para descobrir o que realmente existia por trás de um país chamado Equador.

No início de 2005, senti que precisava fazer algo mais na minha vida. Tinha que viver uma experiência diferente que transformasse minha capacidade de ver e entender o mundo. Mas voar a confessar não foi fácil. O espaço de tempo entre essa vontade e sua realização foi um longo período recheado de incertezas e desconforto. Não acreditava que isso poderia tornar-se realidade.

Meu primeiro plano foi fazer um curso de idiomas e aproveitar para conhecer outros países. Mas logo percebi que havia algo errado, pois nada estava dando certo. Sabia aquela expressão “remar contra a maré”? Era exatamente assim que eu me sentia. Quase a ponto de desistir, crei a Deus e pedi Sua orientação. Encarguei a Deus meus sonhos e percebi que deveria mudar meus objetivos. Era preciso “pedir” meu papel no mundo e compartilhar tudo aquilo que eu havia recebido para o benefício de outros. Com essa nova perspectiva em mente, “bom sei” e preparei meus planos anteriores. Foi sabido que só precisava mudar um detalhe.

Escrevi para uma amiga comete sobre muitos interesses. Foi nesse momento que parei de escolher destinos e escolhi a pena um melo: Deus. Deus resolveu tudo por mim. E inclui perceber que, quando você entrega a vida nas mãos de Deus, a realidade se transforma. O que era impossível se torna possível e a angústia se torna certeza. E fomos certezas que me fez decidir ser voluntário – mesmo que por apenas um mês. Deus nos concede tantas bênçãos e por que não compartilhá-las? Separei minhas férias de um ano de trabalho e disse: “Senhor, essas férias são para Ti!”

Meu período de voluntariado foi desenvolvido no escritório administrativo da Misão Equatoriana do Sul, em Guayaquil, cidade mais importante do Equador depois de Quito. Os dias seguem uma rotina de trabalho: cumpria horário normal de expediente e minhas atividades se resumiam em ajudar a todos que precisassem – como naquele famoso “ajudar” mil e uma utilidades. Tinha oportunidade de colaborar com vários departamentos da igreja: administração, acolhimento, alocação de alguns materiais e participando do planejamento e execução de alguns projetos e eventos, como encontros e treinamentos.

Deus me concedeu o privilégio de ser recebido por pessoas maravilhosas que hoje se tornaram mais do que irmãos para mim. Pessoas que fizeram diferença nos meus dias e foram verdadeiros presentes que me proporcionaram a oportunidade de conhecer alguns dos maiores belezas turísticas do região. As amizades que me trouxeram a vontade de voltar para o Brasil e para ser missionário. Foi, talvez, a maior graça que Deus me concedeu ao me permitir conhecer a realidade de outros países e experimentar a vida de outros povos.

Quando olho para trás e relembro tudo o que aconteceu, tenho uma única certeza. Faria tudo novamente. Hoje percebo que a grande bênção que me separa espiritualmente nos aproxima como cidadãos e adventistas. E inclui, você se sentir parte de uma igreja mundial, que ao mesmo tempo que se diferencia pelos costumes, idiomas e nacionalidades, se iguala no objetivo de salvar do pecado e regular no serviço.

Agnaia, e com você!

Licene Renck trabalha na União Sul-Brasileira.



A revista Conexão JÁ deste trimestre abordou o tema “consumismo”, um mal que tem afetado o estilo de vida do jovem adventista. Confira também a matéria “Como Dan Brown perdeu a fé” (um verdadeiro alerta para os líderes de jovens), as dicas de saúde, cultura e comportamento. Confira nosso blog: www.conexaoja.com.br

Já no mês seguinte, a RA (fevereiro 2010, p. 26) volta a mencionar o país de Moçambique, no continente africano. Agora trazendo detalhes da realidade social do país e fortalecendo assim a relevância da presença de voluntários religiosos adventistas internacionais. O autor da nota declara:

Mais de quinze anos de guerra deixaram feridas profundas no povo de Moçambique, roubando a esperança de futuro da nação. O país está aleijado pelo analfabetismo, malária, Aids, pobreza e uma grande falta de água potável. Lá, evangelizar não significa apenas ensinar a Bíblia, mas construir igrejas, combater as epidemias e cavar poços para a comunidade. Não bastasse a escassez de água, que castiga muitas vilas e cidades, Moçambique apresenta índices inacreditáveis de morte por malária. Cerca de 6 milhões de casos da doença são registrados anualmente, sendo que em 2005, a malária fez um milhão de vítimas. É nesse contexto que a mensagem e o voluntariado adventistas se mostram relevantes.

Alguns anos mais à frente, na revista de abril em 2017 (p. 25), observa-se um amadurecimento nesse processo de desenvolvimento do voluntariado religioso internacional na comunidade adventista brasileira. Um grupo de voluntários da Região Sudeste do Brasil, colaboradores de um escritório da

organização, toma a decisão de servir por alguns dias uma comunidade no Cairo, Egito. Tratava-se de uma escola de 120 alunos, em sua maioria refugiados do Sudão. A descrição da reportagem enfatiza várias atividades que foram realizadas por esses voluntários, com uma riqueza de detalhes que deixam margem para visualizar um caminho de maior planejamento, intencionalidade e até o custeio próprio para uma ação definida como essa.

A disposição de um grupo de voluntários que se planejam para uma ação tão distante como essa, levando-os a buscar recursos ou economizar do seu próprio salário durante um longo período, traz visibilidade relevante sobre o conceito daquilo que está acima do sentido da vida. Tempo e dinheiro são elementos que, dentro de um compromisso de voluntariado, fazem total diferença.

Infelizmente, termos vinculados ao voluntariado, como internacional, intercultural, transcultural ainda são inexistentes. O conceito é novo para o vocabulário da *RA*, porém termos como missionário/voluntário além-mar eram usuais e se encontram na primeira metade do século passado no acervo da revista. Como o recorte de análise está entre 1982 a 2018, não discutiremos relatos diretos desse voluntariado, porém, ao analisar citações de maneira individual, torna-se possível identificar e definir se a reportagem relata fatos nacionais, internacionais ou ambos.

Na reportagem de setembro de 2008 (p. 22), identifica-se pela primeira o termo intercultural. Ele foi usado quando um grupo de estudantes da região central do Brasil tomou a decisão de realizar atividades sociais em uma comunidade indígena. Essa tribo em especial estava localizada em uma região isolada geograficamente, proporcionando a formação de uma cultura regional e logo, ao terem contato com esses voluntários religiosos, aparecem conflitos. O termo intercultural foi usado nesse contexto. A citação diz: “Na relação dos Karajás com o homem branco, algumas influências negativas levaram problemas e vícios a juventude indígena. O alcoolismo e uso de drogas precisa ser combatido e medida de orientações aos jovens e crianças podem atenuar esse impacto das relações interculturais.”

Mesmo sendo dentro do nosso território brasileiro, esse fato demonstra claramente a necessidade de flexibilidade do voluntário ao realizar suas atividades com comunidades de outras culturas, como a indígena. A contextualização deve ser um elemento presente nesse processo. Nesse caso,

observa-se o povo karajá abrindo espaço para vícios em que o homem branco possa levar ao entrar em contato com essas comunidades. Um problema muito sério que deve ser avaliado por todo aquele que se envolver como um voluntário religioso internacional/intercultural.

3.6.3 Categorização da expressão “voluntariado”

Ao realizar uma pesquisa mais detalhada na RA, pode-se categorizar o descritor voluntariado em outros descritores que demonstram atividades semelhantes. Nessa pesquisa, foram relatados (Tabela 2) os cinco primeiros descritores que mais trazem conexão e que nos ajudam a entender melhor o desenvolvimento do voluntariado religioso adventista brasileiro. Os relatos nesta seção, que estão sendo definidos na RA, têm por objetivo apresentar que mesmo o descritor voluntariado não estando presente naquela notícia de maneira direta, é possível associar e fortalecer esse assunto, assim como os desafios que esse movimento enfrenta dentro da IASD.

Tabela 2. Categorização da expressão “voluntariado” na RA (1982-2018)

Categoria	1982	1990	2000	2010	Total
Voluntário	320	404	368	634	1726
Serviço voluntário	5	1	8	41	55
Missionário voluntário	4	7	3	20	34
Projetos comunitários	0	21	13	17	51
Trabalho social	1	6	6	27	40

Tabela 2. Categorização da expressão “voluntariado” na RA (1982-2018) (cont.)

Categoria	1982	1990	2000	2010	Total
Solidariedade	25	38	92	135	290

Ao visualizar a Tabela 2, consegue-se observar a diferença da presença de cada termo nas diferentes décadas do recorte dessa pesquisa (1982-2018). Uma análise de como o termo se apresenta nesses diferentes períodos tem por objetivo fortalecer a compreensão do descritor “voluntariado” estudado até aqui. Nesta seção, esse comparativo é realizado em diferentes décadas.

3.6.3.1 Voluntário

Uma das primeiras aparições (abril, 1982, p. 29) do descritor voluntário na RA, dentro do recorte proposto da pesquisa, está o vínculo com uma expressão comumente usada para atividade religiosa – “obreiros voluntários”. Essa expressão, no plural ou singular, deixa claro mais uma vez como o descritor voluntariado teve seu histórico ligado a atividades voluntárias dentro das atividades regulares do desenvolvimento e crescimento religioso da IASD, e não necessariamente com atividades sociais por ela realizadas.

Figura 14. Edições comparativas (1982 e 2018) do termo “Voluntário” na RA.



Figura 14. Edições comparativas (1982 e 2018) do termo “Voluntário” na RA. A imagem mostra uma coleção de recortes de jornais. Os recortes de 1982 incluem um artigo sobre um concílio com 270 obreiros voluntários e outro sobre líderes e obreiros voluntários reportando suas experiências misionárias. Os recortes de 2018 incluem um artigo sobre o foco em ISS (Imposto de Renda) a tempo inteiro e outro sobre o trabalho voluntário. As imagens mostram grupos de pessoas em contextos religiosos e comunitários.

Já no final do período pesquisado na edição de janeiro de 2018 (p. 43), pode-se observar o descritor voluntário sendo usado dentro do contexto hoje conhecido como voluntariado religioso, que inclui atividades sociais praticadas por determinado grupo de membros, nesse caso da religião cristã. O relato descreve uma campanha que já vinha sendo realizada pela IASD por duas décadas no período de Natal e que teve sua evolução nas atividades de como cada comunidade adventista pode ajudar os necessitados de sua região. Esse projeto (Fig. 14) foi criado na IASD local do Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, em 1994, ofertando inicialmente cestas básicas para os carentes devidamente cadastrados por cada voluntário que participava do projeto. Hoje descreve-se na reportagem que esse projeto, intitulado Mutirão de Natal, se estende à maior parte do território brasileiro, com diversas atividades assistenciais, além da doação de alimentos e ainda incentiva a atuação dessas atividades em uma maior parte do ano, através dos voluntários envolvidos.

3.6.3.2 Serviço voluntário

Já com o descritor serviço voluntário, a edição de setembro de 1994 (p. 39) descreve a fala de um voluntário que participou de um período no exterior e o serviço voluntário que ali ofertou envolveu atividades em sua maior parte de cunho religioso. Esse descritor, no passado não muito distante, não tinha uma conotação tão próxima à que se descreve atualmente na *RA*. A voluntária Lindinalva T. Parente descreve sua impressão do período que ali esteve nesse serviço voluntário:

Caro jovem, você tem toda uma energia, use-a para Deus. Seja útil na causa de Deus. Busque onde estão seus talentos e entregue-os a Deus. Se você pensa que não tem talento, é um motivo a mais para ser um missionário longe de seu lar. O campo missionário para mim foi uma segunda colportagem. Lá aprendi que o pouco que sei é muito a transmitir para pessoas que não o sabem. Descobri que desde contar uma história na Escola Sabatina até dar aula sobre higiene pessoal para jovencinhas, é desenvolver talentos para Jesus. O conforto que por momentos gozamos parece sem importância diante do sentimento de estar fazendo algo sem esperar nada de recompensa. Amar, amar, sobre tudo o mais, para servir, recompensa sem medida. Não perdi nada em servir; ganhei e creio que ganhei sem esperar ganhar. Este é o melhor presente. Muitas partes do Brasil, bem como muitos países também precisam de você. Deixe de pensar como ganhar, comece a dar e verá que você foi quem mais ganhou.

Figura 15. Edições comparativas (1994 e 2010) do descritor “serviço voluntário” na RA.



Na edição da RA de outubro de 2010 (p. 33), uma reportagem especial foi desenvolvida sobre o assunto serviço voluntário. A notícia apresenta diversas frentes nacionais e internacionais por universitários em período curto de alguns dias ou meses. Ela tem uma característica promocional, compartilhando que a IASD brasileira vivia uma realidade que proporcionava o envio de voluntários religiosos adventistas brasileiros para o exterior. Não mais recebendo missionários, como em todo o seu histórico, mas pagando essa dívida com o desafio mundial da IASD em fortalecer sua presença em novas regiões do mundo. É interessante analisar o enfático apelo da coordenadora do serviço voluntário para essa década atual. A professora Marly Timm diz: “Uma coisa é certa: quem experimenta ser voluntário fora do seu país nunca mais volta o mesmo.”

3.6.3.3 Missionário voluntário

Já o descritor missionário voluntário, na edição de maio de 1993 (p. 17), apresenta o contexto mais próximo da compreensão que a IASD desenvolveu ao longo de suas décadas no Brasil para essa expressão. Tratava-se de uma fusão de atividades religiosas e sociais sendo as sócias como uma ponte para um objetivo maior. O projeto Prisma, por exemplo, fez parte da Região Norte do Brasil, em que diferentes jovens estiveram ligados em atuação em regiões isoladas do Brasil, como nessa reportagem, entre tribos indígenas. A descrição

literal do convite gera uma compreensão melhor da fusão desenvolvida pela IASD:

[...] atender às comunidades em suas necessidades sociais, físicas, espirituais e educacionais; dar oportunidade aos jovens estudantes de se envolverem sob supervisão profissional, em serviço missionário voluntário no período das férias escolares; integrar os vários departamentos e ministérios da Igreja num serviço conjunto, e estabelecer maior e melhor integração entre os jovens de diferentes regiões do país.

A notícia traz ainda um depoimento (Fig. 16) de um dos participantes sobre sua impressão em ter sido um missionário voluntário desse projeto nessa época. Estudante do quinto ano de Medicina na Universidade Federal do Goiás, Rogério Damasceno, de 21 anos, afirmou: *“Sentir de perto a condição humana e usufruir de um forte senso de realização altruísta. Senti-me como um missionário de além-mar.”* Vale ressaltar que ao compartilhar o termo “além-mar”, fica a abertura para a compreensão das limitações de oportunidades para o voluntariado internacional na época, assim como a compreensão de que o Brasil, com seu extenso território já cumpria esse papel, não havendo a construção ideal ainda desse incentivo de um plano mais completo de um voluntariado religioso adventista nacional e internacional.

Figura 16. Edições comparativas (1993 e 2018) do descritivo “missionário voluntário” na RA.

União Central-Brasileira

Projeto PRISMA retoma sua força

IAE amplia programa cultural

Encontros movimentam distritos locais

MAIO GRISSO

HISTÓRIA DA IGREJA

Devagar, mas sem parar

UM BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DO ADVENTISMO EM TERRITÓRIO JAPONÊS

DAVID THIM

A VULGIA DOS MISSIONÁRIOS

Foto de estudantes adventistas em 1918

21 - O texto de origem sobre o projeto PRISMA, publicado em 1993, enfatizava a importância de um plano mais completo de um voluntariado religioso adventista nacional e internacional. O texto atualizado em 2018 mantém o foco na importância do projeto, mas também reconhece as limitações de oportunidades para o voluntariado internacional na época.

No ano de 2018, na edição de setembro (p. 22), a *RA* em parceria com a revista *Adventist World*, apresenta também nessa reportagem o termo missionário voluntário para caracterizar a evangelização adventista no Japão (Fig. 17). A *Adventist World* começava a fazer parte do corpo da revista nacional, compartilhando notícias internacionais, com o objetivo de aproximar a IASD brasileira da realidade mundial e dos desafios globais. Entre as informações compartilhadas, sugere-se que o termo “missionário voluntário” está muito mais ligado com atividades religiosas da denominação do que com as atividades sociais que ela realiza. Essa visão do termo é compartilhada tanto pelo pensamento da liderança nacional da IASD como internacional, segundo o conteúdo apresentado.

3.6.3.4 Projetos comunitários

“Projetos comunitários” é um descritivo usado para a compreensão de atividades sociais vinculadas direta ou indiretamente com o voluntariado. Na edição de abril de 1995 (p. 18), a *RA* relata a notícia de um evento muito bem coordenado que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro (Fig. 17). Novamente, destaca-se, entre as muitas atividades, a característica religiosa do evento. A citação afirma que:

As 100 crianças beneficiadas tinham entre seis e 14 anos. Distribuídas em cinco turmas, elas participaram de várias atividades como trabalhos manuais, artes, e reciclagem de lixo, monitoradas por 30 líderes selecionados entre desbravadores e estudantes universitários. Além das oficinas de trabalhos, foram oferecidas aulas de Futebol, Vôlei, Basquete, Natação. Houve também realização de passeios, jogos e outras atividades recreativas. Mas o ponto considerado de destaque da Colônia de Férias, segundo Cyro Barreto, “foi o evangelismo infantil, onde diversos recursos foram utilizados, garantindo uma audiência sempre atenta e interessada”.

Figura 17. Edições comparativas (1995 e 2015) do termo “projetos comunitários” na RA.

Uma reportagem que surgiu de uma ideia do jornalista Paulo Freire, autor do livro "Pedagogia da Esperança", que defende a educação como um ato político. O texto foi publicado na edição de maio de 1995 da RA, sob o título "Projeto comunitário beneficia crianças fluminenses".

União Este-Brasileira
Projeto comunitário beneficia crianças fluminenses

A Associação Rio de Janeiro realizou, durante os dias 21 e 22 de maio, o projeto "União Este-Brasileira", em parceria com a Associação Social Adventista de Fluminenses, visando a melhoria da qualidade de vida das crianças da cidade de Niterói.

Na ocasião, foram realizadas atividades de recreação, jogos e oficinas, além de uma apresentação de dança. O projeto foi coordenado por Paulo Freire, autor do livro "Pedagogia da Esperança".

ATENÇÃO
FUNDAÇÃO ROBERTO RABELLO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Localizar Adventista que trabalha em emissoras seculares. Estamos cadastrando os profissionais de área para possível aproveitamento nas Rádio Adventistas.

Presença e formulário abaixo, recorte e envie junto com uma fita gravada com sua voz para:
DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD – COORD. DE RÁDIO E TV – Pr. Aicy T. de Almeida

Nome: _____ Nº: _____
 Rua: _____ Nº: _____
 Cidade: _____ Estado: _____
 Estado Civil: _____ Data de Nascimento: _____
 Sexo: _____ Trabalho Atual: _____

BOAS VINDAS DE 1995! ENCONTRO DE RÁDIO E TV DA DIVISÃO SUL-AMERICANA.

Hotel Costa do Sol – Hostess Vitória – ES
 Hospedagem e alimentação para todo o período – R\$ 180,00
 Inscrição – Uma única cópia do mesmo formulário é enviada para o endereço acima com o valor de inscrição em cheque nominal à
FUNDAÇÃO ROBERTO RABELLO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, até 15 de abril.



DO 1º DIA DO 1º DIA DO ANO
 COM UMA AGENCIA SOCIAL E HOSPIEDARIA CIVIL, OS ADVENTISTAS QUE FORAM DADOS SEM NUNCA A FIM DE SEUS E CUIDOS ESTARÃO UMA PAZ UNIFORME EM TODOS

WENDEL LIMA

Quem trabalha em uma instituição de ensino, sabe que a educação é um ato político. Isso porque, ao ensinar, o professor está formando cidadãos. É por isso que, em uma instituição de ensino, o professor deve ter um compromisso com a formação do cidadão. Isso significa que o professor deve ser capaz de ensinar o aluno a ser um cidadão responsável e comprometido com a sociedade.

INICIATIVA SAN ANTONIO

Uma iniciativa que surgiu de uma ideia do jornalista Paulo Freire, autor do livro "Pedagogia da Esperança". O projeto visa a melhoria da qualidade de vida das crianças da cidade de Niterói.

NA ESTRADA E SAÚDE

Uma iniciativa que surgiu de uma ideia do jornalista Paulo Freire, autor do livro "Pedagogia da Esperança". O projeto visa a melhoria da qualidade de vida das crianças da cidade de Niterói.

Já na edição de agosto de 2015 (p. 30), a reportagem demonstra a preocupação da IASD em estar realizando seu evento religioso mundial, que ocorre a cada cinco anos, e desenvolver projetos comunitários na cidade em que ele ocorreu. O objetivo é contribuir e chamar a atenção da população local através dessas iniciativas. Observa-se que existe um caminho contrário nesse processo de amadurecimento sobre o conceito do que é o voluntariado. Algumas décadas atrás se encontrava facilmente notícias desse caminho de atividades sociais com atividades religiosas em alguns eventos. Agora existem grandes eventos religiosos que necessitam de atividades sociais, porque eles isolados talvez não mais despertem a atenção como antes. Logo, mostra-se mais uma vez a relevância de se ter uma atenção especial para o voluntariado religioso adventista.

3.6.3.5 Trabalho social

A RA, em sua edição de 1998 (outubro, p. 31), descreve no quadro de notícias um evento de jovens na Região Nordeste em que o trabalho social da igreja teve destaque, envolvendo o voluntariado religioso adventista. Destacamos duas falas na reportagem, uma do líder espiritual do evento e a outra de um voluntário. Diz assim: “Para a maioria dos jovens, prevaleceu o simbolismo em relação à dádiva do sangue de Cristo derramado na cruz”, constatou Heron

Santana, diretor de Comunicação da União Nordeste-Brasileira. Flávia Passos, uma doadora, disse: “É uma alegria dar um pouco de minha vida às pessoas.”

É interessante observar que para o membro o vínculo com o voluntariado parece mais forte com a atitude social em prol do outro; já para a liderança, o conceito da salvação eterna sempre se faz presente, fortalecendo o conceito de um voluntariado religioso.

Figura 18. Edições comparativas (1998 e 2013) do descritivo “trabalho social” na RA.



Em 2013 (novembro, p. 21), o termo “trabalho social” é testemunhado por um espaço criado na RA sobre diferentes assuntos em que jovens têm a oportunidade de apresentar seu parecer respondendo a uma questão do editor da revista (Fig. 18). Entre alguns pontos questionados, encontra-se a seguinte pergunta: “De que maneira o jovem adventista pode atuar para a transformação social?” Para responder esse questionamento foi escolhida Gabriela Marques, esteticista e diretora da Comunidade-Rio, ONG que reúne jovens voluntários na realização de projetos sociais para a comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro. A organização que ela coordena atendia aproximadamente 200 pessoas entre crianças e adultos, com projetos na área de música, esporte e educação. Ela então responde de que maneira deveria ser essa atuação (novembro, 2013, p. 21):

Cada um pode fazer sua parte no local em que mora. Você pode fazer a diferença onde está. Em todos os lugares é possível encontrar crianças, adultos e idosos precisando de ajuda. Porém, para ajudar de verdade, é preciso ter muita fé e persistência, porque isso não é tão simples. Não adianta apenas mudar a realidade material, sem uma transformação de ideias e conceitos. As crianças precisam compreender o valor do estudo, do caráter. O mundo ensina valores distorcidos. E um trabalho social efetivo também precisa promover uma transformação nesse nível.

A fala da Gabriela Marques retrata um pensamento muito próximo da realidade ideal sobre a construção do voluntariado acadêmico. Observa-se o distanciamento da tradicional concepção do voluntariado religioso como até aqui vinha sendo observado nas edições da *RA*. Entre os questionamentos já apresentados, surge mais um com essa citação testemunhal. Esse recorte da presente pesquisa introduz questões e desafios como estes: encontramos o equilíbrio na compreensão do termo voluntariado para a IASD? Uma visão cada vez mais alinhada do termo deve gerar uma filiação maior dos seus membros?

3.6.3.6 Solidariedade

A última categoria analisada é a palavra solidariedade, um descritor que se aplica a diferentes contextos e que se relaciona também com o voluntariado. Na edição de setembro de 1983 (p. 28), a *RA* traz o uso desse termo vinculado a um desastre natural que ocorrera na Região Sul do país, em Santa Catarina, deixando desabrigados. A notícia descreve um extenso ato de solidariedade por parte da comunidade adventista local e dos estados vizinhos. Relata até mesmo o envolvimento de uma agência adventista internacional para esses fins. “A *Seventh-Day Adventist Welfare Service*, SAWS, órgão adventista internacional de socorro a flagelados, mediante seus representantes na União Sul-Brasileira, colocou-se ao dispor das autoridades governamentais do Estado, pelo que foi imediatamente solicitada a colaborar.”

Figura 19. Edições comparativas (1983 e 2018) do termo “solidariedade” na RA.



Décadas depois, o termo solidariedade se encontra vinculado na RA (dezembro, 2018, p. 36) com o mesmo propósito, desastres naturais e voluntários se envolvendo para minimizar o sofrimento. Um dos maiores incêndios que os estado da Califórnia já passou nos Estados Unidos, agindo diretamente também membros da comunidade adventista e até um hospital adventista (Fig. 19). Observa-se que há uma preocupação externa de ver o sofrimento do outro e fazer parte disso. A solidariedade se apresenta como um descritor do voluntariado que transita de maneira maior para uma compreensão mais adequada e completa do que envolve o voluntariado religioso adventista brasileiro e seus desafios.

Entre os aspectos identificados neste capítulo, se destaca o período de transição que a IASD vive no momento em relação ao voluntariado religioso. As edições da RA demonstram que existe um histórico de voluntariado no Brasil por engajamento dos membros. Porém, com o decorrer das décadas, o crescimento e fortalecimento desse voluntariado local chega a uma necessidade de expansão além de suas fronteiras geográficas. De maneira especial, a partir de 1982, quando se cria o departamento oficial do Serviço Voluntário, no concílio anual mundial da IASD. Ali se enfatiza essa expansão e se fortalece o conceito que o voluntariado religioso adventista brasileiro deve se tornar cada vez mais internacional com o decorrer da história, tendo como meta ser uma influência global.

3.6.4 Análise do voluntariado adventista

Ao analisar as informações contidas no acervo da RA, *corpus* deste estudo, algumas inquietações surgem sobre os desafios do voluntariado religioso adventista brasileiro. Atualmente a denominação vem buscando construir sugestões para esses desafios. Entre essas contribuições acadêmicas, destacam-se autores brasileiros como Marcelo Dias e Wagner Kuhn (2018), que, ao avaliarem esse quadro, classificam sugestões relevantes como a necessidade de envolvimento pessoal, a busca de atuação em alcance global, estruturas flexíveis, parcerias ativas e comunicação transcultural intencional, assim como reflexão acadêmica sobre o assunto.

O voluntariado religioso adventista deve ter por objetivo se tornar cada vez mais globalizado. Logo, a busca em continuar promovendo uma estratégia coordenada, um planejamento estratégico de longo prazo, de maneira apropriada, estruturado e prático, se torna uma necessidade. O ato de criar diretrizes e políticas modernas para ajudar a coordenar e definir parâmetros para o envio e recebimento, devem fazer parte dos focos para o avanço do voluntariado religioso adventista, em nosso estudo o brasileiro (DIAS; KUHN, 2018).

Desde o início tardio, com o voluntariado religioso como conhecemos hoje, a representação brasileira adventista sempre foi relevante e hoje é a maior comunidade de membros da denominação em nível mundial. Naturalmente se espera dessa representação adventista brasileira um engajamento cada vez maior com o voluntariado como conhecemos atualmente, sendo ele revestido do religioso ou não. Algumas necessidades/sugestões diante de fraquezas e oportunidades ficam claras nesse processo, e cremos que seja válido analisar brevemente nesta pesquisa alguns itens, deixando claro que o objetivo não é apresentar uma palavra final sobre o assunto, mas abrir diálogos neste estudo e em pesquisas futuras.

O voluntariado requer uma constante dedicação. Quanto maior for o envolvimento dos membros da denominação, direta ou indiretamente, maior e mais significativa será a diferença no processo de amadurecimento e conseqüentemente no nível de comprometimento. Frentes de divulgação e suporte devem se fortalecer por parte daqueles que não estão diretamente envolvidos com as ações concretas. Vale lembrar o nível do envolvimento com o

espírito do voluntariado no final do século 19 entre as comunidades protestantes americanas, local onde surgiu a IASD. O envolvimento de toda a comunidade, independente da área de atuação, seguramente irá gerar um novo estágio do voluntariado religioso adventista brasileiro.

Entre os desafios do voluntariado religioso adventista brasileiro, encontra-se também a conscientização da entrega de cada candidato de estar aberto a servir em qualquer lugar do globo terrestre, especialmente em regiões isoladas que têm maior necessidade de atenção. No norte da África, de maneira especial, assim como boa parte da Ásia, iniciando pelo Oriente Médio (região global conhecida como Janela 10/40³⁰), se faz necessária essa disposição. Vale lembrar que o choque transcultural nesses ambientes é muito forte, sendo a realidade inter-religiosa a maior delas. A contextualização por parte desses voluntários requer toda uma atenção dirigida, pois trata-se de culturas milenares, com gastronomia, valores e religiões diferentes. O missionólogo adventista Bruce Bauer (2013), em um dos seus artigos traduzidos para o português, destaca essa necessidade ao afirmar que: “É hora de redirecionar nossos recursos para a Janela 10/40, onde vivem 63% da população mundial, mas onde apenas 20% dos nossos missionários adventistas trabalham e apenas 20% dos voluntários adventistas estão localizados.”

O efeito do comprometimento com o voluntariado internacional será reflexo no comportamento nacional. Seguramente os resultados locais irão se expandir e se tornar um celeiro de candidatos para voluntariado transcultural.

Dentro de um planejamento em avanço do voluntariado religioso adventista, é significativo olhar para a história da denominação e identificar movimentos semelhantes que apresentem alto nível de flexibilidade. Formatos únicos não são interessantes e tampouco foco de atuação em regiões específicas apenas. Uma expansão nacional cada vez mais forte e crescimento gradativo internacional é um caminho natural que se espera do voluntariado adventista brasileiro. Ao observar que a IASD atua na área educacional, hospitalar e outras frentes, fica claro como essa flexibilidade contribuiu para a expansão e

³⁰ Essa região geográfica do mundo é denominada pelo protestantismo como Janela 10/40. Ali se localizam os países com maior população mundial, maior necessidade social global, assim como desafios transculturais enormes para a atuação de voluntários religiosos cristãos.

desenvolvimento do voluntariado, assim como esses setores de destaque dentro da IASD (educação e saúde).

No passado o voluntariado, em sua maior parte, vinha do hemisfério norte, dos países desenvolvidos. Porém, hoje já se identifica um processo reverso, e o Brasil está fazendo parte disso. Observa-se claramente que países e estados que apenas recebiam agora também adquirem disposição e capacidade de envio. Logo, essa troca e flexibilidade se torna relevante no processo do desenvolvimento do voluntariado religioso adventista. A coordenação deve estar aberta e sintonizada com essa capacidade de oferta de voluntários de lugares que inicialmente jamais seriam cogitados.

Os modelos também podem e devem ser reversos. Qual formato de voluntariado deveria ser usado? Entre as opções, incluem-se perfil completo, parcial, apenas para se capacitar e posteriormente ser um funcionário regular de sustento. Acima dessa escolha, é relevante que a ideologia seja semelhante, já que diferentes são as maneiras e formas possíveis.

Um espaço bastante claro e definido se faz necessário para fortalecer esse processo de desenvolvimento do voluntariado religioso adventista brasileiro. Atualmente convivemos com várias plataformas de comunicação, sendo cada uma delas usada de maneira diferente para alcançar objetivos em comum. Logo, uma compreensão do uso correto pode gerar resultados muito positivos no processo de recrutamento e na arrecadação de fundos.

A atuação do voluntariado sempre deve buscar suprir necessidades diretas daqueles que recebem essa atenção dirigida. Dentro dessa linha de pensamento de pensamento, os voluntários religiosos sempre devem estar abertos a oferecer assistência que contemplem as necessidades físicas, psicossociais e espirituais. Essa preocupação irá gerar resultados positivos para aqueles que recebem o auxílio e um alto nível de satisfação para aqueles que ofertam a ajuda. Espera-se que nesse processo, especialmente no auxílio espiritual, exista uma sensibilidade por parte do voluntário ao buscar respeitar e se tornar flexível à crença daquele que se encontra fragilizado.

Programas de pós-graduação em voluntariado já são uma realidade dentro da academia brasileira adventista, porém eles são muito poucos e regiões adventistas do Brasil acabam não tendo nenhum contato com esse conteúdo. Devem estar acessíveis a todos os membros da IASD mais programas que visem

promover a discussão e tornar a informação mais acessível para aqueles que desejam se envolver com esse segmento por um período longo ou curto da sua vida. Tanto no processo inicial para recrutamento como também posterior em capacitação maior e específica.

O termo “Voluntariado” sem dúvida é uma referência para melhor compreensão do desenvolvimento da IASD. Apesar de ser recente e assim não aparecer no século passado na RA, se identifica e justifica por outro lado uma disposição da IASD em implementar o voluntariado religioso nesse novo século. A busca pelo plantio de uma nova cultura que envolva muito mais do que o uso do termo, se faz necessário. O voluntariado religioso adventista brasileiro deve continuar sendo objeto de estudo acadêmico, envolvendo discussões e desafios.

Neste capítulo se obteve um panorama da história do voluntariado, tanto na categoria internacional como brasileira, assim como a relação da IASD com o voluntariado nessas duas dimensões. Mais especificamente, a pesquisa do *corpus* de estudo, a RA, proporciona um registro histórico que convida a pesquisa e análise. O estudo parcial desse período registra iniciativas relevantes que podem servir de estímulo a estudos semelhantes de outras fontes.

4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou trazer inicialmente um esclarecimento do histórico da denominação em estudo, especialmente devido ao uso nessa pesquisa de fontes primárias ligadas à IASD. Em segundo lugar, o conceito de voluntariado foi explorado em uma revisão bibliográfica, tendo por objetivo fortalecer o objeto de estudo, assim como termos ligados ao tema principal, sempre com o objetivo de fortalecer o conhecimento, antes da realização da análise e busca de fraquezas e oportunidades.

Após uma visão geral desses tópicos, levantaram-se as referências no *corpus* do estudo (RA) e sua devida análise. O recorte estabelecido no *corpus* da RA (1982-2018) se determinou por identificar que o movimento de receber missionários e voluntários começa a se inverter do ato de receber, passando a enviar. Eis o motivo do recorte de estudo desta pesquisa, que está ligado ao último meio século da RA.

A partir dos pontos levantados, alguns problemas foram formulados: Quais tendências apresentadas na RA sobre voluntariado religioso podem ser inferidas nesse período (1982-2018)? A RA, dentro desse recorte, apresenta informações que demonstram o desenvolvimento do voluntariado religioso da comunidade adventista brasileira?

Dentro da necessidade de responder a esses questionamentos, o estudo descreveu o desenvolvimento histórico da IASD, assim como abordou as tendências sobre o voluntariado religioso adventista brasileiro. Além disso, analisou as tendências apresentadas na RA sobre voluntariado religioso (1982-2018), em busca de citações correlativas sobre voluntariado, visando mensurar, identificar e avaliar o desenvolvimento dos voluntários religiosos adventistas brasileiros.

Em seguida, foi realizado o levantamento dos termos apresentados no *corpus* do estudo, a RA. A pesquisa teve por objetivo estabelecer um diálogo direto entre o periódico e as descrições definidas, buscando-se relacionar o conteúdo de notícias com a visão crítica do autor. Esse momento foi reservado para uma análise mais direta e exclusiva com o objetivo de visualizar fraquezas e oportunidades para o desenvolvimento do voluntariado religioso adventista brasileiro.

Após analisar as informações contidas no acervo da RA, *corpus* deste estudo, algumas inquietações surgiram como resposta à pergunta-problema desta pesquisa. Elementos relacionados aos desafios do voluntariado religioso adventista brasileiro foram encontrados e compartilhados como sugestões. Entre esses desafios estão o envolvimento pessoal, a busca de atuação em alcance global, estruturas flexíveis, parcerias ativas e comunicação transcultural intencional, assim como reflexão acadêmica mais aprofundada sobre o assunto.

Figura 20. Capa da RA (jun. 2015)



Entre as ilustrações já apresentadas no presente estudo, seguramente a Figura 20 é bastante apropriada para representar e encerrar a conclusão desta pesquisa, como um símbolo de todo o processo de desenvolvimento da IASD em ir além para alcançar. A capa da RA de junho de 2015 retrata o envio de dezenas de famílias pela primeira vez na história da denominação brasileira que foram enviadas para países distantes, sem presença majoritária cristã e alguns desses países com diversas necessidades sociais. O desejo de construir o que um dia a história proporcionou na IASD brasileira leva a administração eclesiástica atual a criar novas rotas para voluntários dessa denominação.

A análise do presente estudo corrobora academicamente o sentimento daqueles que estão envolvidos no voluntariado adventista brasileiro: ainda há muito caminho a percorrer, seja para enviar mais voluntários, seja para (re)pensar como se está realizando esse processo e como se deve continuar a fazê-lo.

Seguramente muito ainda precisa ser feito no processo de solidificação do voluntariado religioso adventista. Através dos novos meios de comunicação, o mundo parece estar cada vez mais reduzido, e o desejo de ser relevante e estar presente de maneira global deve fazer parte daqueles que estão envolvidos e promovem o voluntariado na IASD. A liderança eclesiástica, sempre que possível, deve promover e incentivar a inserção dos seus membros nesse setor e, por outro lado, cada membro precisa se questionar como pode fazer parte de tudo isso. Sendo a RA o órgão oficial de comunicação da igreja no Brasil, espera-se que ela registre e promova essa evolução.

5 REFERÊNCIAS

ALLEN, M. **Conducción divina o presión mundana?:** el ministerio joven en la Iglesia Adventista. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica:** um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.

ARANTES, E. M. M. Rostos de crianças no Brasil. In: PILLOTTI, F.; RIZZINI, I. (Orgs.). **A arte de governar crianças:** a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995.

ASHCRAFT, W. M. Progressive millennialism. In: WESSINGER, C. (Ed.). **The Oxford handbook of millennialism.** Nova York: Oxford University Press, 2011. p. 44-65.

BARDIN L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, A. M. **Trabalho voluntário e trabalho religioso.** *Revista do TST*, Brasília, v. 66, n. 1, jan./mar. 2000, p. 89-115.

BAUER, B. O desafio restante. **Foco na pessoa**, n. 4, p. 47, 2013.

BERGER, P. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BORBA, W. R. **A base missionária adventista do sétimo dia:** sua formação, consolidação e expansão. 2009. Tese (Doutorado em Teologia). Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2009.

BORBA, W. R. **História del servicio voluntario adventista em la división sudamericana, 1982-2016.** 2017. Tese (Doutorado em Teologia). Universidad Peruana Union, Peru, 2017.

BORGES, Michelson. **A Chegada do Adventismo ao Brasil.** Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2000.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CANALE, F. The eclipse of Scripture and the protestantization of the Adventist mind – part 1: the assumed compatibility of Adventism with evangelical theology and ministerial practices. **Journal of the Adventist Theological Society**, Collegedale, v. 21, n. 1-2, p. 133-165, 2010.

CANALE, F. The eclipse of Scripture and the protestantization of the Adventist mind – part 2: from the evangelical gospel to culture. **Journal of the Adventist Theological Society**, Collegedale, v. 22, n. 2, p. 102-133, 2011.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. **Sobre.** Disponível em: <<https://www.cpb.com.br/institucional/sobre>>. Acesso em: 21 maio 2019.

CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE – BRASIL. **Sobre a Igreja Adventista.** Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/iasd/o-que-e-a-igreja-adventista-do-setimo-dia-iasd/>>. Acesso em: 21 maio 2019.

COSTA, F.; DIAS, M. (Orgs.). **Missiologia intercultural:** refletindo a realidade brasileira. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2016.

DAVID, S. **Catolicismo popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980).** 2000. 425f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2000.

DIAS, M.; KUHN, W. Dez focos para o avanço da missão. In: DIAS, M.; FOLLIS, Rodrigo; KUHN, W. (orgs.). **Missão e voluntariado:** teologia, história e desafios atuais. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2018.

DOSS, C. (Org.). **Passaporte para a missão.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DOUGLASS, H. E. **Mensageira do Senhor:** o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

DUARTE, P. **Relação de trabalho e discurso religioso:** um estudo de caso comparativo entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Adventista do Sétimo Dia. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Positivo, Curitiba, 2013.

FALEIROS, E. T. S. A criança e o adolescente: objetos sem valor no Brasil Colônia e no Império. In: PILLOTTI, F.; RIZZINI, I. (Orgs.). **A arte de governar crianças:** a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Penso, 2008.

FOLLIS, R. **Memória, mídia e transmissão religiosa:** estudo de caso da *Revista Adventista* (1906-2010). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

FORTIN, D. **Enciclopédia Ellen G. White.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

FRANCO, M. L. P. B. O que é análise de conteúdo. *Cadernos de Psicologia da Educação.* São Paulo, v. 7, p. 1-31, 1986.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas,** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GREENLEAF, F. **Terra de esperança**: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HUDSON, M. **Administrando organizações do terceiro setor**. São Paulo: Makron Books, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=2094&z=t&o=1&i=P>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

KISNERMAN, N. **Introdução ao trabalho social**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

KNIGHT, G. R. **Uma igreja mundial**: breve história dos adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KNIGHT, G. R. **William Miller and the rise of Adventism**. Nampa: Pacific Press, 2010a.

KNIGHT, G. R. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**: estamos apagando nossa relevância? Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010b.

KNIGHT, G. R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LAKATOS, E. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAND, G. Coping with change, 1961-1980. In: LAND, G. (Ed.). **Adventism in America**: a history. Berrien Springs: Andrews University Press, 1998. p. 171-190.

LOPES JR., D.; BRAGA, A. (Orgs.). **O poder do voluntariado**: reflexões e relatos sobre o voluntariado no Unasp, campus São Paulo. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018.

MALHEIROS, I. Os adventistas do sétimo dia e o fundamentalismo cristão: Uma avaliação histórica e teológica. **Plura – Revista de Estudos de Religião**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 223-247, 2016.

MANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: edição revisada na Assembleia da Associação Geral de 2015. Disponível em: <<http://deptos.adventistas.org.s3.amazonaws.com/institucional/pt/manual-da-igreja-adventista-2015.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2019.

NISTO CREMOS: as 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

NOVAES, A. M. **O problema adventismo-televisão**: uma análise do pensamento adventista sobre a TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em *Cristo e cultura*. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NEUFELD, D. F. (Ed.). **Seventh-day Adventist encyclopedia**. 2nd rev. ed. Hagerstown: Review and Herald, 1996. (Commentary reference series, v. 11.)

NIEBUHR, H. R. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: Aste, 1992.

OLIVEIRA FILHO, J. J. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 157-179, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030/11602>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PELIANO, A. M. T. M. (Coord.). **Bondade ou interesse?** Como e por que as empresas atuam na área social. Brasília: IPEA, 2001.

PILOTTI, F.; RIZZINI, I. **A arte de governar crianças:** a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995.

SCHÜNEMANN, H. E. S. **O tempo do fim:** uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

SCHWARZ, R; GREENLEAF, F. **Portadores de luz:** história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

SNYDER, M; OMOTO, A. Volunteerism: social issues perspectives and social policy implications. **Social Issues and Policy Review**, Washington, DC, v. 2, n. 1, p. 1-36, 2008.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TENÓRIO, F. G. (Org.). **Gestão de ONGs: principais funções gerenciais**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.

TEIXEIRA, V. H. S. **História do Voluntariado no Brasil**. In: LOPES JR., D.; BRAGA, A. (Orgs.). **O poder do voluntariado:** reflexões e relatos sobre o voluntariado no Unasp, campus São Paulo. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018. p. 23-34.

TIMM, A. R. **O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2002.

TIMM, A. R. Missiologia adventista do sétimo dia, 1844-2010. In: SOUZA, E. B. de (Ed.). **Teologia e metodologia da missão:** palestras teológicas apresentadas no VIII Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano. Cachoeira: Ceplib, 2011. p. 3-27.

TIMM, M. Serviço Voluntário Adventista. In: SOUZA, E. B. (Ed.). **Teologia e metodologia da missão:** palestras teológicas apresentadas no VIII Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano. Cachoeira, BA: CePliB, 2011. p. 488-493.

VEYNE, P. (Org.). **História da vida privada:** do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

YOST, D. F. Autumn Council concludes its work. **Review and Herald**, 31 out. 1968, p. 1.

WESTPHAL, F. H. **Pioneering in the neglected continent**. Nashville: Southern Publishing Association, 1927.

WHITE, E. G. The true missionary spirit. **Review and Herald**, 10 jul. 1883, p. 433.

WHITE, E. G. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WILSON, J. Volunteering. **Annual Review of Sociology**, v. 26, n. 1, p. 215-240, 2000.

WINTER, R. D.; HAWTHORNE, S. C.; BRADFORD, K. D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.